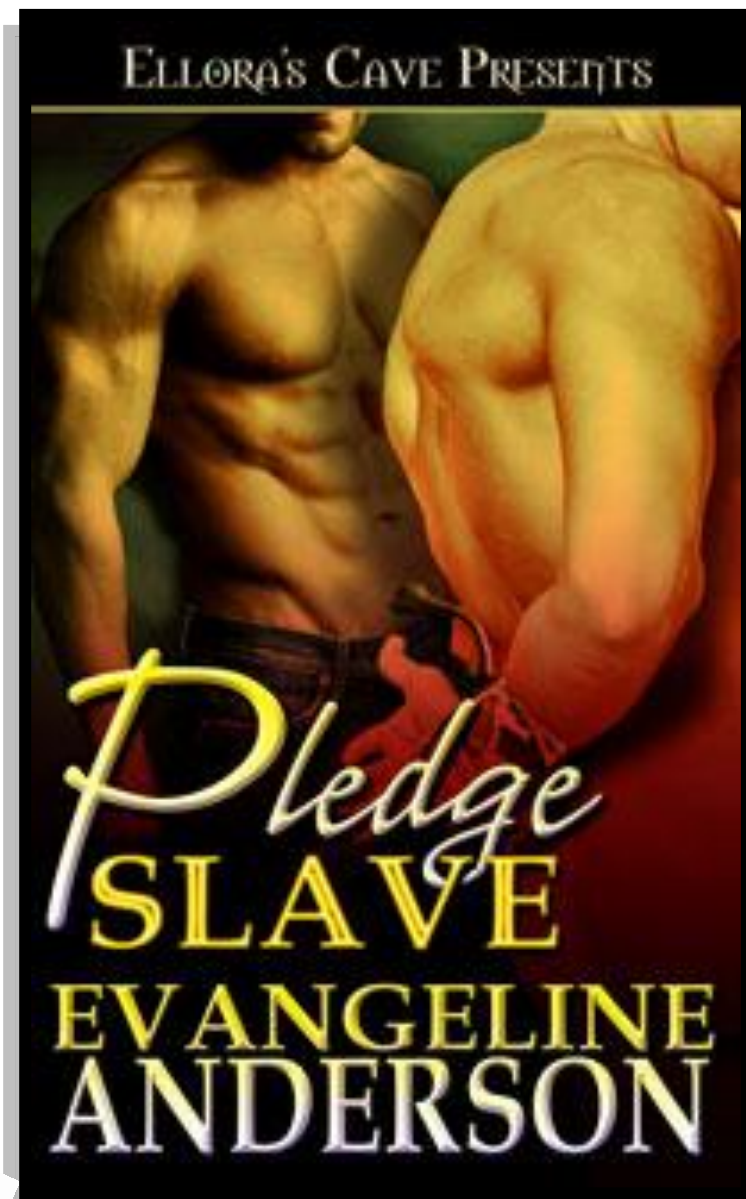


Escravo Comprometido

Evangeline Anderson





Resumo:

Andrew conhecia cada etapa futura de sua vida. Seu pai a tinha disposto. Iria à universidade, entraria na mesma irmandade a que seu pai tinha assistido. Formar-se-ia em advogado, se casaria com alguma loira, teria filhos e trabalharia no escritório da família até sua morte.

Tony sabia o que lhe proporcionava seu futuro. Estudaria na universidade de administração de empresas, ainda com a oposição de seu pai. Formar-se-ia, se encarregaria não só dos negócios familiares, mas sim também ocuparia seu lugar como líder da manada. Procuraria uma companheira e teria filhos.

A universidade mudou as coisas para ambos.

Entrar na universidade não foi fácil para Andrew, não se a única forma de agradar ao seu pai fosse aceitar ser um escravo comprometido sob as ordens de um estranho homem de profundos olhos escuros.

Ser seu escravo mudou sua vida.

Ser seu dono mudou sua vida.

Mas nada será fácil, não quando seu dono é um homem lobo que pode te destroçar. Não quando descobre que seu companheiro de vida é um homem e não a mulher que seu pai espera. E sabe que a manada jamais aceitará algo assim.

Disponibilização e Tradução: Ana Paula

Revisão: Ana Paula

Revisão Final e Formatação: Dyllan Lira

Revisoras Elloras

Capítulo Um

Hoje

Andrew Baines III estava preparado para morrer.

Tinha uma pistola, uma Glock de 9 mm que tinha pedido emprestada a um amigo policial, e sabia como usá-la. Tinha todos seus assuntos em ordem inclusive seu testamento, no qual deixava tudo a sua noiva, Elizabeth. Como sócio minoritário de Weston, Baines e Linden, um dos mais prestigiados escritórios de advocacia do Sul, havia muitas coisas que deixava, incluída sua casa da cidade, o navio, o Jaguar que a ela tanto gostava, e uma enorme carteira de ações. Do ponto de vista econômico tinha mais que a maioria dos homens de sua idade, mas isso não o tinha feito feliz, esperava que possivelmente fosse diferente para Elizabeth. Dar-lhe todos seus bens materiais era o mínimo que podia fazer por ela, já que nunca tinha sido capaz de lhe dar seu amor. A única coisa que ela não ia conseguir era Link, seu husky siberiano de raça.

Link iria para Tony Ginelli, seu companheiro de quarto da Universidade. Andrew não o tinha visto em quase nove anos, desde a noite em que... afastou a um lado as más lembranças. A questão era que, sem importar como de mal tinham terminado as coisas entre eles, sabia que Tony gostava de animais e queria que seu antigo companheiro de quarto tivesse algo para recordá-lo. Algo que fosse muito valioso para Andrew. E queria que Tony soubesse que tinha pensado nele antes de morrer.

Tinha conseguido o endereço atual do e-mail de Tony de um desses lugares na Web — Localiza aos seus antigos companheiros de classe — E esperava que fosse correto. Se não, supunha que Elizabeth teria que encontrar um lar para Link. Não seria difícil, o husky era um lindo animal de caráter doce.

Andrew só esperava que se alguém além de Tony ficasse com a cadela, dispusesse de mais tempo para passar com ela do que ele tinha tido. Ultimamente parecia que passava mais tempo trabalhando que em casa e quando não estava trabalhando, estava fora planejando o enorme casamento de cinco cifras que Elizabeth tinha insistido em ter. O casamento, que agora nunca aconteceria. Sentia um grande alívio por isso. Ao menos não ia ter que estar de pé frente a quinhentos amigos, familiares e estranhos, e mentir — Isso já era algo.

Pensou que possivelmente foi à perspectiva do casamento o que finalmente o levou ao limite. A idéia de atar-se para sempre a alguém que não amava, quando a pessoa que lhe interessava de verdade estava fora de seu alcance para sempre, era apenas demais para ele. Levava vivendo com Elizabeth já um tempo, mas somente tinham anunciado seu compromisso na noite anterior em uma enorme festa na casa de seus pais. Andrew apenas podia recordar o contorno impreciso de rostos sorridentes, de mãos sacudindo a sua, de vozes felicitando-o por sua boa sorte. Se somente soubessem como se sentia em realidade, como estivesse se afogando em muitas mentiras, lutando em uma rede de enganos que ele mesmo tinha tecido.

Andrew respirou profundamente e se livrou das lembranças da noite anterior. Tinha que voltar para o assunto que tinha entre as mãos. A nota de suicídio, tal era em realidade,

estava terminada. Colocou-a com cuidado no batente da janela de sua cara casa da cidade de mais de 700 metros quadrados. A nota simplesmente dizia:

“Sinto muito. Já não posso seguir com isto. Por favor, me perdoe. Andrew.”

Não ficava nada por fazer exceto apertar o gatilho. Separou-se da janela e foi procurar a pistola na cômoda. Jazia como um brinquedo mortífero entre seu relógio Omni e as abotoaduras cravadas de diamantes que Elizabeth lhe tinha dado como presente de compromisso. Quando levantou o frio e metálico peso do letal instrumento em sua mão, deixou de examinar seus pensamentos.

O pesado espelho de moldura em mogno que pendurava na parede frente ao aparador mostrava um homem forte, de um pouco menos de um metro e oitenta de altura, com cabelo loiro escuro e grandes olhos azuis rodeados por densos e negros cílios. Seus traços eram um pouco demasiado finos. Um pouco demais delicados para ser tão masculinos como teria lhe agradado, mas entre os que tinham um “rosto bonito”, ele não se sobressaía. Ia à academia de forma regular para manter-se em forma, mas não tinha músculos marcados, mas sim um corpo delgado de nadador. Estava usando uma simples camisa azul sem abotoar e uma calça caqui que lhe vestia bem, o qual era engraçado, considerando que era a última roupa que ele teria usado.

Olhando-o agora, ninguém poderia adivinhar que era o próximo em se converter em sócio do escritório e conseguir um salário de seis cifras o que ia conseguir ao casar-se com a mais nova esposa-troféu do sul — Uma debutante loira como um bombom de uma das principais famílias. — Ele parecia mais um rapaz qualquer de quase trinta anos que podia ver pela rua. Andrew pensou com amarga satisfação que podiam vesti-lo elegantemente com um traje Armani, em seu funeral. Os que Elizabeth tinha muito carinho e que seu pai tinha insistido que vestisse para ir ao escritório. Agora mesmo tinha decidido morrer confortável.

Foi com uma mistura de alívio e pesar que levantou o frio e firme peso da Glock para seu rosto e deslizou o cano da pistola entre seus lábios. O canhão tinha sabor de óleo e se sentia frio contra sua língua e ele o dirigiu apontando ao céu da boca. Tinha lido histórias tenebrosas na Internet sobre pessoas que haviam se lobotomizado ou que voaram a mandíbula, em incompetentes intentos de suicídio. E ele estava decidido a fazê-lo direito. A bala entraria pelo meio de seu cérebro e sairia pela parte de trás de sua cabeça, matando-o instantaneamente. Não mais dúvidas. Não mais remorsos. Somente o final de Andrew Baines III.

Seu dedo já estava apertando o gatilho quando ouviu um gemido intranquilo procedente do andar de baixo. Link andava de um lado a outro da cozinha, as unhas de suas patas estalavam nos ladrilhos italianos importados. Ela sempre queria estar ao seu lado, mas Andrew tinha decidido que era melhor encerrá-la na cozinha enquanto ele fazia o que tinha que fazer. Não gostava da idéia de seu sangue salpicando sua pelagem branca como a neve ou de que pudesse colocar-se de algum jeito na trajetória da bala uma vez que esta saísse por detrás de sua cabeça.

“Perdoe-me Link,” pensou com o dedo pressionando um pouco mais sobre o gatilho. Quero você, garota, mas chegou o momento de partir. “Não se preocupe, estou certo de que

Tony cuidará muito bem de você. Sei que sempre cuidou muito bem de mim...” Empurrou o pensamento fora de sua mente rapidamente. Não havia tempo para remorsos, somente para a ação. Um aperto e acabaria com tudo. Uma única bala era tudo o que fazia falta para acabar com a mentira interminável em que se converteu sua vida.

De repente, ouviram-se golpes frenéticos na porta dianteira. Andrew sofreu uma sacudida e o canhão da pistola chocou dolorosamente contra seus dentes dianteiros antes que a tirasse de um puxão de sua boca.

— Que demônios...? A pergunta logo que teve tempo de formar-se em sua mente antes de ser respondida.

— Drew? Drew! — Uma profunda e zangada voz gritou desde fora. — Maldição! Vêem abrir esta porta agora!

Só havia uma pessoa que sempre o tinha chamado assim, somente uma pessoa que era possível que estivesse em sua porta dianteira.

Tony. Mas como tinha ficado sabendo? E por que estava ali? De verdade lhe preocupava o que tinha passado a Andrew depois de todos aqueles anos?

— Drew? Maldição, não faça que derrube essa maldita porta!

Andrew olhou pela janela. Efetivamente, era Tony, sua altura, seu corpo de largos ombros era inconfundível na minguante luz do pôr-do-sol. Alto em uma esquina do céu, levantava uma fantasmagórica lua cheia, que de algum jeito o fazia parecer inclusive maior. Inclusive embora tivesse passado anos desde que Andrew o tinha visto pela última vez, sabia que nunca esqueceria seu poderoso corpo, seu grosso cabelo negro e seus insondáveis olhos negros que podiam mostrar fúria em um momento e estar cheios de riso em seguida.

Antes, a visão de seu velho amigo esmurando a porta, lhe pedindo que a abrisse. Ordenando-lhe baixar, faria deter-se a Andrew. Mas esses tempos tinham passado e ficado atrás, quando tinham se encontrado pela primeira vez. Atrás naqueles poucos e mágicos meses nos quais tinham compartilhado mais que uma amizade e antes da noite que tinha mudado suas vidas para sempre. Aqueles dias e o vínculo que ele e Tony tinham compartilhado estavam perdidos agora, para sempre fora de seu alcance. Era muito tarde.

Andrew voltou a colocar o canhão da pistola em sua boca.

Capítulo Dois

—Oh Deus, não permita que chegue muito tarde! — disse Tony em voz baixa. Esmurrava freneticamente a porta outra vez enquanto chamava aos gritos ao seu amigo. — Drew? Drew! — Não havia resposta.

Quando tinha recebido a mensagem de correio eletrônico, surpreendeu-se de ter notícias de Andrew, de saber que ainda pensava nele. Tinha aberto a mensagem com impaciência, perguntando-se se Drew estava preparado por fim para perdoar e esquecer. Preparado por fim para deixar que Tony voltasse a formar parte de sua vida. Mas o que leu quando abriu a mensagem o deixou gelado.

“Querido Tony,

Sei que passou muito tempo e provavelmente está surpreso de que escolha este momento para me colocar em contato contigo. Nem eu mesmo posso te dar uma resposta, somente te dizer que nunca deixei de pensar em ti. Agarrei o telefone centenas de vezes, querendo te chamar, mas nunca pude conseguir a coragem necessária depois do que passou na última noite em que estivemos juntos. Revivi essa noite em minha cabeça centenas de vezes, tratando de entender, mas suponho que nunca o conseguirei. Agora não importa porque não estarei aqui por muito mais tempo.

Acredito que o propósito desta nota é deixar atrás explicações esquecidas ou ao menos as posses materiais. O que eu gostaria de deixar para você é meu husky siberiano, Link. É uma preciosa e bem treinada cadela e sei que você gosta dos animais. Assim, se tiver um lugar em sua vida e em seu coração para ela, estaria muito agradecido.

Deveria terminar esta nota agora, mas me sinto obrigado a te dizer que apesar da forma em que as coisas terminaram entre nós; ainda é o melhor amigo que tive e os momentos que compartilhamos na irmandade em USC¹ foram os melhores de minha vida. Às vezes desejaria poder retroceder no tempo, para aqueles poucos meses porque acredito que foi a única vez que posso recordar haver me sentido completo. Depois disso, tudo mudou, rompeu-se em um milhão de mentiras. Mentiras que já estou muito cansado para seguir contando. Sempre te admirei por ser conseqüente contigo mesmo sem importar nada mais e desejaria poder fazer o mesmo. Acredito que as coisas se resolveriam de maneira diferente se o tivesse feito.

Drew.”

Tony moveu a cabeça. Manteve-se informado sobre a vida de seu velho amigo através de conhecidos mútuos, e sabia que qualquer um se perguntaria por que Andrew tinha decidido se suicidar. Parecia que tinha sua vida totalmente organizada, uma prestigiada e

¹ University of Southern Califórnia, é uma das universidades privadas mais prestigiadas dos Estados Unidos, localiza-se no coração de Los Angeles.

lucrativa profissão, uma linda casa para viver, um navio, um carro de luxo e uma noiva muito bonita.

Entretanto, tão inexplicável como parecia, Tony pensou que deveria ter uma idéia do por que Drew decidiria se suicidar quando tinha tanto pelo que viver. Mas havia uma razão que não se atreveu a considerar em anos. Não do final daqueles poucos meses juntos na USC que Drew tinha mencionado em seu correio. Não desde aquela última e horrível noite quando... um forte latido procedente do interior do apartamento interrompeu seus pensamentos. Devia ser Link, o husky siberiano do que lhe havia falado Andrew. Os huskies eram cães tremendamente leais e intuitivos, o fato de que um deles estivesse excitado e ansioso fazia que Tony pensasse que ela sabia algo a respeito do que estava passando. E possivelmente o fato de que estivesse tão alterada significava que ainda não tinha acontecido nada. Possivelmente não era muito tarde.

No momento em que derrubou a porta, sua mente retrocedeu quase nove anos atrás, à primeira vez que tinha visto a Andrew Baines III...

Capítulo Três

Nove anos antes:

Campus da USC

— Há um que vai ser um problema. — Steven Wainwright, o presidente da seção dos Alpha Psi da USC franziu o cenho e cruzou os braços sobre seu delgado peito enquanto olhava aos novos membros. Alpha Psi, cujo lema era — Irmão por Irmão, Nossos Corações Estão Unidos —, era uma das mais prestigiadas e inacessíveis irmandades do sul, assim não havia escassez de vítimas voluntárias quando chegavam às petições semanais. Os únicos selecionados como membros do Alpha Psi tinham que ganhar seu lugar na fraternidade passando uma semana de provas extremas que faziam que um acampamento militar parecesse uma creche. — Semana Infernal — a chamavam os membros. E seu nome encaixava.

— Qual deles é o problema? — Tony franziu o cenho, elevando a vista da navalha que tinha estado utilizando para limpar as unhas. Todos o olharam, colocados em uma tremula fila para serem inspecionados, mais meninos que homens. Mantinham o olhar baixo e respondiam — Sim, Senhor — e — Não, Senhor — às perguntas que os outros irmãos Alpha lhes gritavam à cara.

Tony não sentiu a necessidade de unir-se à intimidação. Media quase dois metros e pesava mais de 100 quilos, todo músculos. Seu tamanho e o discreto ar de perigo que sempre o rodeava lhe tinham feito ganhar o apelido de Touro — entre os outros Alphas e lhe garantia ser considerado uma figura intimidante inclusive embora não abrisse a boca.

Era um precioso entardecer no campus da USC e estavam de pé fora na varanda dianteira da casa da seção. Tony estava situado a favor do vento em relação com o grupo no outro extremo da varanda. Podia cheirar claramente o medo dos novos membros na suave brisa, um fedor à amônia, forte e agudo. Era óbvio que os moços estavam suficientemente assustados sem sua intervenção, embora ele não tivesse nenhum interesse em tomar parte nas provas, coisa que não tinha feito. Estava satisfeito permanecendo em silêncio ao lado de Wainwright, que estava inchando-se de importância no primeiro dia da Semana Infernal, olhando o trabalho dos outros irmãos.

Tony não se preocupava com Wainwright, que lhe recordava a um pequeno galo de briga, sempre se pavoneando apesar de que tinha conseguido seu posto como presidente da seção porque seu pai tinha sido um Graduado muito importante. Mas ele necessitava uma beca para permanecer no colégio. Queria conseguir seu título, sem lhe importar o que seu velho dissesse que um diploma era somente um monte de palavras ao azar; que não valiam nem o papel sobre o que estavam escritos. Assim apoiava a Wainwright e lhe permitia fingir que era seu guarda-costas pessoal, embora nada estivesse mais longe da realidade. Mas é obvio, não era assim como o viam os novos membros, nem sequer os outros irmãos Alpha.

As pessoas viam o que queriam ver no comportamento de Tony. Por exemplo, quando Wainwright olhou fixamente a fila de trêmulos candidatos, via um grupo de agitadores, um material novo que tinha que ser dobrado e remodelado para adaptar-se ao modelo de um Alpha Psi. Quando Tony os olhava, via um grupo de assustados e lastimados bastardos que

pareciam lamentáveis. Todos exceto um, um jovem magro de cabelo loiro escuro e grandes olhos azuis tão preciosos como os de uma garota. Olhos que não olhavam ao chão, mas sim observavam diretamente ao irmão Alpha Psi que lhe gritava na cara, tratando de intimidá-lo.

—Esse—, disse Wainwright, interrompendo o pensamento de Tony e apontando ao rapaz que ele tinha estado olhando. —Somente olhe a maneira em que encontra o olhar do Carter e não baixa o seu. Tal insolência beira a falta de respeito. Precisa receber uma lição.

—Ah, deixa-o em paz, Wainwright—. Tony franziu o cenho, ainda olhando ao rapaz em questão. Gostava um pouco da forma em que o novo recruta se recusava ir para trás e ceder terreno inclusive embora o maldito do Carter estivesse lhe gritando à cara. E tampouco havia aroma de medo nele. Cheirava... interessante. Novo. Tentador. O nariz de Tony se moveu nervosamente e ficou intrigado ao seu pesar.

“Um espírito indomável, um coração valente, um bom olho, busca estas qualidades quando escolher à outra metade de seu coração.” O ditado relampejou em sua cabeça procedente de nenhuma parte e Tony franziu o cenho. Havia uma empresa familiar, um grupo de empresas em realidade, esperando-o em casa. E seria uma loucura estar pensando em algo como isso quando estava olhando fixamente a outro homem. Isso era um conselho para descobrir a uma companheira, não a um amigo. Embora não tivesse inconveniente em ser amigo deste menino novo, pensou, se Wainwright não o fizesse escapar.

—É muito suave com os novatos—. A cara de Wainwright mostrou sua desaprovação, mas Tony arrumou para manter neutra sua própria expressão.

—De todas as formas, o que sabe sobre ele?— respondeu, tratando de soar aborrecido. Sabia muito bem que ficar do lado do novo recruta era demasiado. Wainwright tendia a implicar a qualquer um que lhe parecesse ameaçar sua popularidade ou sua autoridade.

—Vejam—, Wainwright baixou o olhar à pasta que continha uma foto e uma breve descrição de cada um dos novos candidatos. —Andrew Baines III, seu pai é um graduado. Oh! E olhe isto, tinha uma pontuação média de 4.0, graduado o primeiro de sua classe. Um verdadeiro sabichão.

—Sei—. Tony assentiu, admitindo o comentário de Wainwright sem mostrar acordo ou desacordo. Se não tivesse tido tanta prática em controlar sua ira no passado, os comentários deste anão o tirariam do sério de verdade. Depois de tudo, por que deveria cair mal de primeira o novo recruta ao presidente da seção? Somente porque era elegante? Mas sua espécie não podia deixar suas emoções fora de controle. Quando um were² perdia o controle, pessoas morriam. Mantém sempre o controle ao redor dos humanos. Era a segunda regra que tinha aprendido quando foi recrutado pela manada.

A primeira era, é obvio, Não diga a ninguém o que somos. Tony seguia ambas as regras religiosamente.

Graças ao seu treinamento precoce, era capaz de esconder seus sentimentos e simplesmente olhar fixamente sem mostrar nenhuma expressão ao recruta chamado Andrew Baines. Isso era uma coisa boa, também, porque sabia que se, se permitisse começar a odiar a Wainwright, isso se refletiria em sua cara.

² Homem Lobo.

—Crê que passará a Semana Infernal? — perguntou incapaz de deixar de olhar a maneira em que o mais jovem dos Baines resplandecia frente a Carter, o Alpha que lhe estava gritando à cara.

Wainwright sorriu com satisfação. —Se o fizer, o colocarei em uma habitação com o Carter. Deveria ser bom para dar umas risadas.

Tony franziu o cenho. —Carter o matará. Por que não o coloca comigo?

—Contigo? — Wainwright se virou para olhá-lo, a incredulidade refletida em seu rosto magro e marcado. —Demônios Touro! Nunca tomaste a um companheiro de habitação voluntariamente enquanto estiveste aqui.

—Sim, mas... — Tony procurou algo para dizer, alguma explicação que dar. Para ser honesto, nem sequer podia explicar a si mesmo suas impulsivas palavras. Tinha segredos que proteger, segredos que eram tremendamente difíceis de manter sem nenhum novo membro fuçando em sua habitação e colocando o nariz em seus assuntos. O bom senso lhe ditava que se retratasse de seu convite, mas por alguma razão não queria fazê-lo. —Eu... — começou outra vez, mas Wainwright o interrompeu.

—Já sei — quer um escravo comprometido, não é assim, grandão? — sorriu abertamente e deu um soco no braço de Tony. —Não posso dizer que não o compreenda, é um rapaz bonito, concorda? — assinalou a Baines com a cabeça outra vez e riu. Um som desagradável que colocou os nervos de Tony a flor da pele. Calma, pelo menos Wainwright lhe tinha proporcionado uma saída.

—Claro, suponho —. Encolheu-se de ombros sem comprometer-se. Baines tinha feições delicadas, que poderiam considerar-se bonitas em uma garota. Mas não era seu rosto o que atraía a atenção e a admiração de Tony, a não ser sua expressão. Por alguma razão sabia que o novo rapaz, Andrew, ou Drew, como já tinha começado a pensar nele, ia ser de algum jeito importante para ele. Não sabia como sabia, simplesmente sabia.

—Combinado então, terá um escravo por juramento —. Wainwright palmeou seu ombro e Tony esmagou o impulso de esmagá-lo como a um inseto.

—Obrigado —, disse, ainda olhando fixamente para frente.

—Se sobreviver à Semana Infernal, assim será. — Esta vez, a risada nasal e desagradável de Wainwright foi demais para agüentá-la. Tony se virou e retornou ao frio interior da casa da Fraternidade, saindo ao brilhante dia de outono e escapando de seu presidente. Mas não pôde evitar uma pontada de incerteza. Conhecendo ao Wainwright, ele idearia algo desagradável para seu escravo. As oportunidades de Andrew Baines III iam passar por momentos difíceis.

Capítulo Quatro

—Esta é a Semana Infernal, candidato. Vocês não são pessoas nem animais, são insignificantes. São inferiores, indignos de dar brilho com suas míseras línguas ao chão que pisamos. Compreendem?

—Sim, Senhor! — Andrew vociferou com cansaço, sabendo que o Alpha que lhe gritava à cara não toleraria nada menos. Estava no cômodo comum da casa da irmandade Alpha Psi, o lugar que planejava converter em seu lar durante os próximos anos de sua vida enquanto assistia à universidade, sempre que conseguisse entrar através de sua iniciação. A habitação comum era grande e confortável com vários sofás próximos às paredes onde todos os irmãos assistiam aos trotes do novo grupo de candidatos. A habitação era bastante acolhedora de uma forma parecida com um apartamento de solteiro, a única decoração era a esplêndida bandeira púrpura e dourada que adornava a parede e o espantoso bastão Alpha Psi, o qual tinha ranhuras nas mesmas cores, pendurado em um suporte cerimonial sobre a porta. Em circunstâncias normais, Andrew poderia ter gostado. Entretanto, as circunstâncias às que hoje se enfrentava eram no mínimo anormais.

Estava de joelhos nu no piso de madeira com as mãos atadas às costas com cinta adesiva, surpreso de que seu pai tivesse passado por semelhante loucura. De que ele soubesse no que tinha metido ao seu único filho quando pediu que fosse recruta do Alpha Psi. Seu pai tinha sido membro do Alpha Psi e estava decidido a que Andrew também fosse. Do mesmo modo, devido a que seu pai fosse advogado, os estudos de advocacia e seu preparatório foram à única opção aceitável para Andrew. Era como se o homem mais velho estivesse tratando de fazer as coisas outra vez através dele, fazê-las melhor. Inclusive embora não houvesse dúvida de que ele o teria feito melhor da primeira vez.

—O quão desesperadamente quer ser um Alpha, recruta? — gritou o Alpha que fazia os trotes, salpicando seu rosto com cerveja e saliva.

Em realidade não quero sê-lo absolutamente. Só estou optando por sua irmandade de merda porque meus recursos colegiais poderiam desaparecer se não o fizesse, pensou Andrew ressentidamente. Se tivesse seguido sua escolha, faria química orgânica em lugar de direito, mas não seguiu sua escolha e nunca o faria. Sua vida inteira tinha sido planejada para ele desde o começo até o final. Em voz alta disse,

— Senhor, o suficiente para fazer qualquer coisa, Senhor! — Tinha estado soltando à mesma resposta toda a semana e não acreditava que as coisas pudessem ficar piores.

Já tinha sido obrigado a correr ao redor do campus duas vezes, uma, vestido de mulher e a outra, completamente nu. Tinha a linha da cintura roxa onde tinha sido golpeado por alegres e bêbados irmãos Alpha, e tinha sido forçado a beber ao parecer inumeráveis canecas de cerveja ao final. De fato, tinha estado mais ou menos bêbado durante a maior parte da Semana Infernal. Era assombroso que não tivesse morrido envenenado por álcool. E os trotes não tinham terminado aí.

Essa manhã cedo, ele e os outros novos candidatos tinham sido conduzidos a um remoto lugar nos bosques da Carolina do Sul e abandonados descalços. Tinham-lhes ordenado encontrar o caminho de volta à casa da irmandade antes da saída do sol, o qual tinha conseguido fazer a maioria deles apesar do fato de que lhes tinha enfaixado os olhos de caminho ao bosque. Quando finalmente se cambaleou através da porta dianteira, esperando conseguir dormir algo, Andrew de fato tinha sido — transformado em uma árvore—. Amarrado a um enorme carvalho ao lado da casa da irmandade tal que as irmandades convidadas e seus próprios irmãos Alpha pudessem lhes lançar balões cheios de tinta, ketchup, mostarda e água gelada do peito à cabeça. Depois, ele e os outros candidatos foram obrigados a limpar a casa da irmandade inteira de cima abaixo com escovas de dente e com suas línguas, engatinhando por toda parte.

Andrew estava começando a sentir um ódio genuíno pelos seus chamados irmãos, um desejo ardente no meio do peito que nenhuma quantidade de espírito fraterno poderia esfriar. Mas algo além das demandas de seu pai o mantinha mais tempo depois de que muitos dos outros candidatos tivessem abandonado. Este algo era determinação, não importava o que lhe fizessem, não importava o que tivesse que suportar. Tinha decidido que não deixaria que a Semana Infernal o quebrasse. Assim, enquanto começava a odiar aos Alphas e inclusive mais ao seu pai por insistir em que passasse este sofrimento sem sentido, não obstante seguia, rechaçando parar sem importar que degradantes, exaustivas ou vergonhosas fossem as tarefas que lhe atribuíam. Não havia nada que lhe obrigassem a fazer que ele não pudesse suportar. Ou isso pensava.

— Levanta o olhar, candidato! — a voz como um latido de Steven Wainwright, presidente da organização e imbecil integral, atravessou o cansaço de Andrew. Tinha uma cara de doninha que brilhava com regozijo cada vez que representava um trote e, dentro dos Alpha, era um rapaz baixo, apenas um metro e setenta. Mas compensava com crueldade o que lhe faltava em estatura.

— Sim, Senhor! — deu-se conta de que suas pálpebras se fecharam e se forçou a abrir os olhos e a levantar o olhar. O que viu o fez ser consciente de que ainda não tinha passado pelo pior da Semana Infernal, longe disso.

De pé acima dele, estava o maior rapaz que já tinha visto. Um dos Galos da equipe de futebol da universidade, Andrew estava seguro, provavelmente um defesa. Tinha o cabelo negro e encaracolado e uns olhos negros que faziam jogo, mas não era sua cara o que preocupava ao Andrew nesse momento. Era o absolutamente enorme pênis que sobressaía de seu ajustado e descolorido jeans. O Alpha, cujo nome era Tony algo, estava acariciando lentamente a gigantesco pênis de carne agora só a umas polegadas da cara do Andrew.

OH, Deus, as histórias eram todas certas. Este gorila vai tomar-me por trás e não há nenhuma maldita coisa que possa fazer a respeito! Pensou Andrew, com o coração de repente paralisado. Tinha tido pensamentos a respeito deste tipo de coisas, não podia chamá-los exatamente devaneios, porque os apartava a um lado logo que lhe ocorriam. Mas sem importar como pudessem ser estes desejos secretos e vergonhosos, não desejava ser violado.

— Este é Tony, mas nós lhe chamamos — o Touro —, provavelmente pode ver por que. Vai ser seu companheiro de habitação e escravo comprometido se passar à iniciação, assim

quer te pôr a prova, — disse Wainwright, confirmando seus temores. — Tem uma formosa cara a que lhe tomou carinho. — Soprou um beijo ao Andrew e sorriu com satisfação.

Andrew sentiu que uma mescla de repulsão e cansada resignação o enchia. Podia rechaçar o juramento quando tudo tivesse terminado, ou podia inclusive ir à polícia. Mas o fato era que estava indefeso de joelhos com as mãos atadas às costas com fita adesiva, rodeado pelos olhares vigilantes dos outros irmãos Alpha. Tendo em conta todo isso, não havia maneira de escapar. Perguntava-se o que pensaria seu pai, tão profundamente homóforo, se soubesse que ao lhe dizer ao Andrew — Vá a Irmandade — terminaria com seu filho tendo o ânus ao ar.

— O que acontece, recruta? Acreditei que havia dito que faria tudo por ser um Alpha —. A voz do Wainwright tinha um toque de sádico especializado, e Andrew sabia que se estava divertindo de verdade.

— Sim, Senhor, mas não acreditei que teria que me atirar a todo o grupo como se fosse um membro de uma irmandade de garotas depois de beber toda a noite, — espetou Andrew, cansado de soar submisso.

A mão do Wainwright chegou de não sabia onde, fazendo que os ouvidos do Andrew zumbissem com a força do golpe.

— Basta já de estupidez, candidato! — grunhiu. — Recorda com quem está falando.

Estou falando com um grande pedaço de merda metida em um pequeno recipiente, imbecil. Andrew levantou o olhar, com a boca cheia de sangue procedente de seu lábio partido e grunhiu,

— Sim, Senhor. — A propósito cuspiu o sangue para um lado, quase em cima do sapato do presidente da seção. Os pequenos olhos do Wainwright se estreitaram com ira.

— Cuidado, recruta, ou conseguirá o que está pedindo —. Endireitou-se, sorrindo abertamente ao enorme Alpha que estava ainda acariciando lentamente seu imenso pênis. — Mas não se preocupe, não vais ter que tomar o pênis do Touro em seu ânus. Se isso fosse parte da Semana Infernal, não disporíamos de nenhum iniciado que pudesse caminhar direito. A quem enviaríamos então para a maratona da cerveja? — vociferou com umas gargalhadas que foram secundadas pelos outros Alphas e levantou a vista para o Tony, quem só assentiu sem rir. Wainwright se arrepiou e se voltou para o Andrew. — Não, recruta, tem sorte hoje. Verá, alguns dos outros irmãos e eu notamos que parece algo sedento. Assim para terminar sua iniciação, vais deixar que Tony te dê de beber. Espero que goste a jorros.

Andrew tentou esconder sua repugnância. Assim não era tão mau como tinha pensado. Só que ainda estava malditamente perto de ser suficientemente ruim. Conteve-se enquanto um dos irmãos formava uma larga e negra atadura para lhe tampar os olhos, deslumbrado pela altura do Alpha chamado Tony, quem estava a ponto de gozar em sua boca. Tinha que fazê-lo, mas não tinha que lhe gostar de e não havia maneira de fingir uma submissão servil só porque isso era o que esperavam dele esses imbecis.

Tony encontrou seu feroz olhar sem fazer nenhum comentário. Para surpresa do Andrew, quando um dos irmãos estava a ponto de lhe deslizar a grossa e negra atadura sobre os olhos, Tony sacudiu a cabeça e estendeu uma mão.

— Deixe-me fazê-lo — disse, falando em voz alta pela primeira vez, com uma voz tão profunda como um trovão. O outro Alpha se encolheu de ombros e lhe tendeu o tecido negro.

Tony colocou seu membro dentro das calças por um momento e agarrou a atadura com ambas as mãos. Ficando de joelhos, colocou-a brandamente ao redor da cabeça do Andrew e sussurrou, — Não se preocupe, menino. Só é clara de ovo.

— Não fale com o recruta! — vociferou Wainwright.

— Só lhe estava dizendo que é melhor que o trague tudo se não quiser levá-lo posto em seu cabelo, — disse Tony. Houve uma explosão de loucas risadas e então Andrew ouviu o roce de uns sapatos que se detinham detrás dele. Forçou o olhar através do negrume da atadura como se tivesse alguma esperança de ver através do grosso material, e então alguém agarrou dolorosamente uma mecha de seu cabelo para manter sua cabeça parada.

— Esfrega-a por sua cara, — ouviu que dizia Wainwright, sua voz nasal borbulhava com sádico regozijo. — lhe deixe saber exatamente do que vai isto.

— Não havia dito nada sobre isto. — A profunda voz do Tony soou descontente.

— Fá-lo, — insistiu Wainwright. — Vejamos como gosta de ter um pênis nessa formosa cara.

Ouviu o chiado de um zíper quando Tony tirou outra vez seu pênis e então o nariz do Tony se encheu do aroma almiscarado quase animal procedente do alto macho Alpha. A quente e dura longitude roçou brandamente sua frente e depois suas bochechas, as marcando com seu calor.

Andrew reprimiu a quebra de onda de emoções que ameaçavam apropriando-se dele. Tinha tido sonhos como isto, pervertidos, sonhos terríveis que queria esquecer logo que despertava. Mas esta realidade era por um lado melhor e por outro pior do que sempre tinha sonhado. Mais que qualquer outra coisa, tinha medo de ficar duro diante do desumano presidente da seção e dos outros irmãos Alpha. Pensou que quase seria mais fácil ter a enorme ereção empurrando em seu corpo que agüentar esta tortura. O ligeiro roce da pele sedosa e quente sobre sua cara era quase muito para suportar.

— Sua boca, Touro. Ponha sobre seus lábios, — indicou Wainwright. — Vejamos como gosta disto ao menino bonito. — Houve uma pausa, presumivelmente em que Tony protestou em silêncio porque Andrew ouviu o presidente da seção dizer com tom enérgico, — Faça-o!

Depois de um momento de dúvida, a larga cabeça com forma de cogumelo seguiu um caminho descendente pela bochecha do Andrew e se deteve, apoiando-se ligeiramente sobre seu lábio inferior. Andrew sentiu como seu coração começava a retumbar dentro de seu peito. Deus, não posso acreditar que isto esteja acontecendo de verdade. Não posso acreditar...

— Abre a boca, recruta, e não morda, — indicou a voz do Wainwright.

Sentindo como se estivesse apanhado em um sonho do que não podia despertar, Andrew fez o que lhe disse, separando seus lábios e sentindo a enorme e grossa cabeça do pênis do outro homem entrando em sua boca. Inclusive embora logo que tinha roçado seu lábio inferior, pôde senti-la penetrando-o, entrando onde nenhum homem se supunha que devia entrar. Mas as coisas estavam a ponto de piorar.

— Agora a beija. Vamos, faça-o. — Wainwright soava fascinado, como se de verdade adorasse fazer que os homens chupassem uns aos outros. Definitivamente havia uma homossexualidade latente ali, mas Andrew não tinha tempo para análise. Estava muito ocupado tentando obrigar-se a obedecer.

Apertando os punhos detrás dele em um gesto de impotência, inclinou-se para diante, tomando a larga e quente cabeça em sua boca com uma suave sucção. A quente carne se sentia salgada contra sua língua e pensou que havia sentido um tremor no grande corpo do Tony ante seu ato de forçada submissão.

Uma larga e cálida mão cavou brevemente sua bochecha e logo se apartou quando Wainwright disse. — Que demônios acha que está fazendo?

— me assegurar de que não me morde, homem. — A profunda voz do Tony era pouco mais que um som entre dentes que Andrew pôde logo que ouvir através dos alentadores sons que estavam enchendo sua cabeça. Sua boca estava ainda cheia com o membro do outro homem, e ele sentia a terrível urgência de sugar mais dela entre seus lábios, tomá-la toda em sua boca ou tanta como pudesse dirigir. De algum jeito, era capaz de resistir apesar de que reconheceu que a excitação entre suas próprias pernas não podia ser controlada muito mais tempo assim como o medo e a repulsão de ceder à necessidade e ao desejo.

Amaldiçoou os terríveis desejos dentro dele. Amaldiçoou sua própria incapacidade de ser normal sem importar o muito que o tentasse. Nestes momentos deveria ter arcadas, não desejos de tomar mais do grosso pênis até sua garganta. O que lhe passava? Por que gostava disso?

— Chupa-a, — a brusca ordem do Wainwright penetrou a confusão que reinava em sua mente. — Chupa esse grosso pênis, recruta. Trabalha por sua bebida.

— Não, homem! Isto não forma parte do trato, — protestou Tony, entretanto Andrew notou que não fazia nenhum movimento para tirar seu pênis de sua boca. — Disse...

— Não importa o que haja dito, — grunhiu Wainwright. — Eu disse que o recruta tinha que tomar um gole de sêmen e isso é o que tem que fazer. Agora, faça! — produziu-se um movimento convulsivo como se alguém tivesse empurrado ao Tony para diante, e de repente a boca do Andrew se encheu com a grossa e quente verga. Ao princípio teve arcadas, afogado por tal tamanho desconhecido. Então, quase instintivamente, começou a chupar.

— Olhe como toma! Ao menino bonito gosta das varas, — cacarejou Wainwright enquanto a quente verga se deslizava para fora entre seus lábios e empurrava brandamente para voltar a entrar.

— Te cale de uma puta vez, Wainwright —, resmungou Tony e Andrew sentiu outra vez uma grande e cálida mão, esta vez enterrada em seu cabelo e guiando-o brandamente para proporcionar prazer ao outro homem.

— O que há dito? — o presidente da seção soava furioso.

— Disse que te cale. Não gosta disto, só está tratando de acabar o de uma vez. Você faria o mesmo se um homem estivesse fodendo sua boca, imbecil.

A profunda voz do Tony soava entrecortada e Andrew sentiu o repentino desejo de ser capaz de ver sua cara, de ver como o comovia o que Andrew tivesse sua boca sobre o membro deste enorme homem. Então recordou que todos outros Alphas não duvidavam em observar sua degradante atuação e de repente se sentiu contente por ter posta uma atadura sobre os olhos.

Não posso pensar nisto agora, dizia-se a si mesmo com severidade. Só fá-lo. Terminá-lo. Ao menos Tony lhes tinha proporcionado aos outros irmãos uma explicação para seu repentino desdobramento de entusiasmo, pensou agradecido. De outra forma, pareceria que

de verdade gostava de chupar seu pênis. Mas não gostava, verdade? Era impossível que lhe soubesse bem a grossa verga deslizando-se entre seus lábios, que se sentisse bem, como se voltasse para casa depois de uma viagem comprida e tratando de ser o que não era, o que nunca poderia ser. De maneira nenhuma. Verdade?

Tratou de desconectar sua mente e concentrar-se em lhe proporcionar tanto prazer como fora possível. Tony tinha razão, precisavam terminar com isto. Precisava conseguir que o outro homem se corresse e tragar sua quente e salgada descarga ou esta tortura continuaria para sempre. Ou ao menos até que ele mesmo gozasse sozinho, chupando um pênis pela primeira vez. Repugnante! Deus, ele era repugnante. E ainda assim não podia parar.

— Está bem, Drew. Não se preocupe. — Ele ouviu sob o murmúrio, o comentário dirigido apenas a seus ouvidos, que penetrou através dos rugidos dentro de sua cabeça e Andrew se aferrou à voz do Tony como se fosse uma corda salva-vidas. Não tinha nem idéia de como o enorme Alpha conhecia seu nome, solo sabia que ambos estavam conectados de alguma forma. Tudo isto tinha chegado a ser mais que um trote que tinha saído mal. Formou-se um vínculo, de que tipo não sabia, quase tinha medo de averiguá-lo. Quão único sabia era que a grossa e sedosa ereção que continuava deslizando-se entre seus lábios se movia mais rápido agora, possuindo sua boca brandamente, mas com urgência como se Tony comesse a alcançar seu ponto crítico.

Sentiu o repentino desejo de ter as mãos livres, não para rechaçar os avanços do outro homem, a não ser para acariciá-lo. Assim poderia apoiar-se contra essas coxas duras como rochas e vestidos com uns jeans que tinha frente a ele, e trabalhar de verdade sobre o pênis de Tony da forma em que queria fazê-lo — a parte doente de si mesmo que tratava de esconder. Entre suas próprias coxas podia sentir que sua ereção palpitava sem poder conter-se, como se seus sentidos estivessem cheios do outro homem, seu forte aroma de macho, as deliciosas gotas do salgado pré-sêmen que chupava com avidez da ampla cabeça do grosso pênis que enchia sua boca. A grande e cálida mão que sujeitava sua cabeça, os dedos que a massageavam enquanto o ritmo do Tony adquiria velocidade e urgência.

Deus, não posso evitá-lo! Vou gozar quando ele o fizer. Gozarei com força. Pensou quase como um louco. E então Tony estava aí, sua mão agarrou o curto e suave cabelo castanho do Andrew em um punho enquanto um baixo gemido saía de sua garganta.

— Vou gozar, Drew. OH, Deus, não posso evitá-lo vou gozar agora! — grunhiu Tony, atirando dele para aproximá-lo mais.

Em vez de tratar de afastar-se como sabia que deveria fazer, Andrew avançou para diante, com os olhos apertados com força detrás da atadura enquanto tomava tanto da grossa verga em sua garganta como podia enquanto esta ejaculava. Enquanto tragava convulsivamente, tratou de inclinar seus quadris para baixo, esperando que nenhum dos observadores irmãos Alpha notasse que gozou ao mesmo tempo em que Tony. Gozou sem poder conter-se, mais forte que nunca antes e tudo por ser obrigado a chupar um pênis.

Mas não houve tempo para auto-recriminações. Andrew sentiu quebras de onda de prazer ondeando da base de seu espinho dorsal enquanto tragava jorro detrás jorro do salgado e deliciosamente amargo sêmen do Tony que descia por sua garganta. Pressionou sua cara com força contra a musculosa pélvis, sentindo os roce do áspero pêlo púbico do Tony contra suas bochechas enquanto bebia com entusiasmo. E enquanto tragava, entregando-se por

completo à experiência, banhou seu ventre sem poder conter-se com sua própria descarga de sêmen. Deus, se algum dos irmãos o notava... mas não o fizeram. Escutou incômodas aclamações por toda parte enquanto Tony se mantinha firme e sólido como uma rocha, com seu membro pressionando com força contra a parte posterior da garganta do Andrew enquanto seu orgasmo o sacudia.

Obviamente todos os olhos estavam postos no Tony e ninguém tinha notado que o novo recruta parecia estar desfrutando um pouco demais do final da Semana Infernal.

— Acredito que teve bastante —. A voz do Wainwright interrompeu seus pensamentos e sentiu que a grande mão do Tony se separava de seu cabelo, ao mesmo tempo em que a grossa ereção se deslizava fora de seus lábios machucados. Ouviu o ruído de um zíper ao fechar-se e depois pôde sentir que alguém se inclinava sobre ele outra vez.

A atadura se deslizou por sua cara e se encontrou examinando uma vez mais os insondáveis olhos negros do Tony. O enorme Alpha tinha uma expressão em sua cara impossível de ler, mas enquanto Andrew piscava para ele devido à repentina e deslumbrante luz, acreditou ler nos lábios do outro homem, — Sinto-o —. Tragou convulsivamente e assentiu ligeiramente com a cabeça, reconhecendo que o que tinha passado não tinha sido culpa do Tony. Não completamente, de todos os modos.

Enquanto sustentava o olhar fixo do Andrew, a enorme mão que sustentava a atadura baixou despreocupadamente e Andrew sentiu o largo tecido negro roçar seu ventre, limpando os restos incriminatórios de seu próprio sêmen. Assim Tony o tinha notado. Embora ninguém mais o tivesse feito. Sentiu uma relutante afinidade com este novo — irmão — que resultava impossível de descrever. Tampouco sabia o que pensar da expressão na cara do Tony. Então este se endireitou e voltou sua atenção ao Wainwright.

— Passou —. A profunda voz não admitia discussão e o negro olhar do Tony perfurou ao Wainwright com uma emoção muito mais fácil de ler — Ódio, deu-se conta Andrew com um sobressalto. Assim não era o único que queria ver o Wainwright pendurado por suas míseras bolas. Era uma revelação surpreendente. Mas se Tony odiava tanto ao presidente da seção e a tudo o que Alpha Psi significava, o que estava fazendo ali?

— Sim, passou. — Wainwright parecia confundido e insatisfeito. Provavelmente estaria mais contente se Andrew nesse momento vomitasse as tripas com repugnância, do mesmo modo que tinha feito depois de tragar-se meio barril de cerveja em uma prova anterior.

Deliberadamente, Andrew levantou a vista e se lambeu os lábios. A magra cara de doninha do Wainwright se endureceu.

— Muito bem, menino bonito, — grunhiu, — Está dentro, mas durante os dois semestres seguintes seu traseiro pertence ao Touro. Recorda que ainda não é um completo irmão, é um escravo comprometido. O que ele te mande fazer, faça. Se te disser que esfregue o banho, esfrega-o. Se te disser que escreva seus exercícios, escreve-os e faz um maldito bom trabalho. Se te disser que lhe chupe as bolas, chupa suas fodidas bolas. Entendido?

Olhando além do Wainwright, diretamente aos negros olhos de seu novo companheiro de habitação, Andrew murmurou, — Entendido. Senhor.

Tony olhou para trás com uma expressão ilegível em sua cara e Andrew se perguntou como seriam os dois próximos semestres.

Capítulo Cinco

Pensando sobre isso mais tarde, Andrew teve que admitir que de maneira nenhuma deveria ter terminado sendo o melhor amigo do menino cujo pênis se viu forçado a chupar. Deveria ter havido uma mútua desconfiança e provavelmente um ódio declarado pela degradação que tinha sido forçado a suportar. Estar na mesma habitação com o Tony deveria fazer que lhe desse as costas, deveria lhe fazer vomitar com culpa e repulsão. E contudo, por alguma razão, não ocorreu assim.

Quando arrastou a bolsa de lona e vários caixas que continham todas suas posses materiais, acima à habitação do segundo piso que ia compartilhar com O Touro na casa Alpha Psi, esperava ser recebido com uma gelada indiferença no melhor dos casos, ou uma aberta hostilidade no pior. Em lugar disso, Tony tinha tirado sua cama, que era ampla comparada com as estreitas camas dele, e o ajudou em silêncio quando começou a desempacotar. Andrew estava surpreso ao princípio, mas quando o enorme Alpha o ajudou a colocar sua mesa e lhe indicou um lugar livre aos pés de sua cama onde podia pendurar seus pôsteres, começou a relaxar com a cautela. Estava claro que Tony fazia um intento para ter pronta a habitação para ele, porque a cama e a área ao redor estavam vazias e a metade das paredes pronta para pendurar as fotos, pôsteres e a cortiça que utilizava para pendurar os avisos de exames importantes.

Não foi até que terminaram em silêncio de fazer a cama de Andrew com o lençol azul escuro, que sua mãe lhe tinha enviado de casa, que Tony falou por fim.

—Sinto o que aconteceu, — disse com voz profunda e sincera enquanto sustentava o olhar fixo do Andrew através do estreito colchão. —Não se supunha absolutamente que passasse isso. Normalmente mostram algum menino acariciando-se, então lhe enfaixam os olhos e disparam clara de ovo crua em sua garganta com uma seringa de injeção.

Andrew assentiu com rigidez. —Assim era isso ao que te referia quando me pôs a atadura. —

—Sim—. Tony teve a delicadeza de parecer envergonhado. — Wainwright é um imbecil—, disse, sua profunda voz lhe saiu em um baixo e sincero grunhido. —eu não te teria feito o que fiz se tivesse podido evitá-lo. Mas preciso pertencer à irmandade para permanecer na faculdade. Não disponho do dinheiro para me manter aqui por meus próprios meios. Sei que isso não é uma desculpa, mas...

— Não se preocupe. — Andrew sacudiu a cabeça, indicando que queria deixar de falar do incidente, como tinha começado a chamar mentalmente à última noite da Semana Infernal. —Eu tampouco quero estar aqui—, acrescentou, e falou com Tony sobre a insistência de seu pai em que fora a USC e se convertesse em um membro Alpha Psi. —Sou um estudante de leis, mas isso não é o que quero fazer—, disse amargamente, sentando-se em sua cama recém feita com um suspiro.

Tony se sentou a seu lado, seu maior peso fez que o magro colchão se afundasse alarmantemente. — O que você gostaria de fazer?— perguntou, soando genuinamente interessado. — E por que não o faz?

— Biologia — possivelmente zoologia. Fascinam-me os animais — sobre tudo as condutas de grupo. Quer dizer, por que as manadas se organizam hierarquicamente, e como se estabelece essa hierarquia? Além disso, às vezes descobre o fenômeno do lobo solitário, um animal que rechaça correr com a manada e então... — A voz do Andrew se foi apagando e sacudiu a cabeça, surpreso de que se permitiu a si mesmo falar de verdade com o enorme Alpha. Possivelmente tinha se perdido tão facilmente na conversação porque era óbvio que Tony estava escutando de verdade tudo o que ele estava dizendo, não só esperando seu turno para falar.

— Continua —. Tony o olhava genuinamente interessado.

Andrew se encolheu de ombros, envergonhado.

— Não. Perdoa, era muita informação. O assunto é que não quero fazer isto, mas leis é tudo o que meu pai me vai pagar. E porque não sou o bastante bom em nenhum esporte para conseguir uma bolsa. É óbvio, suponho que ajudaria ter a constituição de um armário. — Olhou ao Tony de para ver como seu novo companheiro de habitação se tomava o sutil sarcasmo e ficou aliviado quando viu que estava sorrindo.

— Claro, é de grande ajuda, — disse, assentindo. — Tenho sorte de sê-lo ou não poderia estar aqui. Meu velho não acredita nos estudos, diz que é uma perda de tempo. Uma desculpa para desperdiçar ao redor de quatro anos mais antes de fazer-se cargo dos negócios familiares.

— Sêrio? E qual é o negócio familiar, a luta livre profissional? — Por um momento Andrew pensou que tinha ido muito longe, mas então o moreno rosto do Tony mostrou um amplo sorriso.

— Sabe, para ser tão pequeno que poderia te partir pela metade como a uma parte de bolacha, é bastante desbocado.

— Ah, sim? Bom, tenho notícias para ti, Touro, não sou pequeno, o que passa é que você é malditamente grande, — replicou sorrindo abertamente.

— Sim, sim, todos os baixinhos utilizam essa desculpa. — Tony fez um movimento, como se estivesse espantando um mosquito, com sua enorme mão e Andrew teve um brilho de cor repentino de como se sentiu ter aquela mão enterrada em seu cabelo, animando-o a chupar mais forte e mais rápido. Rapidamente apartou a um lado a lembrança e tratou de voltar para os negócios.

— Assim se não for à luta livre profissional ou as competições de comer, a que se dedica exatamente sua família? — perguntou, olhando para baixo para estudar suas próprias mãos, de um tamanho normal, estendidas sobre seus joelhos.

— Construção e... bom, coisas assim. — A resposta do Tony soou estranhamente evasiva. Andrew levantou o olhar rapidamente para ver como observava atentamente a colcha feita de retalhos da estreita cama.

— Bom, um título em empresa é o único que pode servir nessa classe de companhias, — disse razoavelmente e Tony assentiu.

— Sei, é o que sigo tentando dizer a meu velho. Mas, sabe, é da velha escola. Não quer ouvir falar disso. Mantém em marcha o negócio só com o ensino médio, assim por que eu precisaria ir à faculdade e todas essas estupidezes.

— Que merda!, — coincidiu Andrew com sincero ardor. — É justo ao reverso com meu pai. Tudo o que faço tem que ser o melhor e o mais brilhante. É como se estivesse tratando de viver sua própria vida outra vez através de mim.

— Conheço esse sentimento, — disse Tony secamente. — Meu pai sempre diz, se não poder organizar sua própria vida, como vais dirigir à manada?

— Dirigir a manada? — Andrew franziu o cenho. — Algo assim como ser o capitão de uma equipe de futebol?

Tony de repente ficou pálido. — Algo assim. — esclareceu-se garganta. — Criamos alguns cães também. Algumas raças, ao menos.

Andrew se inclinou para diante com entusiasmo. — eu adoro os cães. Tenho uma cadela em casa — Mitzy. Só é uma vira-lata, mas juro Por Deus que é tão inteligente como a metade dos imbecis que me encontrei desde que cheguei a este lixeiro. Tenho-a desde que estava na sexta série. Que raça treina sua família?

Tony lhe dirigiu um olhar estranho e cauteloso. — Hum, ouviste falar do lobo irlandês?

— Sim. Maldição, não se supõe que são dos cães maiores do mundo? Tão grandes como um grande dinamarquês? — Andrew o olhou impressionado. — Sua família deve viver no campo para criá-los.

Tony se encolheu de ombros. — São grandes, sim. E estes são mais como, ah,... Lobos italianos, suponho. Mas sim, vivemos em um bosque. É bonito, entretanto. O fato de menos, sobre tudo... — Se interrompeu bruscamente, movendo a cabeça e de repente trocou de tema. — Olhe, como te disse antes, Wainwright é um imbecil. E enquanto esteja aqui em seu primeiro bimestre, será vulnerável a ele se quer ficar na irmandade.

Andrew sentiu como se um punho lhe apertasse a garganta. Tinham estado falando tão fácil e abertamente que quase tinha esquecido o que lhe tinha ocorrido durante a Semana Infernal. Agora todo isso voltava rapidamente para sua memória.

— O que... ah, o que pode fazer? — perguntou, sabendo que a resposta seria provavelmente, quase tudo. O presidente da seção dirigia sua casa com mão de ferro, e os mais ou menos quarenta irmãos que viviam ali estavam sob seu completo domínio.

— Bom, tecnicamente é meu escravo comprometido, — Tony parecia incômodo com a idéia. — Assim que se trata em sua maior parte do que eu posso fazer. Mas eu não farei nada, — acrescentou rapidamente, obviamente vendo crescer um olhar de pânico na cara de Andrew. — Assim não se preocupe por isso. Mas Wainwright pode te ordenar fazer coisas, né, para mim.

— Como te chupar o pênis? — Andrew ouviu a amargura em sua própria voz, e viu o surdo arrebatamento de vergonha que coloriu de vermelho a cara de seu novo companheiro de habitação.

— Disse-te que o sentia e o dizia a sério, — disse Tony em voz baixa. — Mas sim, como isso. Ou lavar minha roupa, ou esfregar o banho com uma escova de dentes. Ou centenas de outros sujos trabalhos que adora atribuir porque é um imbecil de talha mundial, entende?

Andrew assentiu a contra gosto. — Sim, notei-o.

Tony suspirou e passou uma mão por seus cachos negros. — vai fazer inspeções por surpresa, quase cada noite durante um tempo, assim temos que estar preparados. Provavelmente o melhor que podemos fazer é adiantar seus movimentos. Por exemplo, assim

que o veja te direi, Vá esfregar a banheira, escravo, ou qualquer outra estupidez como essa. Assim não pensará que estou sendo muito brando contigo. Entende-o?

— Entendo-o. — Andrew suspirou. — Deus, pergunto-me se as outras irmandades seguem este tipo de idiotices medievais.

Tony mostrava uma expressão séria. — Surpreender-te-ia, homem. Os idiotas como Wainwright desejam muito por controlar e pensam que é divertido que os irmãos façam mal uns aos outros. Não se supõe que vá passar nada — sempre se fala de fazer novas leis contra os trotes e demais, mas nunca o fazem. Mas olhe... — se inclinou e deu uma palmada ao Andrew nas costas, sua cálida e enorme palma se atrasou no bordo de seu ombro. — Todas essas ordens de merda são estritamente para seu benefício, e nenhuma se aplica quando só estejamos os dois aqui. Permanece perto de mim e eu tentarei interferir entre você e Wainwright. — Franziu o cenho. — Acredito que poderia necessitá-lo, tentei te ajudar para que não faça nada equivocado durante a Semana Infernal.

Andrew se encolheu de ombros.

— Ele tentou me levar pelo lado equivocado também. Pequeno imbecil.

Tony sorriu abertamente. — Assim eu gosto! Nunca vamos desfazer-nos do Wainwright porque seu velho é o que em realidade tem as conexões, um aluno super rico. Assim até que se gradue, Alpha Psi USC terá que agüentá-lo. Mas enquanto você me agüente e não o irrite, estará bem.

— Manter-me-ei tão longe dele como é possível, tendo em conta que vivemos na mesma casa, — prometeu Andrew firmemente. Baixou o olhar para suas mãos, inseguro do que ia dizer a seguir até que pronunciou as palavras. — Hum, queria te perguntar...

— Sim? — Tony o olhou, com um pequeno franzimento de lábios insinuando-se em sua expressiva boca.

— O que Wainwright disse durante... na última noite da Semana Infernal. Sobre que você tinha elegido para ser seu companheiro de habitação... — Andrew arriscou um rápido olhar ao enorme Alpha sentado a seu lado. — Era verdade?

— Bom... sim. — Tony se removeu incômodo no magro colchão a seu lado. — Mas não porque tivesse uma, cara bonita, ou alguma besteira do estilo. Mas sim porque eu gostei de seu espírito. — Assentiu. — Pude vê-lo em seus olhos, sua atitude de Foda-se. Podia ver que não deixaria que nada desta merda te quebrasse, e te admirei por isso. É a maneira em que me senti quando fui recruta.

Andrew lhe sorriu abertamente, sentindo-se melhor por nenhuma razão que pudesse definir em realidade. — Assim não estive mal para um pequeno, né? — perguntou, lhe dando um murro a seu novo companheiro de habitação em seu musculoso ombro.

— Não. — Tony o agarrou e lhe pôs um braço ao redor do pescoço como um combate em brincadeira. — Nada mal, recruta.



Capítulo Seis

Havia algo no novo recruta, em seu escravo, que Tony supunha que deveria dizer. Mas tudo isso eram mentiras, inventadas pelo Wainwright e os outros irmãos sênior para manter aos Alphas mais jovens controlados. Era também uma forma fácil e troca de conseguir que lhe lavassem a roupa, fizessem-lhe os exercícios,... e lhe chupassem o pênis. Não era que Tony fora a lhe fazer isso outra vez a seu novo companheiro de habitação. Estava profundamente envergonhado pelo que tinha ocorrido entre Drew e ele aquela última noite da Semana Infernal. O suficientemente envergonhado para tentar por todos os meios não recordá-lo absolutamente.

Ainda assim, às vezes de noite, sua mão se deslizava sob o ligeiro lençol com o que se tampava e acariciava seu pênis, aparentemente de forma espontânea. E as imagens que apareciam em sua cabeça não eram as de alguma coelhinha Playboy escassamente vestida, ou Kristy Turlington deitada sobre o porta-malas do Mercedes de seu pai e gritando como uma banshee enquanto Tony a investia por trás depois do baile de graduação, ou inclusive aquela vez em que tinha feito com as gêmeas Gibson. Não, era Drew, de joelhos, com as mãos atadas submissamente às costas e os olhos fechados pela concentração enquanto tomava seu grosso pênis até a garganta.

Tony sabia que estava mal pensar obsessivamente nessas lembranças, sobre tudo desde que ele e seu companheiro de habitação tinham deixado atrás o incidente. Mas não parecia ser capaz de evitá-lo. O tinham chupado antes, muitas vezes. Era alto, moreno e bonito, um herói do futebol e um veterano. Assim nunca lhe faltaram companheiros sexuais dispostos, embora como were tinha que ser cuidadoso sobre que momento do mês era para poder aproveitar sua boa sorte. Mas até que Wainwright tinha forçado ao Drew chupá-lo, nunca ninguém tinha chupado o pênis como se de verdade quisesse fazê-lo, como se lhe proporcionasse tanto prazer chupar-lhe, como ao Tony que o chupassem.

Era uma loucura, entretanto, e ele sabia. Em realidade Drew tinha desfrutado sendo forçado a chupar seu pênis tanto como ele tinha desfrutado forçando-o. Além do fato de que o que tinha passado era a mais brutal e grosseira forma de agressão sexual, havia outro pequeno detalhe, Drew era um homem, mas como, definitivamente, não era algo que Tony aceitasse.

Tony tinha crescido em uma família italiana e ninguém teve que lhe explicar quão incorreto era querer a outro homem dessa maneira. Quase podia ouvir a voz de seu velho em sua cabeça se alguma vez descobrisse o que tinha feito e o muito que tinha desfrutado fazendo-o. Maricas seria o apelativo mais amável que Tony poderia esperar ouvir aplicado a ele, a sociedade were estava muito afastada da tolerância sexual, permitindo apenas o politicamente correto. E então seria um exilado, já não sendo bem-vindo entre sua própria espécie.

Para algumas pessoas, isso seria seu pior pesadelo, mas às vezes Tony se perguntava se de verdade isso seria tão mau. Morreria se não tivesse à manada ao redor? Debilitar-lhe-ia a falta de contato social?

Sua gente eram animais de manada com o instinto para a interação social. Pareciam acreditar que ser exilado era o pior que podia acontecer a um deles, o fim de sua existência.

Mas Tony gostava de sentir a luz da lua em seus membros nus e elevar a voz em um canto solitário. Parecia-lhe que se pudesse encontrar só a uma pessoa, sempre que fosse a pessoa certa, para estar com ela, viver, correr e caçar durante o resto de sua vida, então seria em todos os sentidos tão feliz como se estivesse rodeado pela manada e seus uivos. Inclusive de vez em quando tinha considerado anunciar seu status de Lobo Solitário, mas não a sério. Se se separasse voluntariamente da manada dessa maneira e o deixasse tudo para trás para sempre, teria que ter uma maldita boa razão para fazê-lo.

À única pessoa a qual se atreveu a contar esses pensamentos foi a sua irmã pequena, Felicia. Ela compreendia seus sentimentos, sua frustração ao estar apanhado em uma posição em que em realidade não queria estar porque ela também estava apanhada. Apanhada por seu sexo e as tradições da manada em uma posição de fêmea inferior quando ela aspirava a muito mais. Tony falava com sua irmã de quase tudo, entretanto não tinha sido capaz de lhe confiar seus sentimentos pelo Drew. Para ser honestos, apenas se tinha atrevido a examiná-los ele mesmo. Eram incorretos, antinaturais. Mas Tony era um animal de instintos e não podia ignorar o que estes lhe assinalavam, que havia um pouco relacionado com o Drew. Algo correto.

Possivelmente fosse seu aroma, o mesmo afresco e tentador aroma que lhe tinha atraído a primeira vez que tinha visto seu companheiro de pé insolentemente na fila de trementes candidatos, recusando baixar o olhar. Ou a evidente inteligência que brilhava nos olhos azul escuro do Andrew e a facilidade com que se mantinha ao nível do resto de seus companheiros de classe. Tony nunca tinha sido muito aficionado aos livros, mas admirava a inteligência em outros e não havia dúvidas de que Andrew era brilhante. Ou possivelmente era seu irônico senso de humor e a maneira em que tinha sido capaz de ir além do que Tony lhe tinha feito e converter-se em um verdadeiro amigo.

Ou possivelmente... possivelmente era a conexão que tinham compartilhado durante aquele interminável encontro quando Drew estava ajoelhado chupando o pênis dele. Andrew provavelmente o negaria se Tony tirasse o tema a colação, mas ele sabia que o que tinham compartilhado tinha sido algo mais profundo e mais complicado que um trote que tinha saído mal. Tinha-o sentido nos lábios do Drew, na forma em que tinha chupado seu verga, levando-a até sua garganta tão longe como podia. Tinha-o visto na forma em que Drew tinha tragado cada gota de seu sêmen e tinha espremido seu pênis por mais quando Tony tinha ejaculado em sua boca. E, além disso, estava o inegável feito de que Drew gozou também...

Mas pelo geral, Tony tinha sido capaz de separar de sua mente esses loucos pensamentos e desfrutar da companhia de seu novo companheiro de habitação. Apesar do fato de que vivia na casa Alpha Psi, rodeados por seus irmãos da fraternidade, sempre tinha sido algo solitário. Mas com o Drew compartilhando sua habitação e sua vida, já não se sentia sozinho. Era livre para ser ele mesmo, para explorar quem queria ser, em lugar de ser sempre o que todo mundo esperava. Livre para sentir emoções que antes, sempre tinha considerado equivocadas.

E possivelmente livre para ter alguns pensamentos ilícitos a respeito de seu companheiro de habitação depois de que se apagassem as luzes. Inclusive se jamais os fizesse realidade.



Capítulo Sete

— Escravo, vêm me lavar as costas. — A profunda voz do Tony ressoou no banheiro, provocando um sorriso ao Andrew, quem estava estudando duro para um exame de metade de trimestre. Como tinha prometido, Wainwright fazia visitas regulares para controlá-los, e o jogo do escravo tinha terminado por converter-se em uma espécie de brincadeira entre ele e seu companheiro de habitação. Ultimamente, Tony se tinha inventado tarefas mais e mais extravagantes para benefício do Wainwright, algumas tão ridículas que Andrew logo que podia ocultar as risadas dissimuladas inclusive enquanto se precipitava a obedecer.

Escravo, vêm aqui. Encontrei uma barata que parece ter uma imperiosa necessidade de reanimação cardo pulmonar. E Andrew, com seriedade, agachava-se e fingia administrar medidas de primeiros auxílios ao inseto que estava patas acima no chão do quarto de banho. Ou Tony podia gritar, Escravo, as pontas de minhas meias três-quartos estão enrugadas. Saca a prancha e as arrume. Só as pontas — não faça nada com o resto da meia e vai a sério. Assim Andrew passava uns tediosos dez minutos engomando só as pontas das meias três-quartos de seu companheiro de habitação enquanto Wainwright os olhava indignado.

Fiel a sua palavra, Tony nunca lhe pediu nada nem remotamente sexual, e posto que passavam grande parte de seu tempo livre pensando em tarefas mais e mais absurdas para conseguir a aprovação do Wainwright, isso se tinha convertido em uma espécie de jogo para ambos. De vez em quando, Wainwright lhes adiantava e lhe dava uma ordem antes que Tony pudesse fazê-lo. Em momentos como esse, Andrew se encontrava esfregando as ranhuras entre os azulejos do quarto de banho com uma escova de dentes até que Wainwright ou ficava satisfeito com o trabalho servil que tinha imposto ou se aborrecia tanto que partia a torturar a outro casal de irmãos. Com um pouco de sorte, entretanto, esse último podia ser evitado porque sempre que Wainwright estava rondando, os Alphas faziam todo o possível para advertir uns aos outros.

No caso do Tony e Andrew, o aviso se produzia na forma de três golpes no chão do quarto de banho, que era o teto do dos irmãos que estavam debaixo deles. Assim, quando Tony o chamava para que fora a lhe lavar as costas, Andrew sabia que só dispunha de alguns segundos para entrar no quarto de banho e começar a esfregar como se sua vida dependesse disso — a menos que quisesse limpar o chão ao redor da privada com um cotonete, quando Wainwright chegasse e começasse a dar ordens.

Sendo Tony uma alternativa preferível, Andrew deixou seu livro no escritório e entrou correndo no quarto de banho. Havia uma única janela, alta na parede oposta e através dela se podia ver que estava anoitecendo rapidamente. O estreito quarto ladrilhado continha uma profunda e antiga banheira com patas em forma de garras que tinha uma cortina de argolas ao redor para o caso de que alguém preferisse uma ducha em lugar de um banho.

Tony era um dos poucos que Andrew conhecia que em realidade preferia um banho. Podia permanecer em encharco dentro da banheira durante horas, cantarolando entre dentes com satisfação enquanto as borbulhas perfumadas da água se dissipavam e o salpicavam de espuma. Era o único menino que Andrew podia pensar que era capaz de levar-se bem com os géis de banho enviados por sua irmã pequena de forma regular, tal que não tinha que comprá-

los. Por outra parte, quem ia considerá-lo menos macho por seus gostos em produtos de banho? Quando um menino mede quase dois metros e pesa mais de cem quilos com menos de seis por cento de gordura, criticar seus hábitos de higiene pessoal não era inteligente.

Pessoalmente, Andrew encontrava divertido o vício do enorme Alpha ao gel de banho. Faltava pouco para o aniversário de seu companheiro de habitação, e já tinha uma idéia para baixar à loja de banhos do centro comercial e comprar uma grande cesta de produtos de garota como brincadeira. Tony provavelmente lhe gritaria e lhe daria golpes sem fim, mas no fundo sabia que cada produto de banho que comprasse seria utilizado e desfrutado totalmente.

— Sim, Amo?— disse com sarcasmo, entrando no quarto onde Tony estava vagabundeando, seu comprido corpo meio coberto pela água espumosa. Tinha que dar crédito ao que tinha fabricado a banheira, já que era o suficientemente grande para alguém do tamanho de Tony. De fato, quase encaixava nela, sempre que não tratasse de estirar as pernas em toda sua longitude.

— Agarra a esponja e começa a lavar, Drew. — Tony se incorporou, a água se deslizava por suas largas e bronzeada costas, sua pele fumegava pelo calor. — Perdoa, ouvi os golpes e já não pude pensar em nada mais, — acrescentou em tom de desculpa.

— Não importa. — Ao Andrew realmente não importava. A lógica lhe ditava que deveria fugir tocar a seu companheiro de habitação depois da traumática maneira em que tinham sido apresentados. Mas não havia nada lógico em sua amizade com o Tony. De fato, encontrava que havia mais contato físico com o Tony de que tinha com amigos ou familiares lá em sua casa. Uma parte disso se devia ao feito de que Tony provinha de uma expressiva família italiana e sempre estava agarrando ao Andrew e brigando com ele ou lhe dando um desses rápidos e fortes abraços com os que Andrew tinha chegado surpreendentemente a afeiçoar-se. E, por outra parte, ao ser filho único de pais frios e distantes, Andrew desejava as expressões físicas de afeto nas que seu enorme companheiro de habitação era muito bom para dar. Sabia que deveria deixá-lo gelado ao abraçar e tocar o Tony, sabia que deveria ficar inclusive mais gelado com a idéia de vê-lo nu, ou ao menos parcialmente nu no banheiro. Mas por qualquer razão — razões sobre as quais não queria pensar realmente, — Não era assim.

Quando Wainwright entrou, Andrew estava esfregando laboriosamente as largas costas de seu companheiro de habitação, utilizando a redonda e grande esponja natural que a irmã pequena do Tony lhe tinha enviado com o último pacote de gel de banho com aroma a lavanda.

— Que diabos fazem duas garotas aqui?— vociferou Wainwright com sua nasal voz ressonando nas paredes revestidas de azulejos. Hoje levava o espantoso bastão Alpha Psi, suas listras reais roxas e douradas brilhavam na mortiça luz do quarto de banho. Andrew o observou pela extremidade do olho, era uma das poucas torturas que não tinham sido utilizadas com ele nem com nenhum outro recruta durante a Semana Infernal. O bastão Alpha Psi estava reservado exclusivamente para as infrações mais importantes dos irmãos já iniciados. Mas não queria dar ao Wainwright a satisfação de ver sua inquietação.

Elevou a vista com inocência, lhe dirigindo ao Wainwright um olhar confuso.

— Estou lavando as costas de meu Amo, tal como me ordenou, Senhor, — disse, lhe oferecendo um olhar do Bambi ao presidente da seção. — Não é isso o que teria que estar fazendo?

Os olhos do Wainwright se entrecerraram, e golpeou brandamente o comprido e horrível bastão contra sua perna. — Cuidado, escravo. — Sua voz era fria, suas palavras tintas de ameaça. — Sei que você e o Touro pensam que me põem em ridículo cada vez que subo aqui e não sei o que estão fazendo — provavelmente chupando-o pênis um do outro. Mas prometo aos dois que seu dia chegará.

— Cada cachorro tem seu dia. — A profunda voz do Tony parecia encher o quarto de banho como o vapor e embora não havia dito nada intrinsecamente ameaçador, Andrew de todas as formas sentiu calafrios descendo por sua espinha dorsal.

— Tem que vigiar essa boca, Touro, — acendeu-se Wainwright. — Não crê que está por cima do castigo só porque é maior que três irmãos juntos.

— Cruzemos essa ponte quando chegarmos a ela, Wainwright. — A voz do Tony mostrava uma relaxada indiferença que obviamente exacerbou ao presidente da seção.

— Posso te dizer que não te tem que preocupar com sua própria pele, — disse ao Tony, seu afiada nariz alargado quando cuspiu as palavras como dardos. — Mas você gostaria de ver castigar a seu amiguinho com o pênis? — assinalou ao Andrew com o bastão Alpha Psi, o pau a listrado assobiou ao atravessar o ar com a força do movimento. — Arrumado a que lhe deixaria umas marcas em sua bonita pele que lhes ensinariam a lhes comportar aos dois.

Tony não respondeu. Em vez disso, incorporou-se de repente no banheiro, com jorros de fumegante água descendo pelo musculoso muro de seu peito e ondulando em seus abdominais. Andrew sentiu que seus olhos se abriam como pratos quando viu seu companheiro de habitação totalmente nu pela primeira vez. Seu olhar percorreu os largos ombros e seus definidos braços, as fortes e sólidas coxas e a larga e o grosso pênis que pendurava como uma serpente dormida entre suas pernas.

A mensagem foi silenciosa, mas clara, se Wainwright queria meter-se com o Andrew, primeiro teria que passar por cima do Tony.

Andrew não sabia se, se sentia zangado com seu amigo por assumir que não podia cuidar de si mesmo, ou agradecido de que o protegesse da cólera do Wainwright. Mas independentemente do que sentia, não podia deixar de olhar o corpo nu do Tony. Não teria podido apartar o olhar embora soubesse que tal espetáculo o deixaria cego.

Viu um similar olhar de assombro cruzar através da cara do Wainwright, mas seus pequenos e turvos olhos mostravam um olhar envenenado com uma mortal dose de inveja. Não estava claro se queria ao Tony e estava zangado porque não podia ter o que sem dúvida imaginava que conseguia Andrew cada noite, ou se queria ser como o enorme Alpha e sabia que nunca chegaria a ter suas características físicas. O que estava claro para Andrew, de qualquer forma, era que ao Wainwright o devoravam o ciúmes. Possivelmente fora porque durante muito tempo tinha considerado o Tony como seu instrumento contundente, o porrete que sustentava sobre as cabeças dos assustados recrutas e que utilizava para ameaçar aos outros Alphas e mantê-los em linha. Enquanto tinha ao Tony dessa maneira, podia viver indiretamente através dele, exercendo uma força que nunca possuiria por si mesmo. Mas se o porrete decidia que tinha uma mente própria, para onde se voltariam suas ameaças? E o que faria quando o objeto de sua inveja não estivesse já sob seu controle?

Tudo isto cruzou a mente do Andrew em uma fração de segundo e então, com um último grunhido, Wainwright se apartou, deixando-os sozinhos por fim. Suspirou e olhou pela

alargada e estreita janela da parede oposta. Fora, a noite tinha caído completamente e as primeiras estrelas faziam sua aparição junto com uma fantasmagórica lua quase cheia.

— Não deveria ter feito isso. Provocou-o, — disse ao Tony quando a porta de sua habitação se fechou com uma portada e os passos do Wainwright se foram apagando fora pelo corredor. — vai tentar algo. Não sei o que, mas algo que seja, não vai ser um passeio pelo parque.

— Que se foda. Deixe-o vir — As palavras soaram como um lento e ameaçador grunhido. Tony parecia de algum jeito maior inclusive embora estava nu e molhado ainda. Pela primeira vez, Andrew vislumbrou um brilho de gênio em seu amigo do que nunca tinha suspeitado. Mas gênio não era em realidade a palavra correta, pensou com um pequeno calafrio interno. Não, o que tinha visto arder avançando obscuramente nas insondáveis profundidades dos olhos negros do Tony era fúria animal, pura e simples. A fúria de uma criatura selvagem que se sente ameaçada. Era uma emoção da que nunca teria suspeitado que seu enorme e de fácil trato companheiro de habitação seria capaz, e sabê-lo pôs uma capa de gelo ao redor de seu coração.

Então Tony o olhou, e outro tipo de calor ardeu em seus olhos. Andrew trouxe saliva, tratando de desfazer o nó que lhe tinha formado de repente na garganta. Perguntou-se se Tony teria tido esse olhar em seus olhos enquanto sua verga bombeava entre seus lábios, penetrando sua boca, uma fração de segundo antes de correr-se. De novo desejou não ter tido posta à atadura durante aquele quente encontro. Teria sido capaz de olhar nos olhos de seu amigo enquanto bebia o sêmen que Tony ejaculava por sua garganta abaixo.

— Tony? — perguntou através de uns lábios que de repente sentia paralisados. O que poderia fazer, perguntava-se, se o enorme Alpha de repente exigia uma repetição da última noite da Semana Infernal? Poderia ficar de joelhos e obedecer, tomando o grande pênis entre seus lábios pela segunda vez, ou lutaria contra isso? Sentiu que suas mãos se apertavam em punhos aos lados de seu corpo, uma quebra de onda de emoções em conflito quase o afogavam. No fundo de sua garganta quase podia sentir o sabor do denso, salgado e delicioso jorro do sêmen do Tony. Quase podia sentir aquelas grandes mãos enterradas em seu cabelo, animando-o a tomar mais, a tragá-lo tudo...

Tony sustentou seu olhar durante um comprido e silencioso momento, e ao final falou.

— Estou-me esfriando aqui. Passe-me a toalha. — Cabeceou para a enorme e esponjosa toalha de praia que era sua preferida, outro presente de sua irmã, e Andrew se apressou a agarrá-la. Mas quando seu amigo saiu da banheira e ficou jorrando água, simplesmente não lhe passou a toalha. Em seu lugar, começou a secá-lo silenciosamente, começando por suas largas costas, salpicada de gotas de água, e seguindo um caminho descendente por sua estreita cintura e suas firmes e musculosas nádegas.

Tony girou a cabeça e abriu a boca para dizer algo, mas a fechou outra vez quando Andrew se ajoelhou no chão a seu lado e cuidadosamente secou suas panturrilhas. Secava brandamente, quase com reverência, as gotas de água que cobriam sua macia e bronzeada pele, apartando a um lado o desejo de lambê-la, em seu lugar, de saborear cada centímetro do Tony, de adorá-lo com sua boca e sua língua. Era incorreto pensar dessa maneira, perverso, repugnante. Assim, por que seu pênis se sentia tão duro como se fosse romper a calça de moletom que tinha posto? E por que, em primeiro lugar, Tony lhe estava deixando fazer isso?

Indeciso sobre o que estava fazendo ou por que, Andrew apartou estas perguntas e as abandonou no fundo de sua mente, e se moveu até colocar-se em frente de seu amigo, com a toalha movendo-se para cima aparentemente por vontade própria. Quando alcançou a grosso pênis do Tony, encontrou-se com que o largo pênis que já estava semi-ereto e seguia crescendo enquanto continuava a lenta e erótica cerimônia da secagem. Lentamente, como se estivesse em transe, abriu a mão até cavar as duras bolas que penduravam como frutas amadurecidas embaixo, o endurecido membro de seu amigo. Queria sentir sua grossa e sedosa textura em suas mãos, queria as fazer girar em sua boca, as lambar e as chupar até escutar o gemido de seu amigo e sentir essas enormes mãos em seu cabelo animando-o uma vez mais...

—Para. — A mão do Tony em sua boneca não lhe provocou dor, mas sim era enormemente forte. Não se podia romper o apertão. Respirando profundamente, Andrew elevou a vista até encontrar seu negro e intenso olhar. —Não tem que fazê-lo, — disse Tony com voz baixa e intensa.

Andrew sacudiu a cabeça, ainda de joelhos diante do outro homem, justo como tinha estado à primeira vez, com a toalha molhada apertada em sua mão.

—Quero fazê-lo, — disse, pondo voz a um pensamento que não tinha sabido que estava em sua cabeça até que tinha saído de seus lábios. —Eu... não sei por que, mas quero fazê-lo.

—Não é suficiente. — Suave, mas com firmeza, Tony moveu a mão e agarrou a toalha. —Fala comigo quando souber o porquê, Drew. Agora sai para que possa me vestir.



Capítulo Oito

Tremendo, Andrew se obrigou a sair do banho e voltar para a habitação. Deixou-se cair sobre a mesa e ficou olhando fixamente sem ver os apontamentos para o exame, lendo a mesma frase uma e outra vez sem lhe encontrar sentido. Ao final as palavras se rabiscaram, via dobro devido às lágrimas ardentes e quentes que enchiam seus olhos.

Apagou a luz do escritório, de tal forma que a única iluminação na habitação era a da lua quase cheia que aparecia atrás das persianas abertas sobre a janela do quarto. Se tinha esperado que sua vergonha fosse mais fácil de suportar na escuridão, estava equivocado. Pôs a cabeça sobre o escritório, sua mente lhe dando voltas à repugnância que sentia para si mesmo. O que me passa? Por que sou assim? Por que não posso controlar estes desejos? Não posso acreditar que realmente tenha tentado tocá-lo! O que deve pensar de mim agora?

Elevou a frente uma pategada ou dois sobre o escritório de madeira e a baixou com força, fazendo que o escritório golpeasse contra a parede e lhe provocando um estalo de dor detrás dos olhos. Repetiu-o uma e outra vez, desejando poder amassar as perguntas em sua cabeça tão facilmente como golpeava a dor dentro dele.

— Drew? — Hey, Drew, que droga está fazendo? Detenha! — De repente umas enormes mãos o apartaram bruscamente do escritório e o arrastaram até a cama. Não a sua própria e estreita cama, a não ser a do Tony, maior.

— Me solte! Deixe-me sozinho! — Pela primeira vez desde que conhecia seu companheiro de habitação, Andrew lutou contra ele. Deu-lhe patadas, pegou-lhe e lhe golpeou, agitando-se violentamente — zangado além das palavras, cheio de uma cólera que não era mais que um negro desespero.

Tony recebeu uns quantos e firmes golpes, mas rechaçou defender-se. Em lugar disso, estendeu-se na cama e sujeitou os braços do Andrew a um lado. Também o rodeou com as pernas, esperando pacientemente até que a cólera remetesse e só ficassem as lágrimas. Pôs-se uma folgada calça de moletom como os do Andrew, mas seu peito estava nu e Andrew podia sentir o calor do grande corpo que estava atrás dele, irradiando através de todo seu corpo.

Chorou em silêncio, lágrimas quentes se deslizavam por suas bochechas e molhavam o travesseiro sob sua cabeça.

Estava horrivelmente incômodo por chorar frente a seu companheiro de habitação, cheio da inata vergonha que seu pai lhe tinha inculcado de uma prematura idade por chorar por algo. Os homens, os homens de verdade, não choravam. Ainda recordava aquela lição, aprendida fazia muito tempo quando tinha seis anos e tinha voltado para casa com o nariz sangrando e os joelhos arranhados por cair da bicicleta. Sua mãe tinha saído às compras com suas amigas e seu pai por uma vez tinha chegado mais cedo do trabalho, algo que provavelmente só tinha passado um punhado de vezes durante a infância do Andrew.

Recordou-o vividamente, dando tropeções na porta, horrorizado pelo brilhante líquido vermelho que saía de seu corpo. Tinha visto uns poucos dias antes em casa de um amigo uma espécie de drama médico que em realidade não tinha entendido, aonde um dos personagens tinha morrido, sangrado. Andrew recordou que tinha pensado, em sua ingenuidade infantil,

que isso era o que lhe estava passando a ele naquele momento, que estava perdendo tudo o sangue de seu corpo, que se estava sangrando, e logo estaria morto.

Tinha deslocado chorando até seu pai, que estava vendo uma espécie de programa leve de esportes na televisão com um monte de documentos legais estendidos ante ele. Andrew Sênior elevou a vista quando seu filho de seis anos entrou cambaleando-se no quarto, assustado e chorando, alargando suas mãos manchadas de sangue como um penitente em uma parábola bíblica.

— Papai! Papai, estou sangrando. Caí... caí da bicicleta e eu... eu... — mas Andrew tinha sido incapaz de continuar — estava chorando muito forte.

Seu pai lhe tinha jogado um largo e duro olhar e disse, — Que diabos te ocorre, Andrew? Acalme-se.

— Mas... — Andrew baixou o olhar por volta de seu pequeno corpo de seis anos de que gotejava o precioso líquido como se fora um carro avariado. Não se estava morrendo? E se o estava, por que seu pai não estava alterado? Começou a sorver ruidosamente outra vez, mas seu pai o apontou com um dedo, seus frios olhos tão azuis como os do Andrew se entrecerraram com repugnância.

— Te cale agora mesmo, menino, ou te darei uma razão para chorar. Sobe ao banho a te limpar e não quero escutar nenhuma palavra mais sobre isto. — Fez uma careta. — Bom Deus, qualquer pensaria que é uma garotinha te queixando dessa maneira. Você só bateu o nariz e arranhou o joelho, maldita seja! Vamos, te largue.

A sensação de repugnância que havia sentido seu pai por sua debilidade tinha permanecido dentro do Andrew durante o resto de sua infância e sua adolescência. Era a razão de seu ódio e medo de ser vulnerável e débil frente à outra pessoa, especialmente de outro homem. Assim logo que podia acreditá-lo quando o forte apertão do Tony se converteu em um quente abraço e seu amigo começou a sussurrar tranquilizadamente em seu ouvido.

— Tudo está bem, Drew. Deixe sair, cara. Está bem, apenas deixe sair.

Estava tão estupefato e confortado que o fluxo de lágrimas se deteve e ao final Andrew permaneceu tranqüilo entre os braços de seu amigo, respirando profundamente, suas bochechas ainda úmidas e seu coração ainda preocupado. Mas não tanto como antes.

Depois de muito tempo, Tony murmurou na parte de atrás de seu pescoço, — Passou?

Andrew fez uma profunda e tremente inspiração e logo deixou sair o ar lentamente.

— Sim —, disse finalmente. Mas quando se retorceu tentando soltar do apertão de seu amigo, Tony o sujeitou com mais firmeza.

— Não vai a nenhum lugar ainda, Drew, — sua voz retumbou como um trovão. — Não até que me diga o que passou. Por que estava tão alterado. Foi porque não quis que...

— Não —, Andrew o interrompeu rapidamente, movendo a cabeça contra o travesseiro. Tornou-se para trás contra Tony para escapar da zona úmida que tinham deixado suas lágrimas e seu amigo amavelmente atirou dele para aproximá-lo mais. — Não, eu... acredito que não posso falar disso.

— É obvio que pode —. A profunda voz do Tony soou suave e razoável na próxima escuridão total. — Pode me contar tudo, Drew, e te juro que nada sairá desta habitação. Além disso, precisa falar, sei.

Andrew soltou uma risada estrangulada que era mais bem um meio soluço.

— Os homens de verdade não falam sobre seus sentimentos — disse, esfregando-os olhos com a mão livre. — Merda, provavelmente os homens de verdade nem sequer têm sentimentos. Só vão ao trabalho, voltam para casa, comem e vêem Sports Center e se deitam. Depois se levantam e fazem o mesmo outra vez ao dia seguinte e se tiverem algum problema, o guardam para si mesmos.

— Quem te contou essa merda? — Tony parecia indignado.

— Ninguém. — Andrew suspirou. — Acredito que é o que chamam — aprendizagem por associação — em minha classe de Introdução à Psicologia.

— Então, seu pai é assim?

— Sim. E eu dentro de outros cinco ou dez anos, suponho.

— Besteira. — A voz do Tony era apagada na escuridão. — Não tem que ser assim. Sabe, meu velho é um imbecil em um montão de coisas, mas ao menos nunca espera que escondamos o que sentimos. Em minha família, se tiver um mau dia, todo mundo sabe.

Andrew riu outra vez.

— Em minha família não. É rude impor seus problemas a outros. E fraco.

— Você não é fraco, Drew. — Tony o estreitou ligeiramente. — Só tem um segredo. E isso não é mau, todos temos segredos, inclusive eu.

— Qual é o teu? — Andrew sentiu o batimento de seu coração justo debaixo de seu mamilo. Se Tony dizia o que ele esperava que dissesse...

— Não, homem. — Tony riu brandamente. — Não te direi nada enquanto você não me diga algo. Mas suponho que não está preparado para falar esta noite.

— Em realidade não. — Andrew sentiu uma mescla de alívio e pesar porque seu amigo não ia obrigar o a falar. — Muito bem.

— Tony soou tranquilo. — Dá a volta então. — Moveu o corpo do Andrew até que este ficou deitado sobre suas costas, com a cabeça sobre o musculoso bíceps do Tony. Era uma posição estranha para estar com outro menino, e fazia que Andrew se sentisse vulnerável ao ter a seu amigo inclinado sobre ele na escuridão. Mas não de uma maneira má.

— Tenho que terminar de estudar para o exame trimestral de Psicologia, — disse, inseguro sobre o que sentia ao estar tão perto de seu amigo. — É amanhã as dez e se supõe que vai ser um verdadeiro crivo, assim...

O suave beijo do Tony em sua bochecha o fez calar. Alargou a mão até tocar o lugar em sua cara, como se comprovasse se os lábios de seu amigo o tinham marcado.

— por que há...? — Elevou o olhar, desconcertado, com o coração acelerado.

— Ainda tem lágrimas nas bochechas. — Tony soou incômodo. — Quando era um menino e me machucava e chorava, minha mãe me fazia o mesmo, beijava minhas lágrimas sem parar. Sinto muito. Suponho que não deveria havê-lo feito. — Na habitação às escuras, iluminada apenas pelo resplendor da quase lua cheia através da janela, seus olhos eram dois poços escuros.

— Não, eu... — Drew moveu a cabeça. — Eu gostei, — sussurrou.

— Sério? — A cabeça do Tony descendeu outra vez e Andrew sentiu outro suave beijo em sua bochecha, este muito mais perto de sua boca.

— Sério, — disse em voz baixa com o coração retumbando em seu peito.

— Drew, se te perguntar uma coisa, dir-me-á a verdade? — a voz do Tony era suave mas apaixonada.

— Eu... o tentarei. — A escuridão parecia haver deixado seus sentidos mais agudos de algum jeito e sua cabeça estava cheia do aroma almiscarado, escuro e animal que pertencia exclusivamente ao Tony. Andrew fez uma profunda inspiração, enchendo seus pulmões com o intenso aroma e sentindo-se atraído por ele de um modo que não compreendia.

Tony se inclinou mais perto, seu quente fôlego roçou a bochecha do Andrew quando lhe plantou outro suave e lento beijo. — Odiou-me depois de que Wainwright te fizesse, já sabe, chupar meu pênis? — murmurou em seu ouvido.

Andrew sentiu que se afogava. Era a primeira vez em dois meses, desde aquele primeiro dia no que se trasladou, que faziam alguma menção à última noite da Semana Infernal. Perguntou-se o que deveria responder, mas, antes que pudesse pensá-lo, sua boca estava respondendo a verdade com independência de sua cabeça.

— Não, — murmurou, elevando uma cautelosa mão para acariciar os grossos cachos negros do Tony. Ficou surpreso e prudentemente agradado quando, em vez de apartar-se, o enorme Alpha se aproximou de sua mão, como um enorme gato desfrutando de uma carícia.

— Nem sequer ao princípio? — insistiu Tony. — Quero dizer, vi o olhar que me dirigiu justo antes que pusesse a atadura nos olhos. —

— Eu gostei, — Andrew ficou horrorizado para ouvir o que sua boca acabava de dizer. — É isso o que queria ouvir? O que desfrutei chupando seu pênis? Bebendo seu sêmen?

— Quero ouvir a verdade, — disse Tony pacientemente, tirando o braço de debaixo da cabeça do Andrew. — Como se sentiu quando o fez. O que se passou em sua cabeça. Porque, para ser sincero, estive tratando de entender como eu me senti mesmo.

Andrew sacudiu a cabeça e se surpreendeu dizendo a verdade outra vez.

— Ao princípio estava assustado, mas foi tão... Não sei, delicado. E a forma em que acariciou minha cara enquanto empurrava entre meus lábios...

— Sabia que não podia ver-me. Queria te deixar saber de alguma forma que não era só... que significava algo. Inclusive em realidade não te conhecesse. — Tony o beijou outra vez, nesta ocasião na comissura da boca. Andrew sabia que se girava a cabeça o beijo acabaria diretamente em seus lábios. Está mau, tão mal... Não girou a cabeça.

— Soube, — sussurrou, procurando as sombras dos olhos de seu amigo. Nunca se havia sentido tão próximo à outra pessoa. Inclusive o fato de que seu pênis estava tão duro que levantava a parte dianteira de sua calça de moletom não lhe incomodava, porque podia sentir uma protuberância similar no do Tony pressionando contra sua coxa.

— Sinto que tivesse que fazê-lo. O que te levei a fazer. Não quero que pense que sou esse tipo de menino — que atormentaria a alguém só para afastá-lo. — A voz do Tony soou cheia de vergonha.

— Eu não o sinto. — A boca do Andrew continuava dizendo coisas que ele não queria dizer em voz alta. — E não penso isso de ti. — Tragou saliva. — Faria outra vez.

— Faria? Não sei se seria uma boa idéia. Mas isto sim. — Esta vez Tony o beijou totalmente nos lábios, lhe roubando o fôlego com a suave intensidade de seu contato.

Andrew se sentiu alagado pelas sensações. Abriu a boca com um ofego e de repente à língua de seu amigo esteve dentro de sua boca, explorando-o minuciosamente como se tivesse

todo o direito a fazê-lo. Tony tinha sabor de pasta de dente e um pouco como a cerveja, e sua boca não só era cálida, estava quente. Andrew se entregou ao beijo completamente, fundindo-se contra seu amigo e oferecendo-se ao assalto do Tony. Finalmente, o enorme Alpha se retirou, respirando com força. Baixou a vista para o Andrew com seus negros olhos cintilando na escuridão.

— Acredito que estive querendo fazer isto do primeiro momento em que baixei a vista e te vi tragar meu sêmen, — murmurou, elevando a mão para acariciar o cheio lábio inferior do Andrew com seu polegar. — Tomou cada gota, Drew. Não derramou nem um pouco. Ao que parecia?

— Parece como o mar, — disse-lhe Andrew. — Salgado, amargo, quente. Nunca provei nada parecido. Não é que tenha provado o sêmen de alguém antes, — apressou-se a acrescentar. — Quer dizer, exceto o meu.

— Provou seu próprio sêmen? — A voz do Tony soou curiosa na escuridão.

Andrew se encolheu de ombros. — É obvio, por que não? Você não o tem feito?

Tony sacudiu a cabeça. — Suponho que nunca pensei nisso. Crie que cada um sabe diferente?

— Não sei. O meu é mais doce, acredito. — Andrew riu. — Suponho que poderia fazer um teste de sabor. Mas não sei como aceitariam o resto dos irmãos.

— Não muito bem. — A voz do Tony era seca. — Certamente, ainda poderíamos tentá-lo nós dois. Quero ver se o teu é realmente muito diferente ao meu. Importa-te?

Andrew sentiu como se seu coração estivesse esmurrando dentro de seu peito. — Refere-te a nos fazer uma palha e depois prová-lo? Lamber o de nossas mãos? — perguntou.

Tony se inclinou para diante e o beijou brandamente na boca. — Acredito que poderia ser melhor fazê-lo diretamente da fonte. — Inclinando-se, atirou da cintura da calça do Andrew. — Não temos por que nos correr um na boca do outro se não quiser, — sussurrou com voz rouca. — Podemos provar cada um o pré-sêmen do outro, sim?

— Sim, — Andrew disse em voz baixa, apenas capaz de acreditar que aquilo estivesse acontecendo. No fundo de sua mente, uma voz gritava que aquilo estava errado, que era terrível, doentio. Entretanto seu pênis estava o suficientemente duro como para furar através de madeira sólida e o enorme e musculoso corpo do Tony se sentia tão bem contra o seu, tão correto, que foi capaz de ignorá-lo.

— Bem. — Inconsciente do conflito interno do Andrew, Tony empurrou suas calças para baixo até os tornozelos e se tirou as suas também. A respiração do Andrew se entupiu em sua garganta quando a enorme e cálida mão de seu amigo de repente rodeou seu dolorido pênis e suas bolas.

— Deus! — ofegou quando Tony acariciou habilmente seu sensível saco e rodeou sua palpitante ereção.

— Só umas poucas gotas, — ouviu que Tony murmurava. — Quero te saborear agora, Drew. Importa-te?

— N... não. — Logo que pôde pronunciar a palavra, entretanto não tinha importância. Tony já se inclinou sobre ele, tomando a torcida cabeça do pênis do Andrew em sua boca e chupando-a com entusiasmo.

Ao Andrew a tinham chupado duas vezes no instituto, uma vez foi uma garota com a que tinha saído de forma regular durante dois anos, e a outra uma companheira de sua promoção. Ambas tinham sido realizadas por garotas sem experiência que em realidade não queriam chupar-lhe. Nenhuma daquelas chupadas se aproximava de maneira nenhuma ao que estava experimentando agora.

A boca do Tony estava quente e úmida e sua língua estava em todas as partes, acariciando a torcida verga do Andrew, lambendo a zona sob a cabeça e explorando com delicadeza a fenda de seu pênis, procurando as gotas do pré-sêmen que havia dito que queria provar.

Andrew não pôde evitá-lo — se levantou, empurrando dentro da quente e disposta boca de seu amigo, procurando mais de um prazer que lhe intumescia a mente, que atravessava a toda velocidade seu corpo, que o fazia arder os nervos. Deus, que bem se sente! Isto era o que Tony havia sentido quando Andrew chupou a ele? Se era assim, como tinha sido capaz de evitar possuir ao Andrew com seu enorme membro até perder o sentido?

— Tranquilo agora. — Para sua intensa desilusão, Tony se retirou, mantendo-o contra a cama facilmente enquanto ele tratava de empurrar para cima. Andrew se deixou levar por suas mãos, seu pênis palpitava.

— A que parece? — perguntou ofegando, tratando de acalmar o rápido batimento de seu coração.

Tony assentiu na escuridão.

— Um pouco doce, como havia dito. Agora tenho que compará-lo com o meu.

— Como? — Andrew franziu o cenho. — Não pode chupar seu próprio pênis. E se puder, é o menino mais afortunado que conheço.

— Não tenho que chupar meu pênis. — Tony elevou a mão e cavou brandamente sua bochecha. — Só necessito que você o chupe até que consiga um gole de meu pré-sêmen e então poderei provar o de sua boca. — Acariciou a quente bochecha do Andrew e o virou para aproximá-lo e olhar fixamente em seus olhos. — Quer chupar meu pênis, Drew? Quer saborear meu sêmen?

Deus! Andrew fechou os olhos durante um momento, incapaz de enfrentar seu intenso olhar.

— Me ordene que o faça, — sussurrou, inseguro de por que o queria dessa forma. Tony pareceu compreendê-lo imediatamente.

— Escravo, — retumbou sua voz, voltando-se mais áspera. — Chupa meu pênis. Ponha de joelhos e toma-o todo em sua boca. Bebe meu sêmen.

Andrew não o fez repetir duas vezes.

— Sim, Amo, — murmurou, ajoelhando-se sobre o enorme e duro pênis que permanecia ereto na escuridão. Agarrou a verga do Tony com uma mão e cavou as enormes e pesadas bolas na outra, comprovando sua textura como tinha querido fazer naquela primeira noite. Tony soltou um grave gemido desde sua garganta, e esse foi todo o estímulo que necessitou.

Inclinando-se para baixo, lambeu brandamente a fenda da ampla cabeça com forma de cogumelo, provando pela segunda vez o familiar e delicioso sabor do pré-sêmen do Tony. Então, com uma profunda inspiração, meteu a ereção na boca, tanto como pôde.

Tony soltou um grito surdo e então enterrou ambas as mãos no cabelo do Andrew e seus quadris bombearam com força para cima, possuindo seus lábios como tinha feito aquela primeira noite. Sentia-se tão bem, tão deliciosamente correto esta vez sem ninguém que o estivesse obrigando, sem ninguém que o vigiasse e o condenasse. Andrew se deixou ir completamente, sugando o grosso membro até a garganta e lambendo-a com sua língua. A última vez Tony tinha ejaculado no fundo de sua garganta, sem lhe dar apenas alguma oportunidade de saboreá-lo antes de tragá-lo. Mas esta vez Andrew queria que seu amigo se corresse diretamente em sua boca, queria que o amargo e salgado sabor rodeasse sua língua e queria sentir que o pênis entre seus lábios se estremecia enquanto Tony ejaculava, alagando a boca do Andrew com seu quente sêmen.

Mas muito antes que conseguisse o gole que desejava, Tony tirou seu pênis de sua boca e o arrastou para cima para beijá-lo.

— Tony, por favor... quero... — Andrew lutou para voltar para o que estava fazendo, mas Tony o fez rodar de repente, sujeitando seu corpo nu sob o seu maior e forte.

— Mantém a calma, Drew, — grunhiu brandamente e houve uma corrente de poder subjacente em sua voz que Andrew nunca tinha ouvido antes. — Disse-te que não tínhamos que nos correr na boca do outro. Neste momento quero te beijar, quero provar meu pré-sêmen em sua boca. Abra-te para mim.

Seus gestos lhe deixaram claro que não estava falando só de sua boca, porque enquanto seus lábios separavam os do Andrew para um beijo profundo e exaustivo, um enorme joelho separava as coxas do Andrew até que Tony pôde descansar comodamente entre eles.

Andrew gemeu quando sentiu que o enorme corpo o cobria e o grosso pênis do Tony terminava por descansar ao lado do seu. Era uma posição incrivelmente vulnerável para estar, ter o sólido e musculoso corpo do Tony plantado firmemente sobre o seu, com suas próprias coxas estendidas completamente embalando o peso de seu amigo entre eles. Mas tudo no que Andrew podia pensar era no bem que se sentia, em como a fricção do pênis de seu amigo contra o seu era quase insuportavelmente erótica.

Justo quando pensava que ia se correr devido ao roce do pênis do Tony contra o seu e ao doce e quente beijo no que estavam encetados, Tony se deteve outra vez.

— O que? — conseguiu ofegar, incapaz de acreditar que se detiveram. — Deus, o que passa agora?

— Quero provar algo novo, — retumbou a voz do Tony. Incorporou-se sobre o Andrew e o fez rodar rápida e facilmente até que ficou sobre seu estômago. — Quero me esfregar contra ti, Drew, — explicou. — me esfregar contra seu ânus. — Enquanto falava, sua grossa e pesada verga se acomodou com naturalidade na fenda entre as nádegas do Andrew. — Assim, vê?

Andrew sentiu que ficava sem fôlego ao sentir a dura e quente verga esfregar-se contra ele nesse lugar. Deveria ter sabido que Tony queria isso. Deveria ter sabido que nisso era aonde terminariam todos os beijos, toque, roce e mamadas. Quer foder-me. OH, Deus, sabia! Era o que me temia desde o começo.

— Drew? — a voz do Tony detrás dele o tirou de seus frenéticos pensamentos. — Está de acordo?

Não, não estou de acordo! Não estou de acordo com que queira transar comigo, colocar todo seu grosso pênis em meu ânus e te correr dentro de mim. E, entretanto, seu pênis estava

mais duro do que nunca tinha estado em toda sua vida. E nenhuma palavra de recriminação e medo conseguiu sair de sua boca. Em seu lugar, Andrew lutou até ficar de joelhos, tarefa nada fácil ao sustentar ainda tanto peso de seu amigo sobre ele. Mas de algum jeito conseguiu fazê-lo e quando Tony se ajoelhou atrás, ficou a quatro patas e separou suas pernas, abrindo-se ao próximo assalto.

— Como... como me deseja? — Perguntou com uma voz tão tremente que logo que pôde fazer a pergunta. — Como me quer, Amo?

De repente, umas mãos grandes e cálidas acariciaram suas costas.

— Tranqüilo, Drew, — murmurou Tony. — Neste momento quero me esfregar contra ti. Assim. — Uma vez mais Andrew sentiu a larga e dura verga esfregando-se contra a fenda de suas nádegas. Mas esta vez se metia mais profundamente. Gemeu sem poder conter-se enquanto as grandes e cálidas mãos do Tony o abriam, separando suas nádegas até que o virgem orifício de seu corpo esteve completamente exposto. — Não temos que fazê-lo assim, — suspirou Tony, e então Drew se esticou quando sentiu a direta e úmida prova do pênis de seu amigo pressionando diretamente contra seu ânus. — Não tenho que me correr dentro de ti para me sentir bem, — seguiu Tony, empurrando brandamente para diante até que a cabeça de seu pênis abriu ligeiramente ao Andrew. O pré-sêmen que derramou fez que seu pênis se voltasse escorregadio, quase o suficientemente escorregadia para deslizar-se dentro do corpo do Andrew se este não tivesse estado tão tenso e apertado devido ao medo que sentia pelo grosso membro preparado para invadi-lo.

— Pode colocar a cabeça se quiser, — disse com uma voz tensa pelo medo, separando mais suas coxas e tentando preparar-se para tomá-lo. Mas era seguro que o resto da verga seguiria à cabeça uma vez que estivesse dentro dele. — Se não crê que está muito apertado.

— Está-me pedindo que lhe possua? — a profunda voz do Tony estava cheia de uma intensa avidez, uma necessidade tão profunda que Andrew logo que compreendia.

— Estou-te dizendo que pode fazê-lo se quiser, — disse, com as mãos convertidas em punhos sobre as mantas e esticando seu corpo para o seguinte arremesso. — Eu não... não tentarei te deter.

— Detrás dele sentiu que Tony se retirava.

— Não acredito que esteja preparado para isso. — Sua profunda voz estava cheia de pesar. — Não acredito que nenhum dos dois o esteja, Drew. — Empurrou ao Andrew brandamente para que se tendesse sobre a cama e o fez rodar sobre suas costas antes de acomodar-se entre suas coxas outra vez para colocar-se cara a cara como tinham estado ao princípio. — Não deveríamos ter chegado tão longe, — continuou brandamente. — Acredito que nenhum dos dois está preparado para confrontar as conseqüências se algo acontecesse esta noite.

Andrew se perguntou vagamente de que conseqüência estava falando. Mas rapidamente sua mente esteve ocupada com a doce e apaixonadamente aditiva sensação do grosso pênis do Tony esfregando-se contra o seu uma vez mais.

— Deus! — gemeu. — Esta vez não pare — Por favor, não pares.

— Não o farei. — Tony se inclinou para beijá-lo e Andrew lhe deu a bem-vinda à língua de seu amigo dentro de sua ansiosa boca. — Esta vez vamos acabar, Drew. Mas vamos ter que terminá-lo de tudo. Chegamos muito longe.

Andrew não tinha resposta para isso. Não tinha resposta para as vozes no mais profundo de sua mente que lhe diziam que o que estava fazendo estava mau e era doentio, pecaminoso e repugnante. Mas pela primeira vez não lhe preocupava. Entregou-se completamente a doce e quente fricção da grossa verga do Tony que se esfregava contra a sua e quando se correram, molhando ambos os ventres de uma vez com uma úmida mescla de sêmen e suor, foi o mais doce e satisfatório orgasmo de sua vida.

Jazeram em silencio durante um momento e depois, sem pedir permissão, Andrew se inclinou e limpou o ventre de seu amigo com a língua, gozando do sabor de suas essências mescladas. Terminou por chupar a cabeça do pênis do Tony, lambendo as últimas gotas de sêmen enquanto Tony murmurava com aprovação e acariciava seu cabelo. Então, com suavidade, atirou do Andrew para cima para beijá-lo uma vez mais.

— Não podemos fazer isto outra vez, — murmurou quando terminou de explorar a boca do Andrew. — Não podemos continuar assim. Ambos sabemos.

— Já sei. — Andrew tratou de que sua voz não mostrasse a decepção que sentia, mas sabia que Tony tinha razão. Era mais que incorreto, era perigoso. Se qualquer dos outros irmãos tivesse entrado e os tivesse pego fazendo justo o que estavam fazendo, poderiam ter sido expulsos da fraternidade ou pelo menos duramente castigados. Refletiu com amargura sobre o retorcido sentido da justiça que permitia o sexo oral entre os membros da fraternidade durante uma prova de iniciação, mas proibia uma sincera amostra de carinho quando nenhum deles estava sendo forçado. Pelo visto, os Alpha Psi e as demais fraternidades como ela não aprovavam o amor, só a violação.

Espera um momento, o que estou pensando? Eu não o amo, só é meu companheiro de habitação. Meu amigo. Não posso amar a outro menino, isso está mau. É doentio. Impróprio de um homem. Uma vez mais sentiu a folha afiada da vergonha retorcendo-se em seu estômago enquanto se dava conta do que tinha feito, e ainda pior, ao que se ofereceu. No que tinha estado pensando, dizendo ao Tony que podia possuí-lo se quisesse? O que lhe tinha passado para ficar a quatro patas e oferecer-se, tão submisso como qualquer garota virgem em sua primeira vez?

E ainda assim, o pensar em ter a grossa verga do Tony dentro dele, senti-lo correr-se no profundo de seu disposto e submisso corpo ainda o acendia, ainda fazia que seu pênis quisesse endurecer inclusive depois do orgasmo que acabava de experimentar.

Sem outra palavra, Andrew se levantou e foi ao banho. Tomando um pano molhado, limpou a evidência de sua indiscrição, de sua enfermidade, de sua pele. Não podia seguir por aí. Tony tinha razão, tinham que terminar com aquilo agora, antes de ir mais longe. Antes que o assunto fugisse das suas mãos.



Capítulo Nove

Tony soube que tinham ido muito longe. Soube inclusive sem poder arrancar de sua mente as lembranças de seu melhor amigo, da forma em que se sentia a pele do Drew sob suas mãos, a forma em que tinha provado seu pré-sêmen na língua do Tony. Mas sobre tudo, a maneira em que o tinha visto de joelhos à luz da lua, oferecendo-se a deixar que Tony o transasse.

Drew tinha tido medo, não havia nenhuma dúvida sobre isso. Tony tinha cheirado o medo que se desprendia em feitas ondas. E inclusive se não tivesse sido capaz de cheirar quão assustado estava seu amigo, houvesse sentido o magro corpo do Drew tremendo contra o seu, tão tenso como uma corda tirante. E, entretanto, apesar de seu evidente terror, ofereceu-se totalmente, ofereceu-se separando suas pernas e abrindo-se ao pênis do Tony, aceitando a grossa ereção de seu companheiro de habitação dentro de seu corpo. E havia algo nessa submissão voluntária que Tony não podia deixar de considerar, que não podia esquecer.

Tinha jogado com a idéia de levar ao Drew a sua casa a conhecer sua família. Era uma idéia estúpida, especialmente quando os vissem e cheirassem-nos juntos poderia por de sobre aviso sobre o que em realidade estava passando. Ou que tinha estado acontecendo até que lhe tinham posto fim. Mas ainda assim, não podia evitá-lo. Queria ao Drew em sua casa, em seu território. Queria-o perto e formando parte de sua família, O fato de confiar em alguém o suficiente para levá-lo até seu território, era uma coisa bastante difícil de evadir.

Andrew lhe tinha levado a sua casa para conhecer seus próprios pais não fazia muito, e estes eram justo como os havia descrito, estirados, a flor e nata, e claramente não agradados de que seu único filho se relacionasse com alguém tão tosco e corrente como Tony. Mas apesar do resultado, Drew tinha tido o detalhe de convidá-lo. Tony queria lhe devolver o favor.

E, contudo, ele não queria levar ao Drew a casa em qualidade de amigo, como seu companheiro de habitação e nada mais. Sentia o louco impulso de apresentar ao Drew a seu pai e a sua irmã como a outra metade de seu coração — como seu companheiro. Estúpido, chamou-se a si mesmo. É uma loucura e você sabe. O velho teria um enfarte, justo depois de te arrancar o coração e lhe dar isso a comer em uma bandeja. Mas apesar de quão suicida era a idéia, Tony não podia tirar-se a da cabeça. Os were se emparelhavam de por vida, o qual era a razão do por que, quando morreu sua mãe, seu pai nunca tinha tomado outra esposa. Ele e sua irmã ainda tinham que escolher seus companheiros, mas ele tinha aproximadamente a idade adequada para sentir o impulso de emparelhar-se, o quase irresistível desejo de encontrar e reclamar a sua companheira de por vida.

Mas Drew é um menino, discutia consigo mesmo. Quem alguma vez ouviu falar de reclamar a outro macho como seu companheiro? Tony não, mas não parecia capaz de deter-se. Sentia uma faminta possessividade sobre seu melhor amigo que não havia sentido nunca por ninguém antes, um profundo desejo de protegê-lo e reclamá-lo. Afundar seu pênis até o fundo na disposta carne do Drew e correr-se dentro dele, fazendo-o seu para toda a eternidade.

Mas com este desejo ainda vinham mais complicações. Não era só que Andrew fosse um macho em vez de uma fêmea ou o fato de que jogariam ao Tony fora da manada por

atrever-se a anunciar que o amava. Também estava o fato de que Drew nem sequer era um Were, e não tinha nem idéia de que Tony o era nem de que os Were existiam.

Tony vivia no mundo humano com seus problemas humanos. Havia maneiras de arrumá-lo, mas nenhuma que Tony estivesse disposto a ter em conta nesses momentos. Sabia que para reclamar ao Andrew de forma correta, primeiro teria que lhe contar o que era em realidade e isso estava totalmente proibido pela lei da manada.

Era tudo tão complicado e confuso que parecia mais fácil dar marcha atrás, tratar de manter sua relação em um nível platônico. Mais fácil manter a ficção de que era o enorme menino no campus que toda garota queria e Drew era sozinho seu companheiro de habitação e amigo. Mas cada vez que Tony olhava a seu amigo, tudo o que via era a suave e complacente boca que o tinha chupado tão amorosamente, os quentes braços que estavam sempre abertos para ele e o quente e apertado corpo que seria dele se o pedisse. Se só o pedisse.

Pela primeira vez em sua vida, Tony começou a considerar seriamente romper a primeira regra da manada, Não contar a ninguém o que somos.

Capítulo Dez

Depois daquela noite na cama do Tony, ambos tomaram cuidado de manter as distâncias entre eles. Ainda lutavam e brigavam e uma ou duas vezes Tony imobilizou ao Andrew na cama ou no chão e o manteve sujeito, ambos rindo ofegantes. Nessas ocasiões, Andrew podia sentir a dura protuberância do pênis do enorme Alpha esfregando-se contra sua própria ereção e sabia que ainda havia algo ali, que Tony ainda queria o que ele tinha devotado. Mas sem se importarem de quão duros estivessem ou quão desesperadamente o queriam, Tony sempre cuidava de manter uma pequena distância emocional entre eles. Não houve mais beijos nem mais abraços na cama e não importava o perto que estivessem fisicamente, sempre havia alguma roupa entre eles.

O novo acerto frustrava e tranquilizava ao Andrew de uma vez. Sentia-se tranquilo porque podia controlar seus desejos antinaturais, já que queria algo que sabia estava mau e não acreditava que deveria ter. Ao mesmo tempo, não podia recordar ter querido tanto algo alguma vez em toda sua vida. No mais profundo de seu interior sabia que era Tony quem os mantinha controlados porque se seu amigo lhe desse qualquer indício de que queria reatar o aspecto proibido de sua relação, ele não teria vacilado. Punha-lhe doente e lhe assustava reconhecê-lo ante si mesmo, e fazia todo o possível para não pensar sobre isso.

Inclusive apesar de sua frustração e da fome crescente por saborear os lábios de seu amigo e sentir seu sólido peso sujeitando-o ao colchão uma vez mais, Andrew encontrou que a vida na USC era cômoda dentro de uma rotina agradavelmente previsível. Levantava-se pela manhã, assistia à aula e passava seu tempo livre estudando e passando o momento com o Tony. Wainwright, por alguma razão, tinha-os deixado em paz pela primeira vez desde que tinha ingressado no Alpha Psi, por isso Andrew estava prudentemente agradecido. Uma ou duas vezes no piso de abaixo na habitação comum com os outros irmãos Alpha havia sentido um comichão na nuca e se girou para encontrar-se com o Wainwright que o olhava de forma feroz e malévola. Mas todo o tempo que o olhava fixamente, Andrew não estava preocupado. A silenciosa ameaça do Tony parecia ter sido efetiva, o qual era algo bom já que tinha tido suficientes trotes para que lhe durassem para toda a vida.

Só havia uma coisa que o pôs nervoso durante aqueles compridos e lentos meses nos que ele e Tony não se tocavam mais que como amigos. Foi um incidente que ocorreu uma noite tarde em que Tony estava fora, supostamente com outros Alpha de classe superior. Depois de que tudo terminou Andrew o recordava conservando a vívida impressão de encontros a última hora da noite e sonhando acordado que lhe faziam perguntar-se se tinha passado em realidade.

Era ao redor das três da manhã e Andrew, quem normalmente dormia profundamente, despertou por um brilhante raio de luz de lua que entrava através da janela em frente de sua cama. Incorporou-se como atordoado, colocando uma mão frente a sua cara para protegê-los olhos. Ao princípio pensou que se ficou dormido sem ouvir o despertador e que já era pela manhã e eram horas de sua primeira classe. Mas depois de um momento, deu-se conta de que tinha sido a lua cheia, flutuando fora da janela e derramando sua luz dentro da habitação como se fora um refletor, o que o tinha despertado.

Olhou fixamente a cama do Tony só para ver que estava vazia. Devia estar fora ainda com outros. Andrew ficou de barriga para cima sobre a cama, pondo um braço sobre os olhos. Mas antes que pudesse ficar dormido de novo, ouviu um ruído no banheiro. Um ruído como se algo estivesse se arrastando, como se um animal desse golpes em um espaço reduzido.

Que demônios? Tratando de não pensar em todos os livros do Stephen King que tinha lido, Andrew saiu subindo da cama. A porta do banho, que estava justo em frente dos pés da cama do Tony, estava entreaberta, mas não saía nenhuma luz da pequena e ladrilhada habitação. Embora definitivamente houvesse alguém ou algo ali. Enquanto estava de pé trocando seu peso com inquietação de um pé a outro no frio chão de madeira, Andrew ouviu outra vez um ruído de algo arranhando. Será melhor que acabemos de uma vez — não sejamos um bebê, mofou-se de si mesmo. Fazendo uma profunda inspiração, alargou a mão para a porta e a abriu com extrema precaução, seu coração pulsava com força e seus olhos se abriram como pratos na escuridão.

Dentro da pequena e escura habitação, uma enorme figura estava inclinada sobre o lavabo. Elevou a vista enquanto Andrew abria a porta e por um momento, teve uma impressão de uns olhos brilhantes e famintos brilhando dourados na escuridão e um comprido e cruel focinho. Aquela coisa grunhiu baixo em sua garganta e Andrew sentiu que seus joelhos se convertiam em gelatina. Retrocedeu lentamente afastando-se da enorme figura, seus dedos procuravam o interruptor da luz que estava localizado na parede exterior. Ao sentir o interruptor, sua mente rechaçava acalmar-se. Que demônios era aquele monstro, aquela besta que tinha invadido o banho, e o que queria? E o mais importante, o que comia?

Seu coração golpeava contra suas costelas e Andrew estava convencido de que seu tempo tinha acabado, que este estranho animal de alguma forma se colocou dentro de seu dormitório e ia rasgá-lo em sangrentas partes e a comê-las enquanto ainda se moviam. Mas quando acendeu as luzes do teto, só Tony estava ali, nu e parecendo zangado.

— Cristo, Drew, importa-te? — grunhiu, passando ao lado do Andrew e empurrando-o para agarrar uma toalha que pendurava de um gancho detrás da porta.

— Tony... meu Deus! Pensei que foi... acreditei que tinha visto... — Andrew não podia evitar a nota de horror que aparecia em sua voz, ainda rouca pelo sonho.

— Ver o que? O que viu? — exigiu Tony.

— Acreditava... acreditava... nada. Não vi nada. — Andrew sacudiu a cabeça com rapidez. Então notou pela primeira vez o estado em que se encontrava seu companheiro de habitação. O musculoso e nu peito do Tony e seu pescoço estavam salpicados com algo que só podia ser sangue, sangue fresco.

Deu um passo para diante, com uma mão estendida, mas Tony se retirou bruscamente, esquivando sua mão.

— Não me toque, — disse com dureza. — Não quereria nada disto sobre ti.

Andrew o ignorou.

— Mas... o que passou? — Pela primeira vez, a sinistra idéia de que as manchas de cor carmesim que cobriam a pele de seu amigo não eram totalmente do Tony penetrou em seu cérebro meio acordado. Olhando mais acima, pôde ver sangue nos lábios do Tony também. Que demônios tinha estado fazendo?

— O que...? — perguntou outra vez, embora não conseguiu nada mais.

— Nada que precise saber. — Tony voltou a situar-se diante do espelho e começou a salpicar-se água em sua cara e em seu peito. Seus movimentos eram despreocupados, como se lavasse sangue de seu corpo todos os dias.

— Mas... — Andrew sacudiu a cabeça. — Houve algum tipo de acidente? Ocorreu-lhe algo a algum dos outros irmãos? Brigaste-te com alguém?

— Os outros irmãos? — Tony o olhou, sua cara mostrava sua confusão. — Que demônios têm a ver eles com isto?

— Saiu de farra com eles, não? — Andrew franziu o cenho. — Quero dizer, se não saiu com eles, com quem estiveste? E o que têm feito?

— Não saí com ninguém, — grunhiu Tony, limpando sua recém lavada cara e o pescoço com a toalha. — Estava, uh, caçando. Eu gosto de sair em noites como esta, quando a lua, ah, brilha o suficiente para ver com sua luz. — Assentiu para si mesmo, como se acabasse de decidir que essa era uma boa história e fora a mantê-la. — Sim. Muitos jogos se levam a cabo nas noites de lua cheia.

— Caçando? — Andrew o olhou com o cenho franzido, incrédulo. — Assim. Apanha animais com seus dentes ou algo assim? É a razão de que esteja tudo cheio de sangue? Espera que eu acredite nisso?

De repente Tony estava diante dele, seus olhos brilhavam com uma negra fúria que Andrew só tinha visto fugazmente uma ou duas vezes antes. — Espero que mantenha seu nariz fora de meus assuntos, escravo, — grunhiu, seu quente fôlego desprendia o sabor acobreado do sangue. — A menos que queira terminar como o que cacei esta noite.

— Deus, está bem! — Andrew retrocedeu, inseguro de se deveria sentir-se de saco cheio ou assustado. Nunca tinha visto assim ao Tony. Nem sequer quando se enfrentou ao Wainwright. Possivelmente estava bêbado? Entretanto Andrew não tinha cheirado álcool em seu fôlego — só... só sangue. Deus. Seu estômago se revolveu e ele se deu a volta para retornar a sua cama, decidido a não deixar que seu amigo soubesse quanto lhe tinha doído sua ameaça. Uma pesada mão em seu ombro o deteve.

— Olhe, Drew... — Tony puxou-o e lhe fez dar a volta até que estiveram cara a cara, então passou uma mão por seus grossos cachos negros. — Não queria te dizer o que te disse. — Sua profunda voz soava preocupada e havia um genuíno remorso em seus olhos. — É só que... não posso te contar nada sobre isso e não quero que sofra tratando de imaginar.

Andrew cruzou os braços sobre seu peito. — Estava preocupado, isso é tudo. E tem que admitir que pareça estranho voltar com sangue na cara e no peito. Quero dizer, que demônios se supõe que tenho que pensar?

— Foi... — Tony sacudiu a cabeça. — Tive que me aproximar deste... este cervo para matá-lo. E parte de seu sangue me salpicou e, bom, isso foi o que aconteceu.

Andrew ainda não estava convencido de acreditar a explicação de seu companheiro de habitação, mas tinha a impressão de que se queria manter a amizade do Tony precisava tragar-lhe. Vagamente, recordou o que Tony havia dito, *Todos têm segredos, incluído eu*. Isto era o segredo do Tony? Mas de que inferno se tratava? E em realidade, de onde tinha saído o sangue que o cobria? A mente do Andrew seguia querendo resolver aquelas questões com a imagem daquela coisa parecida com um lobo que tinha visto enchendo o quarto de banho no momento anterior a acender a luz e que aparecesse Tony. Mas aquilo era uma loucura, não? Uma antiga

lenda. Um filme de terror de Hollywood. Não existiam coisas como a besta que tinha visto no banheiro... a besta que acreditava que tinha visto.

— Volta para a cama. — Tony disse brandamente, elevando a mão para acariciar sua bochecha. — Pela manhã todo isto parecerá um mau sonho. — Seus negros olhos pareciam preocupados, mas Andrew sentiu que era uma preocupação que não podia compartilhar. Contra sua vontade, sentiu a atração do enorme e nu corpo de seu amigo, sentiu a necessidade de tocar e ser tocado, crescendo pelo simples calor da mão do Tony sobre sua pele. Mas isto era outra coisa que não podiam compartilhar. Não outra vez.

Voltou para a cama e pela manhã, a idéia da boca e do peito do Tony manchados de sangue parecia um sonho. Ou um pesadelo. Qualquer das duas que fora, Andrew tratava de não pensar sobre isso. A vida na faculdade continuava como sempre e nas seguintes semanas não apareceram corpos mutilados no campus nem ninguém tinha desaparecido de repente. Assim que algo que Tony fizesse, se é que tinha feito algo e Andrew não o tinha sonhado tudo, devia ser legal. Ou assim raciocinava consigo mesmo quando se permitia pensar sobre isso, o qual não ocorria com frequência.

Inclusive não queria pensar na estranha besta que tinha visto no banheiro justo antes de acender a luz. Os brilhantes olhos dourados e o enorme focinho cheio de brancos e afiados dentes tinha que ser um sonho, os últimos traçados de sonho revoando em seu cérebro antes de acender a luz e lhe demonstrar que não era real. Nesse momento, Andrew as expulsou firmemente de sua mente.

Depois de tudo, não tinha sentido pensar no que se imaginou — um pesadelo que era impossível que fosse verdade.

Capítulo Onze

— Por que fazem isto tão fodidamente complicado. — Tony lhe lançou um feroz olhar de frustração a seu livro de anatomia, fazendo gestos com uma mão para seus apontamentos. — Quero dizer, escrevo e escrevo, tomo nota de cada fodida coisa que diz o professor e então volto aqui e nada tem sentido.

— Me deixe ver. — Andrew se inclinou sobre o largo ombro de seu amigo e estudou tanto o livro de texto, como os apontamentos da letra de garrancho de Tony. Anatomia era uma disciplina pela que teria dado seu braço esquerdo, mas seu pai a rechaçou categoricamente, provavelmente pensando que poderia inclinar a seu filho para uma carreira afastada das leis. Era tão fanático do controle que em realidade tinha insistido em ver as disciplinas que estudaria Andrew antes de enviar o cheque para pagar o curso.

— Quero dizer, olhe isto. — Tony assinalou um complicado diagrama no livro que ilustrava o Ciclo de Krebs. — Não nos disseram que ia haver um pouco de química nesta classe. Pensei que só se tratava do corpo e de como funciona quando me matriculei. — Franziu o cenho. — Deveria ter escolhido geologia em seu lugar. Nos esportes todo mundo têm rochas em sua equipe.

— Você é mais inteligente que isso, — disse Andrew, agarrando o livro para estudar o diagrama. — E, além disso, isto não é tão difícil uma vez que o examinaste. Aqui... — passou os seguintes vinte minutos lhe dando uma breve conversa, analisando o problema até que Tony pôde entendê-lo.

Quando disse que seu companheiro de habitação era inteligente, tinha querido dizer exatamente isso. Tony era surpreendentemente bom nas disciplinas de inglês e literatura, e tinha escrito alguns eloqüentes ensaios sobre o simbolismo da morte na poesia de Emily Dickinson e E. E. Cummings que Andrew admirava muito, mas a matemática e as ciências eram seus pontos débeis.

Ao final, depois de utilizar várias folhas de papel para desenhar seus próprios diagramas, Andrew viu uma luz de compreensão nos escuros olhos de seu amigo.

— Vá! — Tony elevou a vista para ele com admiração. — Realmente o domina. Não me pergunto por que lhe chamam Baines o Cérebro por aqui.

— Você é o único que me chama assim. E, além disso, não é para tanto. — Andrew sentiu que se ruborizava de agradar com o elogio. Deu-lhe um murro a seu companheiro de habitação em um de seus musculosos ombros e ofegou surpreso quando Tony o rodeou em um apertado abraço que lhe tirou todo o ar dos pulmões.

— Claro que é para tanto. — O quente fôlego do Tony contra um lado de seu pescoço fez que ficasse duro brusca e dolorosamente. Alarmado, Andrew tratou de retirar seus quadris, mas Tony não o deixou apartar-se. Em lugar disso, pressionou mais perto até que Andrew pôde sentir que não era o único que estava duro.

— Tony? — Perguntou, inseguro sobre o que esperar. Isto era o que tinha estado desejando, por isso tinha estado esperando durante todos esses meses? Ou só era uma forma de lhe dar as obrigado?

— Não deveria te subestimar tanto, Drew, — murmurou em seu ouvido. — estou perdido sem ti. É preparado como o demônio, e sempre cheira tão foddidamente bem. E tem uns olhos...

— O que acontece com meus olhos? — Andrew se tornou para trás para olhar a cara de seu companheiro de habitação.

— Realmente não sabe, verdade? — Tony sacudiu a cabeça. — Tem na metade das garotas das irmandades do campus molhando suas calcinhas por ti e você nem sequer o tinha notado.

— O que? — Andrew franziu o cenho. — Você é o único que as volta loucas — Senhor Alto, Escuro e Perigoso. Senhor Músculos. — Passou uma mão com admiração pelo duro bíceps de seu amigo, e teve a satisfação de ver o Tony tremer sob seu toque. OH sim, ali ainda havia algo. A questão era se foram fazer algo a respeito.

— Senhor Músculos. Por favor. — Tony sorriu abertamente. — Isso não é do que eu estava falando. Sabe, Drew, desejaria que pudesse verte da mesma forma em que eu te vejo. Uma pele suave, uns enormes olhos... — Cavou uma das bochechas do Andrew com uma de suas enormes mãos. — A forma em que treme quando quer algo embora tenha medo.

Andrew sabia que se referia ao passado encontro quando se ofereceu a deixar que Tony o tomasse, e sua cara se esquentou imediatamente. — Foda-se, — disse, meio em tom brincadeira quando se apartou bruscamente do abraço do Tony.

— Possivelmente o faça. — A voz do enorme Alpha era pouco mais que um grunhido.

— Sim, bem. — Andrew apartou a vista do intenso e fixo olhar de seu amigo, tratando de lhe tirar importância. — por que não me morde, Touro? — Quase nunca chamava o Tony por seu apodo Alpha, mas se imaginava que tal mudança se consideraria jogo limpo do momento em que Tony o tinha chamado pelo seu.

— Sim, morder-te-ei. Justo depois de que você me lamba os ovos, — devolveu-lhe a bola alegremente.

Andrew riu, sem saber se sentia-se alegre ou desiludido porque um potencial encontro tinha sido evitado. Mas justo quando se girava para voltar para seus próprios livros, ouviu a familiar voz nasal do presidente da seção detrás dele.

— Já lhe ouviste, escravo. Lambe as bolas de seu Amo. —

Andrew girou lentamente, perguntando-se quanto tempo tinha estado Wainwright na porta lhes observando. Mas não havia nenhuma suspeita em sua cara, solo um sádico regozijo por lhe dar uma ordem que obviamente pensava que faria que o estômago do Andrew se revolvesse.

— Wainwright. — A voz do Tony soou apagada enquanto se deixava cair em uma cadeira e lhe dirigia um largo e penetrante olhar de ódio. — Que diabos está fazendo aqui?

— Só me asseguro de que suas ordens são obedecidas, Touro, — a cara de doninha do presidente da seção mostrou um sorriso de satisfação. Girou-se para o Andrew. — Já ouviste seu Amo. Agora te agache e lambe suas bolas.

A cara do Tony se voltou sinistra e perigosa. — Filho de puta. Não pode obrigá-lo a fazer isso.

— Não vou fazê-lo. — Wainwright cruzou os braços sobre seu fraco peito e ofereceu ao Tony um malicioso sorriso. — Entretanto você sim, a menos que queira te encontrar a ti mesmo fora da fraternidade por te negar a disciplinar a seu escravo por juramento.

— Sim, bem. E você... — Tony começou a dizer, mas Andrew o interrompeu.

— Farei-o, — disse, sentindo que o calor ardia em suas bochechas por aquelas duas simples palavras.

— O que? — Tony franziu o cenho para ele, mas Andrew só pôde sacudir a cabeça.

— Hei dito que o farei. — Deu um passo para diante até colocar-se entre as coxas separadas de seu amigo e baixou a voz. — Olhe, Tony, tudo isto é uma idiotice, mas ambos sabemos que ele pode te criar um verdadeiro problema. Está perto de te graduar. Não te arrisque.

— Não tem que... — começou a dizer Tony, mas Andrew se deixou cair sobre seus joelhos diante dele e inclinou a cabeça submissamente justo como sabia que Wainwright queria que fizesse.

— Por favor, Amo, — murmurou, mantendo o olhar enfocado no Tony e afastado do Wainwright, quem permanecia ao outro lado da habitação observando com avidez. — Por favor, me deixe obedecer a suas ordens e lambê-lo. — Logo que pôde conseguir o fôlego necessário para sussurrar as últimas palavras porque seu coração retumbava muito forte em seu peito.

Havia um som de fôlego em sua cabeça, a mesma sensação de enjôo, até sentir-se quase doente de desejo, que tinha nascido dentro dele a primeira vez que tinha sido forçado a ficar de joelhos diante do enorme Alpha. Queria fazê-lo, que Deus o ajudasse, embora sabia que estava mal não podia evitá-lo. Desejava o sabor salgado da cálida pele do Tony, queria inalar seu escuro e animal almíscar dentro de seus pulmões. Mais que nada, queria saborear outra vez o sêmen de seu amigo, sentir a grossa ereção encher sua boca e o quente jorro quando Tony se corresse em sua garganta.

Não disse nenhuma palavra mais, mas tudo o que pensava, o que queria, deveu refletir-se em seus olhos porque Tony não protestou durante muito mais tempo. Em lugar disso, com um grave gemido, baixou a cremalheira de seu jeans e liberou seu pênis já duro.

— Me lamba, — disse com voz pastosa, ajeitando-se na cadeira e separando suas musculosas coxas. — Faz que seja bom, escravo.

Aparentemente se referia a que representassem uma verdadeira função para o Wainwright, e Andrew não vacilou. Inclinando-se para diante, lambeu brandamente o pesado saco, saboreando o salgado e almiscarado gosto da pele de seu amigo quando rodeou com sua língua cada uma de suas bolas por turnos. Então, cuidadosamente, sugou uma dentro de sua boca, fazendo cócegas a sensível pele com a ponta da língua enquanto a dura longitude do pênis do Tony marcava sua bochecha.

— Muito bem, escravo, — grunhiu brandamente. — Mas por que não mostra ao nosso presidente quão bom pode ser em realidade? Lambe meu pênis.

— Sim, Amo. — Mantendo o olhar sobre a cara do Tony, Andrew agarrou a grossa verga com uma mão e pôs um suave beijo com a boca aberta na grossa cabeça com forma de cogumelo. Lambeu deliberadamente as peroladas gotas de pré-sêmen que se formaram em sua

fenda, saboreando seu salgado e amargo sabor e depois da base do pênis de seu amigo começou a lamber para cima em largas e lentas passadas de sua língua.

Tony respirava com dificuldade, com as mãos apertadas em punhos colocadas a seus flancos e Andrew pôde sentir os olhos do Wainwright perfurando suas costas pela exibição que estava desdobrando. Mas nesses momentos lhe importava uma merda o que o presidente fizesse ou pensasse. Estava perdido no erótico prazer de tocar a seu amigo outra vez, de saborear finalmente a grossa e palpitante ereção do Tony uma vez mais como tinha desejado fazer durante meses.

— Vejo que o tem... bem treinado. — A voz do Wainwright soou estrangulada enquanto Andrew continuava com seu lento e erótico desdobramento de obediência.

— Sim. — A voz do Tony estava carregada de prazer, mas ainda insolente quando dirigiu suas palavras à cara de doninha do presidente. — Estive-o treinando durante meses. Adora chupar um pênis, Wainwright. Mas só o meu. Não é verdade, escravo? — Olhou para baixo ao Andrew com um preguiçoso sorriso atirando das comissuras de sua plena boca.

— Sim, Amo, — murmurou obedientemente, lhe devolvendo o sorriso. — eu adoro chupar seu pênis mais que nada no mundo. Exceto tragar seu sêmen.

Tony soltou um grave gemido do fundo de sua garganta, o humor em seus olhos foi substituído pela fome. — É isso o que quer, escravo? Quer beber meu sêmen? Quer que possua essa doce boca até que me corra por sua garganta?

Andrew tragou saliva por sua ardente garganta enquanto recordava aquela primeira degradação, quando tinha sido obrigado a chupar o pênis do enorme Alpha. Seu próprio pênis pressionava dolorosamente contra o tecido de seu jeans com a lembrança e a compreensão do muito que tinha querido repeti-lo. — Mais que nenhuma outra coisa, Amo, — admitiu. — Por favor, possua minha boca, Amo. Por favor, me deixe tragar seu sêmen.

— De acordo, então. — Tony o olhou fixamente, o desejo e a necessidade cintilavam em seu escuro olhar. — chupa-me isso escravo. Quero verte tomar meu pênis até o fundo de sua garganta e tragar cada gota quando me correr.

— Cada gota, Amo, — Andrew prometeu sustentando seu olhar durante um comprido momento. Então baixou a cabeça e tomou tanto da grossa verga em sua boca como pôde.

— Deus! — ofegando, Tony enterrou ambas as mãos em seu cabelo e o guiou, introduzindo-se na sua boca suave, mas profundamente quando um rio de pré-sêmen começou a fluir da ponta de seu pênis. Andrew o bebeu com avidez e chupou a grossa verga, procurando mais. Adorava o sabor do sêmen de seu amigo, adorava a sensação de outro homem, de Tony, utilizando sua boca, do palpitante membro de Tony deslizando-se entre seus lábios.

Detrás do Andrew, Wainwright, quem tinha sido quase totalmente esquecido por ambos, esclareceu-se garganta. — Eu... acredito que já é suficiente —, gaguejou indeciso com sua aflautada e nasal voz. — demonstreste que é um escravo obediente. Não acredito que... não acredito que tenha que...

— Não posso detê-lo agora. — A profunda voz do Tony soava rouca de prazer. — Tenho que deixá-lo terminar uma vez que começa. Tenho que lhe deixar beber meu sêmen, prometi-lhe que poderia fazê-lo.

— Mas isto é... é repugnante —. Wainwright ainda soava indeciso como se não soubesse se sentir luxúria ou repugnância ou uma mescla de ambas.

— Por quê? — exigiu Tony. — Só está fazendo o que você lhe obrigou a fazer a última noite da Semana Infernal, Wainwright. Você gostou de olhar então, você adorou vê-lo forçado a chupar meu pênis e tragar meu sêmen. Assim, por que não quer vê-lo agora?

— Eu... aquilo foi uma prova. Parte de sua iniciação, — protestou Wainwright. — Isto é... obsceno.

— OH, assim está bem quando só é para divertir-se. Para assegurar-se de que o tipo é o bastante duro para ser um Alpha. Mas não quando desfruta fazendo-o? — As palavras do Tony soavam iradas, mas sua voz era preguiçosa e grave pelo prazer enquanto continuava guiando seu pênis entre os lábios do Andrew. — Me diga uma coisa, Wainwright, você gostaria se alguém te obrigasse a chupar um pênis? Crê que estaria disposto a fazer algo?

— Está... está doente. — A voz do Wainwright era mais forte agora, fortalecida com uma reação de luxúria. — Poderia informar sobre ti por isso. Poderia fazer que lhes jogassem a patadas aos dois da casa.

— Por que, por seguir ordens? — Tony riu. Um profundo som que fez vibrar todo seu corpo. — Adiante, tenta-o imbecil. Primeiro ameaça nos jogando se Drew não chupar meu pênis e depois ameaça com o mesmo se o fizer. Decida-se.

— Você... pagar-me-á por isso. — A voz do Wainwright soou carregada de ira e então Andrew ouviu uma portada e passos irados nas escadas. No fundo de sua mente sabia que não deveriam lhe haver contrariado, era quase tão inteligente como lhe dar com um pau a um ninho de vespas para ver como saem. Mas no momento, não conseguia sentir-se preocupado. Não podia pensar em outra coisa que não fosse o grosso pênis que enchia sua boca e as mãos do Tony em seu cabelo animando-o a tomar mais, a chupar mais forte.

— Que bom... Ah, Deus, Drew, isto é tão malditamente bom, — Tony gemia e então Andrew provou o primeiro jorro quente de sêmen em sua língua e lambeu com avidez o pênis de seu amigo, querendo mais. Conseguiu seu desejo quando Tony ejaculou em sua boca uma e outra vez, liberando mais e mais da essência deliciosamente amarga entre os lábios do Andrew quando se correu, enchendo sua boca de sêmen.

Andrew tragou uma e outra vez, bebendo com avidez até que já não ficou mais. Chupou cuidadosamente a larga cabeça com forma de ameixa, encontrando as últimas gotas ocultas antes de liberar a contra gosto o pênis de seu amigo. Seu próprio pênis ainda pressionava dolorosamente contra os apertados limites de seu jeans, mas tinha medo de fazer algo a respeito. Medo de levantar o olhar para o que fora a ver nos olhos de seu amigo.

— Ouça. — A mão do Tony acariciou sua bochecha e então se estendeu para elevar seu queixo até que Andrew se viu forçado a encontrar seu fixo olhar. — Realmente você gosta disto, verdade? — Sua profunda voz estava cheia de assombro e surpresa. — Quero dizer, estava-lhe contando ao Wainwright toda essa merda para atirar de sua cadeia. Mas realmente me você gosta de chupar isso e beber meu sêmen, verdade? Fá-lo.

Incapaz de pronunciar nenhuma palavra, Andrew só assentiu. Sentia uma terrível vergonha uma vez mais, a vergonha de querer algo que estava mau, que era antinatural. O que diria seu pai se soubesse que a seu filho adorava chupar um pênis? O que pensaria se soubesse que Andrew desejava o sabor do sêmen de seu amigo, a sensação do sêmen liberando-se jorros

em sua boca e por sua garganta abaixo? Pior ainda, o que pensava Tony dele agora? Antes, na cama, o que tinham feito tinha sido algo mais ou menos mútuo. Mas Andrew tinha provado além de toda dúvida que desfrutava sendo dominado, sendo colocado em uma posição degradante e forçado a realizar atos sujos e degradantes.

— Ouça, o que acontece? — a voz do Tony soava preocupada e Andrew se deu conta que uma única lágrima se deslizou por sua bochecha.

— Nada, eu... — sacudiu a cabeça, baixando a vista outra vez. — Suponho que me sinto... tenho medo de que pense que estou... não sei. Sujo.

— Sujo? — Tony franziu o cenho. Então, como se demonstrasse que Andrew tinha razão em ter medo, de repente soltou seu queixo e ficou de pé, deixando o de joelhos no chão. — Espera aqui, — passou por cima de seus ombros e desapareceu dentro do banho.

OH Deus... Andrew se afundou no chão de madeira. Enquanto tinha estado chupando o pênis de seu amigo não tinha notado quão duro era, mas agora seus joelhos o estavam matando por ter estado sobre elas durante tanto tempo. Mas seus joelhos não lhe doíam tanto como seu coração.

Acredita que estou doente, que sou repugnante. Bom, por que não ia pensar o? Sou-o. E embora não o fosse, sem dúvida esta indiscrição era quão última cometeriam juntos. Andrew pensou nos compridos e áridos meses que tinham seguido a seu último encontro e sentiu um vazio em seu peito. Deus, não sabia se poderia voltar para isso outra vez, tocar ao Tony sem tocá-lo em realidade. Fingir que só eram amigos, só companheiros de habitação e colegas quando queria beijar cada centímetro de sua pele, chupar seu pênis cada noite e sentir essas grandes e cálidas mãos em seu corpo... seus pensamentos davam voltas em inúteis círculos até que depois de uns compridos e horríveis momentos ouviu que Tony o chamava por seu nome.

— Drew? Entra aqui. — A profunda voz ressonou nos azulejos do banho e quando levantou a vista, Andrew se deu conta de que uma baforada de vapor subia da porta entreaberta. Para que demônio Tony tinha entrado? Queria que Andrew lhe lavasse as costas outra vez?

Lentamente se arrastou até levantar-se e entrou no banheiro. O espetáculo que se encontraram seus olhos fez que instantaneamente ficasse duro outra vez, apesar de seu conflito interno. Não podia evitar ficar olhando fixamente o grande, nu e musculoso corpo estendido na banheira. Tony lhe devolveu o olhar, com uma expressão ilegível em seus olhos escuros. O vapor se elevava da água, mas não havia borbulhas que tapassem a visão de sua bronzeada pele. Em seu lugar, o líquido na banheira tinha um débil brilho multicolorido que deixou Andrew ver que seu amigo tinha provado algum dos novos óleos de banho que tinha recebido em seu último pacote. Um ligeiro aroma floral perfumava o ar, apenas perceptível se não aspirasse bastante forte.

— Vêem aqui. — Tony estendeu as pernas e fez um gesto ao Andrew, que se aproximou do bordo da banheira com os olhos sobre a forma do pênis de seu amigo sob a água. Obedientemente se deixou cair ao chão, com uma mão no escorregadio bordo da fria porcelana da banheira. Tony sacudiu a cabeça com impaciência. — Não, Drew, aí não. Aqui — na água comigo. Tire a roupa e entra.

Andrew se surpreendeu ao princípio, mas teve que reconhecer que a banheira era o bastante grande para duas pessoas, se se sentassem muito perto um do outro. Lentamente,

sentindo-se como se estivesse em uma espécie de sonho, tirou os jeans e a roupa interior, seguidos pela camiseta da USC. Deixando suas roupas em um montão no chão, agarrou o bordo da banheira e com cuidado se meteu no fumegante banho, acomodando-se entre as largas pernas do Tony.

— Agora, te incline para trás contra meu peito, — Tony lhe ordenou brandamente, atirando do ombro do Andrew até que fez o que lhe havia dito. — Bem. Agora te relaxe.

Isso era mais fácil de dizer que de fazer. Andrew não podia dominar a miríade de sensações que o alagavam o bastante para obedecer realmente a informal ordem. O calor da água o rodeava, o doce aroma do óleo e debaixo dele, o quente almíscar da pele de seu amigo. A sensação do sólido e musculoso peito do Tony embalando seu corpo, e mais abaixo, a sensação de seu semi-ereto pênis pressionando contra a região lombar do Andrew.

— Te relaxe, — Tony murmurou outra vez. Então a enorme esponja natural derramou água fumegante sobre seu peito, braços e ombros e Andrew se deu conta com um sobressalto do que Tony estava fazendo, lavá-lo.

— Tony... — começou, mas o som de desaprovação que lhe chegou detráis o interrompeu.

— Te acalme, Drew. — A profunda voz do Tony soava tão tenra como nunca a tinha ouvido antes. — Pensei que isto poderia ser bom para ti, para te ajudar a te relaxar. — inclinou-se para diante, envolvendo com seus fortes braços o corpo do Andrew, a fumegante esponja pressionando forte contra seu peito. — Não está sujo, Drew, — murmurou lenta, suave e consoladoramente no ouvido do Andrew. — Não o está. É formoso. Fodidamente bonito. Eu adoro verte de joelhos chupando meu pênis e bebendo meu sêmen. É a visão mais perfeita que tive nunca. E quero vê-lo muitas vezes mais no futuro. Compreende?

— O que? — Andrew de repente se girou para olhar nos olhos de seu amigo, o transe no que tinha começado a deslizar-se quebrado por suas palavras impossíveis. — Mas a última vez que nós... disse que não podíamos. Que não devíamos fazê-lo mais.

Tony sacudiu a cabeça.

— Estou farto desta merda. Farto de querer te tocar e não me permitir fazê-lo. De querer suas mãos e sua boca sobre mim, de querer te beijar quando não posso. — inclinou-se para diante e tomou a boca do Andrew em um comprido e lento beijo como se queria demonstrar seu argumento antes de continuar.

— Eu o vejo desta forma, a maioria da gente experimenta coisas novas na universidade. Com drogas, álcool, todo tipo de merda. Assim, por que deveríamos ser nós diferentes? Pelo menos não vamos sair aí fora e fazê-lo de maneira regular, assim que... o que acontece nos se permitimos ter uma relação mais próxima? O que acontece se te deixo chupar meu pênis ou eu chupo o teu? Eu gosto, você gosta, não fazemos mal a ninguém. Então qual é o problema?

O tom de sua profunda voz era ligeiramente defensivo, como se tivesse estado discutindo esse assunto consigo mesmo durante muito tempo, mas Andrew estava mais que preparado para estar de acordo.

— Tem razão. — Com cuidado lhe devolveu o beijo, gozando do sabor docemente salgado da luxuriosa boca de seu amigo. — Quero dizer, temos que parar em algum momento, não pode foder toda sua vida. Mas enquanto estamos aqui, o que tem isso de mau?

—Exatamente. Mas depois de que nos graduemos, depois de que me gradue esta primavera, quero dizer, terminaremos, temos que fazê-lo. Não há volta. Entendido?— Soou tão severo e tão sério que de repente Andrew se deu conta de que isso era um ponto totalmente inegociável. Tony lhe estava dando um ultimato, um que aceitou com impaciência. Teria estado de acordo com qualquer coisa, teria cedido a qualquer exigência para poder estar com o enorme Alpha.

—Claro. — Assentiu com entusiasmo. —O que você diga, Tony.

—De acordo então. — Tony suspirou. —Sairemos ao mundo. Conseguiremos trabalhos, companheiras, esposas, quero dizer, meninos e toda essa merda. Mas no momento... — Beijou ao Andrew outra vez, deixando que sua boca se deslizesse para baixo para provar o pulso a um lado de seu pescoço.

— Deus! — Andrew assobiou agradecido quando a cálida e úmida língua acariciou sua pele. Um assunto da universidade, tratava-se só de um assunto da universidade. O experimento não significava absolutamente nada, disse-se a si mesmo, utilizando a débil justificação para fazer retroceder as vozes de vergonha e dor que queriam falar em voz alta em sua cabeça. E uma vez que Tony se graduasse, dentro de três meses a partir desse momento, terminariam para sempre. Mas, Deus, esperava que fossem os três meses mais compridos de sua vida...

Seus pensamentos foram interrompidos quando uma mão grande e cálida apertou seu pênis ainda duro sob a água e começou a bombeá-la.

—Você gosta? — a profunda voz do Tony soava grave e sensual, sugerindo que já sabia exatamente o bem que se sentia. —Posso lhe dizer quão duro estava enquanto me chupava isso, — murmurou, continuando com a lenta e prolongada carícia. —Podia ver seu pênis levantando seu jeans como se fosse a haste de uma bandeira.

Andrew deixou escapar uma lenta e estrangulada gargalhada. —Sim, suponho... suponho que é uma boa descrição, — ofegou.

—Ficou tão duro porque você gostou de me chupar — Tony perguntou enquanto o acariciava. — Foi isso o que fez que seu pênis ficasse duro?

Andrew assentiu antes de dar-se conta de que seu amigo esperava uma resposta mais detalhada. —Sim—, disse em voz baixa com a voz estrangulada pelo prazer. — eu adorei... eu adoro chupar isso Tony... o amo. Eu adoro chupar seu pênis. Saborear seu sêmen quando te corre em minha garganta.

Tony deixou escapar um profundo som de aprovação. —Me diga, Drew, no que pensa enquanto me a chupa?— murmurou enquanto seus largos dedos se arrastavam para baixo até rodear suas bolas durante um momento. —Pensa em que mais coisas poderia te fazer com meu pênis?

—Não... não sei. — Andrew sentiu um repentino golpe de agradável terror acariciando seu tremente corpo. Sexo, está falando de sexo.

Tony pareceu sentir seu medo, porque baixou o ritmo na intensidade de suas carícias e deixou que sua mão se deslocasse para baixo, estendendo as pernas do Andrew até que encontrou a apertada e vulnerável entrada a seu corpo.

Andrew sentiu que o fôlego ficava entupido na garganta e então se relaxou contra Tony, separando mais suas coxas, dando a seu amigo um melhor acesso e uma permissão tácita.

— Está tão apertado aqui, Drew, — Tony murmurou em seu ouvido enquanto o acariciava brandamente com um dedo. — me diga, tiveste alguma vez algo dentro de ti antes? Enchendo você?

— Eu... não. — Andrew gemeu brandamente enquanto a ponta do dedo de seu amigo começava a mover-se, penetrando sua tensa entrada uma fração de uma polegada. Tanto o calor da água como o escorregadio óleo de banho ajudaram quando tratou de abrir-se, de entregar-se totalmente.

— Pensaste alguma vez em como seria? — Tony insistiu e então seu dedo pressionou para dentro e para fora, enchendo o apertado e virgem orifício do Andrew. — Ter algo dentro de ti? — continuou. — Assim? — O dedo empurrou dentro dele e Andrew ofegou quando foi totalmente penetrado, sentindo que a tensão de seu corpo cedia ante o grosso dedo de seu amigo.

— Sim, — ofegou, recostando a cabeça contra o largo ombro do Tony e entregando-se completamente ao prazer de ser tomado por seu dedo. — Sim, pensei sobre isso. Sobre como se sentiria... — sua voz se foi apagando, incapaz de obrigar-se a terminar a frase.

— Ter meu pênis dentro de ti? — Tony grunhiu, colocando seu dedo mais dentro no submisso corpo do Andrew. Ao mesmo tempo, sua outra mão rodeou e começou a acariciar sua torcida ereção. — Sentir que te encho e que me corro dentro de ti, que ejaculo profundamente dentro de ti, você gostaria de prová-lo?

— Deus, sim!, — gemeu Andrew. Seu corpo se sentia como um grande circuito de terminações nervosas, cada uma das quais transmitia mais agrado do que nunca tinha conhecido ou sonhado que fora possível. Sentia como bombeavam seus quadris, pressionando seu duro membro para cima contra a mão de seu amigo e empalando-se mais e mais profundamente quando se movia para baixo. Deus, não poderia resisti-lo durante muito mais tempo, não poderia resistir ao prazer, a incerteza. Em sua zona lombar podia sentir o enorme pênis novamente endurecido pressionando contra ele, esfregando sua escorregadia pele. Ia tomá-lo agora, aí na banheira? Queria que Andrew se empalasse em seu pênis e lhe permitisse afundar-se até o fundo de seu corpo? Por isso tinha utilizado, nessa ocasião, óleo de banho em vez de gel? Para facilitar a penetração da primeira vez?

— Não quero que se preocupe disso agora, — a profunda voz do Tony em seu ouvido pôs fim a parte de sua ansiedade. — Sou muito grande e sei quão apertado está. Assim não vou a fazê-lo esta noite, Drew. Possivelmente não o faça nunca. Não quero te machucar.

Andrew não sabia se sentir-se aliviado ou decepcionado. Mas o prazer que se estava formando em seu interior cada vez era mais difícil de suportar. Sentiu que seu orgasmo se estava formando na base de sua espinha dorsal, estendendo-se sobre ele como uma onda quente enquanto Tony continuava bombeando seu pênis e penetrando-o de uma vez.

— Te corra para mim, Drew. — A profunda voz do Tony soou cálida e autoritária. — te corra para mim e imagina o que sentiria ao ter meu pênis enterrado até o fundo em seu ti. O que sentiria se lhe empalasse, até te encher com meu sêmen.

Andrew soltou um grito baixo e entrecortado, obedecendo à ordem do Tony com indefeso prazer. Seu coração martelava enquanto seu peito subia e descia em busca de fôlego, sentiu a si mesmo apertar-se ao redor do dedo de seu amigo, sentiu seu pênis convulsionar-se

em sua larga e cálida mão quando seu sêmen saiu a jorros, banhando o pulso de Tony com suas gotas peroladas.

— Isso, Drew. Muito bem. — Tony o apertou docemente até que o último espasmo teve acontecido e então, enquanto Andrew lutava por conter a respiração, puxou-o para aproximá-lo mais e pôs ambos os braços ao redor de seu corpo uma vez mais. — Agora está relaxado, — murmurou em seu ouvido, detendo-se para morder brandamente um lado de seu pescoço. — dentro de um minuto, sairemos da banheira e iremos à cama. A minha cama, porque vais dormir comigo de agora em diante. — Riu. — E poderá chupar meu pênis outra vez, se quiser.

— Sempre. — Andrew se girou para ele, apertando-se contra o largo peito do Tony, gozando da segurança e o amor que sentia entre seus fortes braços. — Sempre querei chupar seu pênis, beber seu sêmen.

Tony soltou outra curta gargalhada. — Pode que não tenha ficado muito que beber depois da cena com o Wainwright. Acredito que me deixaste seco.

Sua menção do Wainwright provocou ao Tony um repentino calafrio. — Sabe, Tony, não estou muito seguro de que devêssemos ter feito isto — fazer algo assim em frente dele. É, que... Bem, já sabe quão imbecil é. Tenho medo de que nos crie algum problema mais adiante.

Tony sorriu. — Deixa que eu me preocupe com o Wainwright, você só preocupa-se de chupar meu pênis, de acordo? Ele acredita que é alguém importante, mas não é nada do outro mundo.

— Espero que tenha razão. — No fundo de sua mente, Andrew não estava tão seguro como seu amigo de que tudo ia bem. Mas se deixou seduzir pelo faminto beijo do Tony sobre seus lábios e a promessa de três meses mais antes que o sonho de ambos tivesse que terminar.



Capítulo Doze

Estava mau. Tony sabia, mas não podia evitá-lo. Estava muito absorto na nova relação, muito absorto no Drew. O desejo de emparelhar estava dentro dele, lhe dizendo que tomasse o que era dele, que reclamasse ao Andrew. Lutava contra ele tão forte como podia.

Três meses, dizia-se a si mesmo. Três meses e então terminaremos. Eu seguirei meu caminho e ele o seu. Nunca nos veremos outra vez exceto como amigos. Far-me-ei cargo da manada e de Construções Ginelli, justo como meu pai quer que faça e seguirei com minha vida. Encontrarei alguma garota disposta e jogarei raízes, terei uma família, farei o que se supõe que tenho que fazer. O que todos esperam que faça.

Mas não importava o que se dissesse a si mesmo, sabia que tudo era uma mentira. Não poderia abandonar ao Andrew agora mais do que poderia deixar de respirar. E entretanto, ia ser condenadamente difícil.

Seu velho poderia querer matá-los a ambos se descobria o que Tony e Drew tinham estado fazendo. E assumir a chefia da manada enquanto mantinha uma relação com alguém do mesmo sexo estava fora de toda questão. Na manada não havia tolerância nem clemência, nem aceitação de nada que se saísse das normas. Ou te adaptava ou jogavam a patadas, abandonavam-lhe e era proibido para sempre a companhia de outros Weres.

Pela primeira vez, Tony odiava o que era. Odiava a sua família e o que isso significava. Odiava que sua natureza do Were lhe impedisse de fazer o amor ao Drew e não lhe poder dizer por que. Mas mais que nada, odiava não poder dizer a seu amante a verdade sobre si mesmo, a respeito do que era, quando queria tanto fazê-lo que quase podia saborear as palavras nos lábios cada vez que estavam juntos.

Não dizer a ninguém o que somos. Estas palavras tinham sido colocadas à força em sua cabeça desde que era um cachorrinho, mas o medo a romper o mais antigo e importante dos tabus entre sua espécie não era o que o tinha refreado em realidade neste assunto. Era o olhar de horror que tinha visto na cara do Drew quando tinha visto a besta do Tony durante só uma fração de segundo.

Justo recordar isso, a maneira em que seu amante o tinha olhado quando estava em sua outra forma, era suficiente para fazer que Tony mantivesse a boca fechada. Sabia que Drew em realidade não queria saber nada sobre isso, se tivesse querido saber, teria perguntado e não aceito a desculpa do Tony de que tinha estado caçando. Em seu lugar, a questão do que Tony tinha estado fazendo a noite em que apareceu no banheiro coberto de sangue estava enterrado como um corpo assassinado entre eles.

Mas Tony sabia que chegaria o momento em que teria que desenterrar o corpo e obrigar a seu amante a olhar. Não havia outra maneira para eles de estar juntos. Nenhuma outra maneira para ele de reclamar ao Drew como dele, como seu companheiro para sempre. Mas enquanto as semanas passavam voando, seguia encontrando uma razão atrás de outra para postergá-lo. *Não dizer a ninguém...* Não lhe dizer a ninguém... As palavras ressonavam através de sua cabeça com um antigo sortilégio rítmico até que finalmente Tony se deu conta de que primeiro teria que tratar o assunto com sua família, e preocupar-se mais tarde que como se tomaria Andrew sua revelação.

Só esperava que ficasse bastante dele para lhe dizer ao Andrew o que queria depois de tirar o chapéu ante seu pai.

A manhã estava chuvosa no dia que ele pediu livre, e a luz que atravessava a janela da grande e tradicional cozinha era da cor da clara líquida de ovo. A noite anterior tinha estado tão chuvosa, não boa para caçar, embora sua família vivia na outra ponta do país e não precisava preocupar-se de olhadas intrometidas. A falta de uma boa e satisfatória caça afetava o humor de seu pai e Tony sabia, mas voltava para a universidade pela tarde e precisava lhe contar o que tinha ido dizer lhe antes de partir. Ou de ser expulso.

— Papai? — esclareceu-se garganta, esperando apartar a atenção do velho da página de esportes enquanto se sentavam juntos ao redor da mesa para tomar o café da manhã. Sua mãe havia falecido poucos anos antes e seu lugar era ocupado por sua irmã pequena, Felicia. Vestia um velho vestido com um estampado de flores e mastigava tranqüilamente uma tigela de cereais, com seu abundante e encaracolado cabelo negro emaranhado por acabar de levantar-se da cama, e seus olhos de cor castanha escura centradas na seção de negócios. Embora sua irmã se sentasse na velha cadeira de sua mãe, não podia substituir a calmante influencia que esta tinha tido sobre seu pai. Ser o líder da manada, O Lobo, como lhe chamava, ocupava-lhe a maior parte de seu tempo, energia e paciência, assim sem sua mãe ao redor para interferir na fuga, lhe dar más notícias era sempre arriscado. Tony se esclareceu garganta outra vez.

— O que? — a voz do homem maior soou apagada enquanto elevava fugazmente seus perspicazes olhos negros, tão parecidos com os de Tony, dos últimos resultados de futebol. Nos últimos anos seu cabelo se tornou mais prateado cada vez, mas o logo que reprimido grunhido contido nessa única sílaba era suficiente para lhe recordar ao Tony quem estava ao mando. Entretanto isso não significa que seria o chefe para sempre, disse-se a si mesmo. Fazendo uma profunda inspiração e tentando parecer despreocupado, lançou-se a por isso.

— Pensei que poderia trazer para alguém a casa para conhecer a família ao acabar o semestre, — disse, e tomou uma grande colherada de seus próprios cereais para ocultar seu nervosismo. — Meu... meu companheiro de habitação, Drew. — Tinha sido idéia de sua irmã que possivelmente conhecer o Andrew em pessoa poderia abrandar ao ancião um pouco. Tony pensava que era quase impossível que seu pai tomasse bem, mas se houvesse qualquer que fosse, uma mínima possibilidade, estava disposto a tentá-lo.

— Não. — A voz de seu pai soou definitiva. Tony sabia, através de sua larga experiência, que era inútil discutir com ele quando se mostrava assim, mas não pôde parar. Tragou saliva, os cereais lhe tiveram sabor de areia.

— Por que não? — tratou de manter a voz serena, mas estava de saco cheio pela autocrática resposta do velho para dominar-se. — Felicia convida a amigos continuamente. Por que eu não posso?

Uns olhos negros inflexíveis se encontraram com os seus uma vez mais, e Tony teve que lutar para manter o olhar fixo de seu pai. Havia algo que crescia na habitação, uma tormenta de poder latente e autoridade que se acumulava ao redor da cabeça do homem maior quando foi desafiado. No passado, Tony tinha dado marcha atrás quando havia sentido a aura de perigo de seu pai. Mas esta vez não o fez. Manteve seu olhar, sentindo crescer seu próprio poder, cheirando a densa essência da ira ao estender-se pela habitação.

— A razão é porque sua irmã traz para casa amigas. Garotas, — recalcou. — Não supõem uma ameaça, não como poderia ser um macho desconhecido colocando seus narizes em nossos assuntos. Traz para casa uma garota, uma companheira e falaremos. É tempo de que jogue raízes, de todas as formas. A manada necessita um líder com estabilidade, não um jovem que não pode manter-se dentro de suas calças o tempo suficiente para tomar uma decisão sensata.

Tony intercambiou um rápido olhar com sua irmã. Suas finas sobrancelhas negras estavam franzidas sobre seus olhos castanhos e sacudiu a cabeça ligeiramente. Ambos sabiam que não deviam meter-se com o ancião quando ficava assim, mas nesta ocasião Tony não queria tornar-se atrás. Esta vez se tratava de algo muito importante.

— Drew não é nenhum macho desconhecido. Ele é meu am... — A língua do Tony tropeçou com a palavra que queria utilizar, mas não era capaz de pronunciá-la, ainda não. — Meu companheiro de habitação, — terminou rapidamente. — Meu melhor amigo. Quero que venha a nos fazer uma visita. Não vejo por que isso tem que ser um fodido problema.

— Vigia sua língua, Anthony. — O ancião o assinalou rapidamente com um dedo, a cólera punha chamas alaranjadas em seus olhos negros. — Pode ser uma grande estrela de futebol nessa elegante escola a que insististes em ir, mas não é tão grande que eu não possa te derrubar. Não vou tolerar esse tipo de linguagem em minha mesa.

Tony reconhecia uma ameaça quando a ouvia. E mais que isso, reconhecia que era uma ameaça que o homem maior poderia levar a cabo e que o faria. Pela extremidade do olho, pôde ver que sua irmã sacudia a cabeça com seus grandes olhos marrons alarmados. Felicia era tão dura como ele, possivelmente mais, a sua maneira. Mas até ela sabia quando era o momento de tornar-se atrás e deixar estar dormidos aos lobos.

— Bem, — disse ao fim, baixando o olhar e tomando outra colherada de cereais.

— De todas as formas, o que tem de especial esse teu amigo? — a voz do ancião estava carregada de brincadeira. — Nunca pediu permissão para trazer para outros meninos da manada a casa, inclusive quando foi um cachorrinho. Sempre foste um solitário, a que se deve esta súbita mudança? —

— Drew é diferente. — Tony não estava preparado para comentar nada sobre isso, nem ao seu pai nem a si mesmo. — Eu gosto. Quero que conheça a família, especialmente a Felicia. — Isto último era verdade, ao menos. Felicia era uma das duas pessoas que mais queria no mundo, e fazia tempo que Tony queria apresentar-lhe ao Drew, que era a outra. Como sempre, seu pai se formou uma idéia equivocada. — Está tentando que sua irmã saia com um intruso? — sua profunda voz soava incrédula. — Olhe, filho, te pode gostar de um montão esse teu amigo, mas sabe tão bem como eu que Felicia não pode emparelhar-se fora da manada. Depois de que vá, você será O Lobo e o que ela escolha será seu segundo, assim terá que escolher a alguém forte, alguém resistente.

Tony franziu o cenho. — Felicia não precisa escolher ao seu companheiro pensando em que seja um bom segundo para mim — ela se merece mais que isso. De fato, ela seria um melhor chefe para a manada que eu. Ela é forte, verdade, irmã? — sorriu a Felicia, quem olhou esperançosamente a seu pai.

— O Lobo uma mulher? Não me faça rir. — O ancião soltou uma curta e áspera risada. — Que demônios estiveste fazendo com sua vida ali nessa escola — fritando seu cérebro?

— Não, estive conseguindo um título empresarial para poder dirigir a maldita companhia, justo como queria que fizesse. — Tony o olhou airadamente, sabendo que não era boa idéia, mas incapaz de evitar que sua cara mostrasse sua crescente irritação. — Mas Felicia esteve aqui todo o tempo, ao seu lado, aprendendo mão a mão a dirigir a manada. Não deveria descartá-la, papai. Disse-lhe isso, ela é forte.

— O que te passa? — seu velho o olhou como se estivesse louco. — Crê que pode escapar de suas responsabilidades empenhando-lhe a sua irmã pequena? Deixe-me que te diga neste momento, Anthony, que isso nunca vai passar. E também pode esquecer a idéia de trazer para esse teu amigo para que conheça a Felicia. Não importa quanto você goste desse menino, não quereria a um Não Were te apoiando durante um conflito.

— O que te faz pensar que o quero para a Felicia? — Tony sabia condenadamente bem que tinha abordado o assunto de forma equivocada, mas as palavras saíram de todas as formas.

— O que há dito? — a voz do ancião soou como um grunhido.

— Ouviste-me. — Tony se levantou da mesa, empurrando o respaldo de sua cadeira em um repentino movimento de desafio. — Crie que quero ser como você? Que quero liderar a manada e dirigir Construções Ginelli só porque você o diz? O que acontece quero fazer outra coisa com minha vida? O que acontece quero tomar outro caminho? Encontrar a alguém fora da manada, alguém com o que me sinto conectado inclusive se ele não se voltar peludo durante a lua cheia?

— Ele, você disse? Realmente há dito ele? — a cara de seu pai se voltou branca, depois de uma profunda cor vermelha tijolo com a cólera. Levantou-se lentamente a propósito e sua voz descendeu a um registro tão grave que ninguém salvo outro Were poderia havê-lo ouvido.

— Assim é, papai, ouviste-me. Ele. — Já não podia voltar-se atrás. Decidiu lançar-se a por todas. — Drew é mais que meu companheiro de habitação e meu melhor amigo, é meu amante, — disse a seu pai. — E quero reclamá-lo como meu companheiro.

— Está louco? Não pode reclamar a outro macho como seu companheiro! Que demônios te passa? — exigiu seu pai. — Falaste-lhe de nós? Tem-no feito?

— Não! — Tony respondeu gritando. — Mas... — Inspirou profundamente. — Mas quero fazê-lo. Quero contar-lhe tudo. Quero passar o resto de minha vida com ele, papai.

— Mas... mas... — por um momento, sua cólera se apagou e simplesmente ficou olhando desconcertado. — Como pode nos fazer isto a mim e a sua família? Envergonhar-nos assim? Quem vai dirigir a manada se fizer algo como isso? Não há maneira de que lhe aceitem como O Lobo se tomadas a outro macho como companheiro.

— Não se preocupe pela manada, — disse Tony. — Não vou deixar que suas expectativas dirijam minha vida. Deixa que Felicia tome a liderança será boa. Muito melhor do que eu seria.

— Não. Não. — O pai do Tony sacudiu a cabeça. — me escute agora você, Anthony, e me escute bem. — Assinalou-o com um dedo, com a cara tensa pela cólera. — Não sei o que estiveste fazendo desperdiçando o dinheiro e o tempo que passaste na escola, nem quero sabê-lo. Mas o que quer que seja, tem até a graduação para arrumá-lo. E se acha que pode trazer alguém que não é da manada, nem Were nem fêmea a esta família como seu companheiro, espero que lhe pense isso de novo.

— Já o pensei, papai, — disse brandamente. — E isto é o que quero.

— Não importa o que você queira! Ainda sou o cabeça desta família, e te digo que isso não vai passar! Desobedeça-me nisto, Anthony, e te juro sobre a tumba de sua mãe que terminarei contigo. E não só isso, mas sim também terminarei com ele, seu amiguinho maricas.

— Não o chame assim! — grunhiu, com a cólera sobrepondo-se a seu sentido comum. Moveu-se rapidamente ao redor da mesa, enfrentando-se a seu pai, dando rédea solta finalmente a anos de frustração reprimida.

— Em minha própria casa eu digo o que quero quando quero. Em qualquer momento que queira desafiar meu direito a fazê-lo, cachorrinho, aqui me tem. É grande e forte, mas não o suficiente para derrubar a seu velho ainda. — Seu pai pareceu voltar-se enorme na fracamente iluminada cozinha — uma nuvem tormentosa de ameaça crescendo ao redor dele pela fúria.

— Basta já! Basta já, os dois! — de repente Felicia estava entre eles, seu corpo menor tremendo de fúria e medo. — O que pensaria mamãe se os visse assim? — exigiu. — O que diria?

Tony sentiu que parte de sua cólera o abandonava e viu que algo da raiva acalorada também abandonava os olhos de seu velho. O que ficou foi uma certeza fria e acalmada que o gelou até os ossos. Não havia forma de sair daquilo sem realizar uma eleição — sem perder a alguém a quem amava. E sabia que não estava disposto a perder ao Drew.

— Desejaria que mamãe estivesse aqui, — disse. — Possivelmente ela poderia fazer, de algum jeito, que isto fosse mais fácil. Mas não está aqui, assim só o direi. Desde este momento, declaro-me em estado de Lobo Solitário, e renuncio a todos meus direitos ao mando da manada e de Construções Ginelli.

— Você... não pode fazer isso. — A cara do ancião se voltou branca como o giz e por um momento, Tony teve medo de que pudesse sofrer um ataque ao coração.

— Posso e o faço, — disse com calma. — Não importa o que diga ou faça, assim é como sou. E não posso trocá-lo nem por ti nem por ninguém. Sinto muito, papai.

Seu pai pareceu ficar sem palavras. Sacudiu a cabeça, parecendo de repente mais velho do que Tony o tinha visto nunca. Então se deu a volta e saiu da cozinha sem olhar atrás.

— Tinha que pressionar, verdade? Tinha que tirá-lo tudo fora e agora nunca poderá voltar. Sabe que uma declaração de estado de Lobo Solitário é irreversível. — Felicia lhe enfrentou zangada com os braços cruzados sobre seu estreito peito. Era quase tão pequena como Tony grande, mas a tinha visto fazer retroceder a homens maiores que ele com só um olhar.

— Sinto muito, irmãzinha. Eu... eu não sei o que me passou — só que... não podia seguir mentindo, suponho. Nem aos meus amigos nem a mim mesmo. — Soltou um suspiro e se deixou cair em sua cadeira, empurrando para um lado sua tigela de cereais, ainda meio cheio de flocos de trigo agora já abrandados. Tinha o estômago revoltado com uma mescla de ansiedade e júbilo. Tinha-o feito, tinha-o feito de verdade. Declarou-se em estado de Lobo Solitário e agora era livre. Livre pela primeira vez em sua vida.

— Hey! — a cólera abandonou os profundos olhos castanhos da Felicia, quem se inclinou para lhe retirar o negro cabelo do Tony da frente, quase como se estivesse

comprovando se tinha febre. O movimento lhe recordou tanto a sua mãe que de repente Tony sentiu que sua garganta se esticava. Tragou saliva.

— Sim? — levantou o olhar para sua irmã pequena, tão forte embora seu pai não pudesse vê-lo. Muito mais interessada na política e procedimentos da manada do que ele estava ou chegaria a estar nunca. E muito mais pormenorizada.

— Ele significa muito para ti, né? Este teu namorado? — perguntou.

— Ele é... sim, significa muito.

— Já vejo. — Felicia acariciou seu ombro tranquilizadamente. — Oxalá pudesse conhecê-lo, Tony. Deve ser alguém especial.

— Eu... há algo nele. Ele... cheira correto. Sente-se correto. Inclusive embora não seja da manada nem um Were. Inclusive embora seja... Um macho. — Tony elevou a vista, inseguro do que veria nos olhos de sua irmã pequena. Nas duras e nas amadurecidas sempre se mantiveram unidos, contando-se entre eles coisas que não contariam a ninguém mais. Necessitava que o entendesse sem condená-lo. Necessitava que não o rechaçasse.

— Então deveria estar com ele. — Felicia manteve um tom de voz baixo e confidencial, mas seus olhos eram quentes.

— Quero, mas... — Tony sacudiu a cabeça. — Exatamente não lhe contei nada sobre nós ainda, sobre o que somos.

Felicia arqueou uma fina sobrancelha. — Não o tem feito? Passaste por tudo isto, declarar o estado de Lobo Solitário e encher o saco a papai até um ponto sem retorno, e nem sequer sabe como vai reagir quando te voltar peludo? Pelo menos viu sua outra forma?

— Uma vez. — Suspirou. — só durante um segundo quando voltava de caçar faz uns meses. Estava, muito alucinado.

— OH, Tony! — Felicia o rodeou com os braços, pressionando a cabeça do Tony contra seu peito da mesma forma em que sua mãe estava acostumada fazer. — Está seguro de estar fazendo o correto? — perguntou brandamente. — Romper a primeira regra é algo muito importante, já sabe, inclusive quando está seguro de como vai reagir o humano ao que o diz. Mas parece como se não estivesse seguro de tudo.

— Não o estou. — Sentiu que lhe formava um nó na garganta, e tragou saliva para fazê-lo baixar. — Mas agora já parece, não há volta atrás. E... e uma coisa que sim sei é que Drew me ama. Ele o entenderá.

Felicia suspirou e retrocedeu, cruzando os braços sobre o peito.

— Assim vais o converter?

Tony sentiu que suas orelhas ficavam quentes. — Sabe tão bem como eu que a única forma de convertê-lo é... — se interrompeu, incapaz de terminar o pensamento frente a sua irmã pequena.

Felicia riu de seu repentino pudor. — Olhe como te ruboriza! Como se não houvesse fodido com a metade da equipe de animadoras de nosso instituto.

— Isto é diferente! — olhou-a com ferocidade. — Drew é diferente.

— Assim que vocês dois nunca hão...? — elevou uma sobrancelha para ele outra vez, logo sacudiu a cabeça. — Sabe tão bem como eu que quase não há nenhuma possibilidade de que o converta a menos que o faça em uma noite de lua cheia.

Tony franziu o cenho. — Não quis correr o risco, nem sequer embora fora um pequeno. Não até que não lhe dissesse o que sou — lhe mostrasse o que poderia chegar a ser se... se decidisse ficar comigo.

— Ficaré, — disse Felicia com segurança. Brandamente apartou uma mecha de cabelo dos olhos do Tony. — Só... trata de acostumá-lo brandamente, Tony. Não faça nada brusco nem perca o controle — recorda a segunda regra. Trata de não assustá-lo.

— É obvio que não! Crie que sou estúpido? — perguntou, depois suspirou, a cólera abandonando-o. — Só temos outra semana até o final do semestre, uma semana mais para lhe fazer saber o que sou e que quero que sigamos juntos em vez de terminar, como disse que faríamos. — Sacudiu a cabeça. — Só espero poder consegui-lo.

— Consegui-lo-á. — A voz da Felicia soou tranquilizadora e outra vez acariciou sua frente. — De algum jeito encontrará uma forma, grande irmão. Tenho fé em ti.

— Obrigado, irmãzinha. — Agarrou sua mão e beijou a palma brandamente antes de levantar-se da mesa. Provavelmente era a última vez que seria bem-vindo em seu velho lar, e agora tinha que abandoná-lo. Tinha que retornar ao campus e pensar a maneira de lhe dizer ao Drew que o queria em sua vida para sempre.



Capítulo Treze

Três meses. Três meses que Andrew soube que nunca esqueceria. Os melhores três meses de sua vida, porque pela primeira vez estava sendo sincero consigo mesmo, admitindo seus próprios desejos e atuando de acordo com eles sem culpa nem vergonha. Tinha posto em espera as exigentes e acusadoras vozes em sua cabeça, decidido a absorver cada momento de prazer que tivesse com o Tony, e não desperdiçar nem um segundo em arrependimentos. Haveria muito tempo para arrepender-se depois. Muito tempo para perguntar-se o que lhe passava, para odiar-se por necessidades que não podia controlar.

Só havia um pequeno detalhe que lhe preocupava. Uma ou duas noites ao mês, a maioria das vezes durante a lua cheia ou quase, Tony ainda se deslizava da cama que compartilhavam e saía. Não dizia ao Andrew aonde ia, e, por sua parte, ele não estava seguro de querer sabê-lo. Tudo o que sabia é que quando a lua começava a crescer, seu amante começaria a inquietar-se e a ficar nervoso, e pouco depois disso, despertaria e encontraria o lado da cama do Tony vazio. Sempre voltava justo antes do amanhecer, mas nunca lhe dava nenhuma explicação — só se arrastava até a cama e caía em um esgotado sono que durava até tarde à manhã seguinte.

Andrew estava seguro de que Tony não saía com os outros Alpha veteranos, tinha admitido que não gostava muito de ir a farra com os outros irmãos. Mas se seu amante não saía de farra ou a beber em suas incursões noturnas, então aonde ia e o que fazia? Aquele estranho encontro, meio que sonho no que tinha visto a cara e o peito do Tony cobertos de sangue seguia tratando de emergir do fundo de sua mente, mas Andrew o apartava a um lado com ferocidade. Deixa que Tony guarde seu segredo, seja o que seja. O tempo que tinham para estar juntos era muito curto para brigas e acusações.

Só uma vez se tem sorte, a vida era agradável. Saltavam-se as classes imprudentemente, passando o tempo juntos em seu lugar. Tony ia graduar-se com um B.A. em Administração de Empresas e a partir diretamente para dirigir a empresa construtora da família, assim que suas notas não tinham sido perfeitas. E Andrew obtinha facilmente boas notas só apresentando-se aos exames. Assim passavam as noites acordados até tarde falando e tocando-se, e as manhãs em cama, abraçados fazendo o amor, ou o mais próximo a fazer o amor que Tony lhes permitia. Porque apesar dos protestos do Andrew, que se sentia preparado para chegar até o final, Tony ainda se negava a penetrá-lo com seu pênis, e lhe fazer o amor completamente.

—Sou grande, Drew, — explicava-lhe com paciência, acariciando brandamente seu cabelo com uma mão e seu pênis com a outra quando Andrew suplicava a seu amante que o tomasse. Estavam deitados na cama do Tony na última noite do semestre, tocando-se um a outro pela que Andrew estava seguro que seria a última vez. Estava quase desesperado pelo ato final de amor, e frustrado porque Tony o negava. E não era só por seu próprio bem, estava seguro. Havia alguma outra razão pela que Tony sistematicamente rechaçava lhe fazer o amor, alguma razão que temia que nunca conheceria porque Tony não falaria sobre ela.

—Não me preocupa quão grande é, — disse a seu amante teimosamente. —Quero-te.

—Algumas das garotas com as que estive realmente o passaram mal, — continuou, severo. —Algumas inclusive não puderam tomar, e não eram tampouco virgens precisamente.

Sente o apertado que está aqui embaixo. — A mão que acariciava o pênis de Andrew se deslizou para baixo entre suas coxas e seguiu o contorno da sensível entrada a seu corpo até que Andrew gemeu.

— Importa-me uma merda, — suspirou, pressionando forte contra a mão exploradora do Tony. — Quero-te dentro de mim, Tony. Quero que me encha. — O que realmente queria, o que temia dizer, era que queria uma última lembrança do que tinham significado o um para o outro. Algo para levar consigo durante o resto de sua vida depois de que sua aventura amorosa na universidade tivesse terminado. E queria demonstrar-se algo a si mesmo, algo sobre quem era realmente. Uma coisa era chupar o pênis de outro homem, mas outra coisa totalmente diferente era ficar a quatro patas ou tombar-se indefeso sobre as costas e deixar que outro homem colocasse esse mesmo pênis dentro dele. Queria ter essa experiência antes de deixar a casa capitular Alpha Psi para voltar para casa durante o verão, voltar para o que sabia que era considerado normal pelo resto de sua vida. E o queria com o Tony.

— Logo que pode tomar dois dedos, — recordou-lhe Tony, colocando dois largos dedos no corpo do Andrew, fazendo-o retorcer-se e sacudir-se contra seu amante pela dor e o prazer. Tony tinha utilizado antes quase a metade de uma garrafa de óleo para bebês para prepará-lo, e sabia que sem ele seus dedos não teriam entrado. — Como demônios acha que vais tomar isto? — inclinou a cabeça para sua enorme ereção firme entre suas coxas enquanto ele atendia ao Andrew.

— Posso tomá-la. — Andrew tentou soar crédulo inclusive embora sabia que seria uma extremamente dura cavalgada se Tony acessava ao que lhe pedia. Mas não podia evitá-lo, seus três meses de algum modo de repente chegavam ao final. Esta era a última noite do semestre e amanhã cada um seguiria um caminho separado. E o pior era que nunca veria o Tony outra vez. OH, tinham prometido manter-se em contato e continuar sua amizade, mas ambos sabiam que o aspecto sexual de sua relação terminaria para sempre quando acabasse a noite. Andrew não queria terminá-lo sendo ainda, virgem, com seu amor ainda sem consumir. Algo os separava, uma barreira e estava quase desesperado por derrubá-la.

— Por favor, Tony, — murmurou. — Quero-te. É nossa última noite — a última vez que faremos algo como isto. Quero que seja especial.

— Essa é exatamente a razão de que não queira terminar nosso tempo juntos te machucando. — Tony o beijou no pescoço. Retirando seus dedos, lambeu-o seguindo um comprido e quente caminho descendente desde sua clavícula até seu pênis. — Poderíamos fazê-lo de outra maneira, se quiser, — disse-lhe, lhe oferecendo um lento sorriso. — Você pode me fazer isso. Eu deixaria.

Sua oferta comoveu ao Andrew especialmente, posto que sabia que Tony não era o tipo de menino que abandonava facilmente o controle. Ele era completa e totalmente um dominador, assim como Andrew tinha descoberto que ele mesmo era um completo e total submisso. Assim não importava quanto poderia apreciar a oferta de seu amante de intercambiar posições, não podia tomá-lo colocando-se em cima. Não queria fazer o amor com o Tony, queria ser possuído, cheio, tomado e dominado completamente e sentia que não poderia fazer todo isso sem ser penetrado pelo grosso pênis de seu amante, apesar de que também tinha medo.

— Obrigado, — murmurou, passando os dedos entre os grossos cachos negros do Tony.
— Mas não acredito que isso funcionasse para nenhum dos dois. — Suspirou e Tony retornou a cama e pôs os braços a seu redor para um rápido e reconfortante abraço.

— Né! Sei que é duro, Drew. Sei que se supõe que esta é nossa última noite juntos.

— Desejaria que não o fora. — Andrew se apoiou contra o consolador calor do amplo e musculoso peito. Durante o tempo que tinham estado juntos, acostumou-se a ser querido e apoiado. Agora teria que acostumar-se a estar sozinho outra vez. A dormir em uma cama sem ninguém a seu lado. O pensamento de despertar em meio da noite e não sentir o calor do Tony, seu corpulento corpo dormido descansando em seu lado da cama, parecia abrir um negro buraco em seu peito. Deus! Como podiam ter passado tão rápido estes três meses?

— Eu também desejaria que não fosse nossa última noite juntos. — Tony parecia intranquilo, como se queria dizer algo. — Drew, o que diria se te dissesse que não tem que ser nossa última noite?

— Diz a sério? — Andrew sentiu que seu coração lhe tinha subido à garganta. — Quero dizer... se você de verdade...

— Digo-o a sério. Quero estar contigo. Para sempre, Drew. — Tony cavou sua bochecha em uma mão e o beijou brandamente. Mas quando se tornou para trás, ainda havia preocupação nas negras profundidades de seus olhos. — Eu, né, contei a minha família sobre nós.

— O que? Quando? — Andrew não sabia se sentir-se entusiasmado ou molesto. — Acreditei que havia dito que seu pai nunca o entenderia.

Tony suspirou. — O contei a ele e a minha irmã o último domingo quando fui visitá-los. E ele não o entendeu. Eu, né, disse algumas coisas bastante definitivas, Drew. Realmente não lhe posso explicar isso agora, mas provavelmente não queira voltar para ver-me outra vez.

— Deus! — Andrew moveu a cabeça. — Sinto-o tanto, Tony.

— Não o sinta. Meu velho nunca troca de opinião. Sabia, mas tinha que tentá-lo. — Sorriu. — O principal é que minha irmã pequena ainda me fala, quer dizer que o aceita, o aceita de verdade. Ela é quão único realmente me preocupa, assim que me arrumarei isso. E mereceu a pena, para que nós possamos estar juntos.

— Vá! Eu não sei o que vão dizer meus pais. Meu pai não estará encantado precisamente — disse com um humor carregado de ironia. — Sei o que espera de mim, que acabe a carreira de direito, faça-me sócio e me case com o tipo correto de garota, quer dizer, rica, branca e bem relacionada. Isto vai fazer que não o consiga, que o perca completamente.

— Quer dizer que realmente vais falar com ele? Falar com seus pais de nós?

Andrew assentiu com firmeza. — Sim, vou fazê-lo. Se você for o suficientemente valente para fazê-lo, eu também. Quero tanto como você que o que temos funcione, e isso significa não mais mentiras nem segretos. — Suspirou. — É obvio, também significa que o dinheiro fácil vai desaparecer e que terei que encontrar alguma outra maneira de pagar a faculdade. Mas, que diabos! Vale a pena. Conseguirei uma beca de algum jeito e depois posso me especializar em biologia como sempre quis... — sua voz se foi apagando enquanto olhava com o cenho franzido a seu amante com preocupação. — Tony, está bem? Tem muito mau aspecto.

— Estou bem, — protestou, mas de fato parecia doente — mais doente do que Andrew o tivesse visto. Sua cara estava pálida e passava ambas as mãos por seu grosso e negro cabelo

distraidamente. — É só que... o que disse a respeito dos segredos e as mentiras. Drew, há algo que tenho que te contar.

— Do que se trata? Tony, só me diga isso. Andrew caiu de joelhos diante de seu amante, que estava sentado no bordo da cama. — O que seja. Podemos nos encarregar disso juntos.

— Não sei. — Tony sacudiu a cabeça. — É algo importante, homem. Algo que poderia ser difícil de entender para ti.

— Tem que ver com o que faz nas noites de lua cheia? — aventurou, meio temeroso de que Tony se zangasse como aquela vez que tinha tentado lhe perguntar a respeito de suas incursões de meia-noite. Mas esta vez Tony só assentiu.

— Sim. E também com o motivo pelo que não posso fazer-te o amor. Não até que saiba, de todos os modos.

— Então me diga isso. Andrew sentiu um rápido arrebatamento de justificação. Sabia que havia uma razão pela que não podia tomar! Sabia que havia algo mais que seu tamanho e minha inexperiência!

Tony suspirou e se levantou sigilosamente da cama para ir olhar a escuridão exterior através da janela. Fora, a lua estava no auge, a redonda e branca esfera pendurava como um adorno de gelo no céu de princípios do verão. — Fodida lua! — disse de mau humor olhando-a fixamente. — Se não fora por isso... — deixou cair à frase, sacudindo a cabeça.

Andrew o olhava, perguntando-se o que estava pensando seu amante. Qual era o final da frase e o que tinha que ver a lua com isso? De algum jeito formava parte do motivo pelo que Tony se negava a consumir seu amor?

— Tony? — abandonou a cama e foi situar-se detrás dele, passando um braço ao redor de sua estreita cintura. — diga-me isso, por favor? — sorriu e se pressionou mais perto de seu amante, desfrutando da forma em que encaixavam, a forma em que suas peles nuas se tocavam dos ombros até as coxas, com seu pênis roçando o do Tony.

— De acordo. — Sorriu e alargou as mãos para rodear sua cara. — Mas não neste momento. Primeiro quero te tocar outra vez, quero fazer que nos corramos. Desta forma, se decidir que você não gosta do que tenho que te dizer, ao menos te haverei tocado uma última vez.

— Não me importa o que tenha que me dizer, — disse-lhe seriamente. — Amo-te de todas as formas, Tony. Quero estar contigo para sempre, juro-lhe isso Por Deus.

— Demonstre-me isso — Os olhos do Tony arderam e sua mão se moveu da bochecha do Andrew até seu ombro, exercendo uma suave pressão. — Ponha de joelhos e chupa meu pênis, escravo. Fá-lo bom.

— Sim, Amo. — Andrew se deslizou lentamente para baixo pelo duro e musculoso corpo de seu amante até que ficou de joelhos frente a Tony. Tomou a enorme e dura ereção em uma mão e a esfregou amorosamente contra sua bochecha, absorvendo a cálida fragrância animal que sabia que nunca esqueceria, por muitos anos que passassem. Levantou a vista para o Tony, desfrutando do preguiçoso olhar de prazer através dos negros e entrecerrados olhos do Tony quando Andrew lambeu uma gota do salgado pré-sêmen da ponta de seu pênis.

— Drew, — murmurou brandamente alargando a mão até entrelaçar seus grossos dedos através do cabelo do Andrew. — eu adoro quando faz isso. Eu adoro olhar como chupa meu pênis.

— Também eu gosto. Eu adoro sentir seu olhar quando trago seu sêmen, — admitiu Andrew com a respiração entrecortada. Inclinou-se para diante, chupando tanto como podia do grosso membro em sua boca, saboreando o almiscarado sabor a macho da pele do Tony. Deus, adorava o sabor de seu amante, e o pensamento de que podiam estar juntos para sempre e não ter que terminar esta noite o tinha excitado tanto que seu próprio pênis estava duro como uma pedra.

— Bom, bom, o que temos aqui? — a familiar voz da porta os sobressaltou a ambos.

Andrew se apartou rapidamente, levantando o olhar para encontrar-se com o Wainwright e outros três irmãos Alpha que os olhavam com distintos graus de repugnância e incredulidade em suas caras. Tony e ele tinham estado tão concentrados em si mesmos que não tinham ouvido abrir a porta. Perguntou-se quanto tempo levavam ali Wainwright e o trio do Alphas.

Pelas expressões de suas caras, o suficiente.



Capítulo Quatorze

—Que demônios?— Um dos irmãos, Adam Carter, permanecia detrás do Wainwright com uma cara como se tivesse mordido algo podre. —O que é isto?— exigiu, olhando fixamente ao Andrew e ao Tony. —Que demônios pensam que estão fazendo?

—O que é o que parece?— a profunda voz do Tony soou absolutamente em calma. — Faço que meu escravo comprometido chupe meu pênis. Justo como fez durante a Semana Infernal. Supõe-te algum problema, Carter?

—Em realidade, ele tem um problema — mas nem de perto tão grande como o que vão ter vocês. — Wainwright entrou na habitação sorrindo abertamente. —Verá, o semestre terminou oficialmente a meia-noite, OH... — consultou seu relógio. — Faz quinze minutos.

—E?— Tony elevou uma sobrancelha, sua voz ainda soava acalmada, quase aborrecida.

—E este bonito menino já não é seu escravo comprometido, Touro. Só é outro irmão Alpha. E existem leis em nossos estatutos da fraternidade contra o contato sexual inapropriado entre irmãos. — Cabeceou para eles com repugnância. —E eu diria definitivamente que isto se qualifica como contato sexual inapropriado.

—Não fodas, — murmurou um dos outros Alpha detrás dele enquanto um olhar de repugnância cruzava sua cara.

—Assim, o que ides fazer?— Com ar despreocupado Tony se colocou frente a Andrew, quem ainda seguia ajoelhado no chão, sem reagir. Tudo no que podia pensar era que isto devia ser um castigo de algum tipo, um castigo por permitir-se atuar seguindo seus sentimentos antinaturais.

—Bom, de acordo com as leis, se um irmão for descoberto tomando parte em uma má conduta com outro irmão, e o ato é presenciado por ao menos outros três Alphas... — Wainwright assinalou com a cabeça aos três pesados Alphas que estavam atrás dele. —Então há motivo para convocar um tribunal de castigo.

—Filho da puta. — A profunda voz do Tony carregada de ira. —Você planejaste tudo isto!

—Certamente que o fiz. — Wainwright lhes dirigiu um sorriso de satisfação. —E agora, se queriam baixar ao tribunal, os outros irmãos os estão esperando aos dois.

—Uma merda que baixaremos a seu fodido tribunal. — Tony deu um passo para diante, com seus olhos negros cintilando. — Agarraremos nossas coisas e deixaremos a casa, mas não ficaremos por aqui para ser julgados para te entreter. E se está pensando em nos reter aqui pela força, já lhe verá comigo. — Deu outro passo para diante e Andrew notou que os outros irmãos empalideciam notavelmente. Inclusive nu e desarmado, Tony era enorme, uma força a ser tida em conta e estava claro que eles sabiam que não se tratava de uma ameaça feita à ligeira.

—OH, acredito que nos acompanhassem pacificamente. — Wainwright ainda soava tranqüilo e crédulo apesar da ira nos olhos do Tony. — Verá, se baixarem ao tribunal e aceitam seu castigo como homens, nenhuma menção a esta, ah, atividade aparecerá nunca em seus expedientes. Mas se resistirem ou temos que forçá-los, eu pessoalmente chamarei amanhã a cada aluno Alpha Psi que possa localizar e lhes farei saber exatamente o que esteve

acontecendo aqui no último ano. Mais ainda, as próprias autoridades da escola terão que ser notificadas e não há dúvida de que encontrarão que é necessário chamar aos seus pais. — Sorriu abertamente com maldade. — Agora, não seria uma vergonha se suas famílias descobrissem que são um par de maricas chupadores, Touro? — Cabeceou para o Andrew. — Arrumado a que o papai do menino bonito se desgostaria um pouco para ouvir que o descobrimos ajoelhado com seu pênis metida em sua boca até a garganta, não crie?

A gelada capa de atordoamento que se assentou sobre os nervos do Andrew de repente se derreteu. Tinha planejado contar ele mesmo a seus pais sobre sua relação com o Tony, mas não queria que o descobrissem assim. E se Wainwright de verdade agarrava o telefone e chamava as autoridades acadêmicas, tudo ficaria em seu expediente. Como de fácil seria conseguir uma beca universitária depois disso? Andrew podia responder a isso inclusive sem pensar — seria quase malditamente impossível. Aqui não estavam no Berkley, depois de tudo, estavam na USC, no coração do Sul. O suposto pecado de ser descoberto com o pênis de outro homem em sua boca o perseguiria pelo resto de sua vida. E uma vez que o relatório do presidente da seção circulasse em sua transcrição oficial, não poderia ser capaz de transladar-se a nenhum sítio.

— Tony? — levantou o olhar para seu amante ansiosamente. Pelo aspecto da cara do enorme Alpha, similares pensamentos tinham discorrido por sua própria cabeça. Tony tinha quebrado com sua família, assim precisaria partir e conseguir um trabalho depois da graduação. A vasta rede de alunos da USC poderia fazer-lhe muito mais fácil. Se, por outro lado, Wainwright chamava e deixava saber a cada um deles exatamente o que Tony e Andrew tinham estado fazendo quando os descobriram... bom, possivelmente era melhor aceitar o castigo. Andrew inspirou profundamente. Não poderia ser pior do que tinha suportado durante a Semana Infernal, verdade?

Encontrou o olhar do Tony e seu amante assentiu lentamente em silencioso acordo. Teriam que passar pelo tribunal.

— De acordo, — disse Tony, olhando com ferocidade ao Wainwright. — Aceitaremos seu maldito castigo. Mas será melhor que nunca escute uma palavra sobre isto outra vez ou eu pessoalmente virei e romperei seu fodido e esquelético pescoço. Entendido?

A estreita cara do Wainwright se voltou branca, mas manteve o tipo. — De acordo. Agora baixemos, como mencionei antes, todos os irmãos estão esperando.

A ambos lhes permitiu ficar uns jeans e então, com o Wainwright liderando a procissão e os três grandes Alphas flanqueando-os, Andrew e Tony foram escoltados escada abaixo. Os outros Alphas estavam de pé fazendo tempo na sala comum, claramente inseguros sobre o que ia passar.

Quando ele e Tony foram obrigados a ajoelhar-se no chão de madeira, Andrew refletiu sobre a ironia da situação. Tinha sido ali onde tudo tinha começado na última noite da Semana Infernal. Estava bastante seguro de que se Wainwright não o tivesse obrigado a chupar o pênis do Tony durante aquele horrível trote, nunca se teria feito amigo do enorme Alpha. Mas aquela noite se superou um obstáculo, um muro tinha sido derrubado que lhes tinha permitido desprezar as convenções sociais e atuar segundo seus desejos. Não importa o que tinha passado, decidiu, não lamentava o tempo que tinha passado ali como amante e companheiro de habitação do Tony. Nunca poderia lamentar o amor que tinham

compartilhado, a ternura e o calor entre eles. Inclusive se os irmãos os matavam por fazer o que tinham estado fazendo, tudo teria merecido a pena.

— Este tribunal chama a ordem. — A aguda e nasal voz do Wainwright soou sobre os desconcertados murmúrios dos outros irmãos, quem olhava fixamente aos dois acusados ajoelhados no meio do piso.

— Do que vai tudo isto, Wainwright? — perguntou um deles. — Que demônios têm feito Touro e Andrew?

— OH, cara, não vais querer sabê-lo. — Foi Adam Carter quem respondeu, enquanto a repugnância distorcia sua cara.

— O que? O que passou? — alguns dos outros irmãos se inclinaram para diante com avidez, obviamente curiosos. Wainwright estava claramente impaciente por satisfazer sua curiosidade.

— Anthony Ginelli e Andrew Baines foram descobertos por mim e nada menos que outros três irmãos Alpha tomando parte em uma má conduta sexual. — Sua nasal voz estava carregada de sádica satisfação. — E agora devem ser castigados.

— Né, estavam transando com alguma dessas irmãs da fraternidade Delta Pi em sua habitação? — perguntou um dos Alpha, provocando uma brusca gargalhada. — Maldita seja, Wainwright, não pode culpá-los por querer conseguir sexo na última noite do semestre!

— Bom, poderíamos ter deixado acontecer esse tipo de conduta. — Wainwright sorriu abertamente com maldade. — Infelizmente, isso não era o que estavam fazendo. Os conte, Carter.

— Não estavam desfrutando de nenhuma garota, isso seguro. — Carter parecia como se quera vomitar. — Eles estavam... estavam ambos os nus e Andrew estava de joelhos frente ao Touro e estava... estava... — tragou saliva, como se estivesse tratando de evitar devolver. — O estava chupando. Andrew estava chupando seu pênis.

Durante um momento, houve um completo silêncio na abarrotada sala comum e depois vozes de aborrecimento e indignação estalaram por toda parte. Andrew baixou a cabeça, sentindo as olhadas fixas dos outros Alpha como ferros candentes sobre sua pele.

A seu lado, Tony se enfrentava com atitude desafiante aos ferozes olhares que lhes dirigiam, obviamente nem tanto envergonhado como enfurecido.

Uma vez mais a voz do Wainwright se ouviu por cima das outras. — Isto foi presenciado por mim e outros três irmãos. Mas daremos aos acusados uma oportunidade de falar por eles mesmos. — Cabeceou com desprezo para o Andrew e Tony, ainda de joelhos no meio do piso. — Têm algo que dizer? Negam estas acusações?

— Sim, tenho algo que dizer, — grunhiu Tony, levantando o olhar. — É um imbecil, Wainwright. E não nego o que tenho feito. Nem o nego nem vou pedir perdão por isso. — Olhou fixamente ao redor aos outros Alpha, quem os observava com uma mescla de incredulidade e repugnância. — Todos me conhecem. Sou o mesmo de sempre e Drew também. Wainwright planejou tudo isto, tendeu-nos uma armadilha.

Andrew elevou a vista para seu amante com admiração. Como podia Tony estar tão sereno? Tão acalmado e tranqüilo? Tony sempre tinha sido um dos irmãos mais queridos na casa, o único ao que todos outros irmãos respeitavam. Um murmúrio de dúvida começou a elevar-se dos outros Alpha que seguiam seu discurso, e umas poucas olhadas carrancudas

foram lançadas em direção ao Wainwright. Claramente nem todo mundo na sala estava do lado do Wainwright. O presidente da seção obviamente sentiu a discrepância, porque voltou a elevar a voz outra vez.

— Ouviram-no, não nega os cargos. Mas embora o fizesse, foram surpreendidos no ato. Assim acredito que um castigo severo e imparcial de acordo com as regras. Carter, — cabeceou para o enorme e loiro Alpha que ainda os estava olhando fixamente com repugnância. — alcançar-me-ia, por favor, o bastão Alpha Psi?

Nesta ocasião os murmúrios na sala se elevaram em um clamor. Nenhum irmão tinha sido castigado com o bastão Alpha Psi em anos. Estava reservado para as faltas mais graves. Mas Andrew notou que ninguém tentou parar ao Carter quando se dirigiu ao outro lado da sala comum e desprendeu o grosso bastão de madeira com raias de cor dourado e arroxeadado intenso de seu suporte sobre a porta.

Andrew o observou com horror. O bastão era tão grosso como a boneca do Tony em sua parte central, e se estreitava em um ponto em um extremo, e tinha uma grossa e curvada protuberância no outro. O bastão em conjunto tinha o peso de um taco de beisebol de bom tamanho, e Andrew sabia que não era provável que alguém que fora golpeado com ele esquecesse o castigo durante muito tempo.

— Bom. — Wainwright brandiu o bastão, suas estridentes raias reluziam ameaçadoramente. — Não estou sugerindo que ambos os irmãos deveriam ser castigados com o bastão. Depois de tudo, o Touro aqui é um membro respeitado de nossa fraternidade e, até que permitimos que Andrew nos unisse, também foi um membro leal. — Deu um passo para diante e golpeou o extremo do bastão contra o chão de madeira com ênfase. — Isto é o que lhe proponho, Andrew baines receberá quarenta e um golpes, um por cada irmão Alpha ao que traiu ao corromper a um de nossos melhores e mais brilhantes membros. O que dizem?

Andrew sentiu que a boca lhe secava de repente. Quarenta e um golpes? Teria sorte se sobrevivia na metade deles com o horrível bastão em mãos de seus zangados e homófobos irmãos. De todos os modos levantou o queixo e apertou os dentes. Tudo era como a Semana Infernal outra vez. Deixe-lhes fazer o pior, recusava lhe dar ao Wainwright o prazer de vê-lo suplicar ou rogar para escapar do castigo.

— Não. Não! — o rugido como de um touro do Tony provocou um silêncio repentino na multidão do Alphas, e todas as olhadas se dirigiram a ele, incluída a do Andrew.

— Tony, — começou, mas o enorme Alpha sacudiu a cabeça.

— Isto não é culpa do Drew e Wainwright sabe, — gritou forte aos irmãos reunidos, com seus olhos negros cintilando perigosamente. — Só está tratando de me incomodar machucando à pessoa que amo. Machucando ao Drew. Bom, deixem que lhes diga, a todos vocês... — Olhou ferozmente a seu redor, encontrando o olhar de todos os homens no salão. — Se qualquer de vocês lhe põe um dedo em cima, podem ter certeza que o faço migalhas. Juro-o Por Deus.

Houve murmúrios de aborrecimento dos irmãos reunidos, mas muitos deles empalideceram. Claramente nenhum estava ansioso por enfrentar-se ele sozinho a um Touro zangado. Só Wainwright se mantinha imperturbável.

— Assim não podemos tocar a seu bonito e pequeno namorado, Touro? — Wainwright sorriu com satisfação. — Acredito que estará de acordo em lhes submeter ao castigo que este tribunal lhes assinale. Ou tenho que fazer algumas chamadas telefônicas?

— Não tente me ameaçar, idiota, — Tony grunhiu, e a expressão de seu bronzeado rosto estava tão carregada de ira que inclusive Wainwright deu um passo atrás. — Aceitaremos seu castigo, mas não será Andrew a quem vais golpear. Eu receberei a surra.

— Tony, não! — Andrew pôs uma mão sobre o braço de seu amante, mas Tony o tirou de cima.

— Vou fazer, Drew, e não pode me deter. — Lançou ao Wainwright um olhar de desprezo. — Assim vamos e sigamos adiante com isto. Não tenho toda a noite.

— Realmente não acredito... — começou Wainwright, mas Tony o cortou.

— Hei dito que sigamos adiante. Antes que vá aí e meta o fodido bastão em seu estreito traseiro. — Houve um murmúrio de nervosas risadas e a cara do Wainwright se voltou vermelha. Claramente as coisas não estavam indo como tinha planejado, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito.

— Muito bem, Touro. — Franziu o cenho e deu um passo para diante. — Você receberá os golpes, os quarenta e um. Um de cada irmão. — Elevou a vista, percorrendo aos Alphas reunidos com o olhar. — Assim que diga seu nome, avancem, tomem o bastão e golpeiem-no nas costas.

Houve murmúrios de incredulidade entre os irmãos, e algum deles gritou,

— De nenhuma fodida maneira, homem. Esperas que nós lhe golpeemos?

— Sim, assim é. — A cara do Wainwright se tornou inclusive mais vermelha e seus olhos se entrecerraram. — Sou o presidente da seção e estou ordenando a todos que se aproximem e alternem com o bastão. Carter? Importar-te-ia nos pôr em marcha? — Passou-lhe o bastão listrado ao pesado e loiro irmão, quem o colheu com óbvio entusiasmo.

— É óbvio, castigarei com o bastão ao maricas. — Balançou o bastão no ar, fazendo um som sibilante que revolveu o estômago do Andrew. Deus, realmente foram seguir com isso?

— Tony, — sussurrou com urgência. — Tony, não posso te deixar fazer isto. Não posso deixar que receba minha surra.

Tony o olhou com seus olhos negros cheios de amor. — Já está decidido, Drew. Não quero ouvir uma palavra mais sobre isto. Só... só mantém à margem. Não quero que lhe machuquem.

Andrew começou a protestar mais, mas de repente dois bruscos pares de mãos o levaram a força do centro do salão, onde Tony ficava de joelhos, com suas largas costas nua e pronta para receber a surra.

Carter lhe aproximou por detrás, balançando o bastão com óbvio agradar. — Aqui tem a fodida madeira. Espero que você goste. — Houve outro assobio no ar e um apagado crack quando o rajado bastão de madeira entrou em contato com a carne nua do Tony. Este se esticou e apertou os punhos a ambos os lados de seu corpo, mas não proferiu nenhum som ao receber o brutal golpe. Quando levantou a vista para o Andrew, seus olhos estavam secos.

Deus! OH, Deus, OH, Deus, OH, Deus! Andrew sentiu que seus próprios olhos se enchiam com as lágrimas quentes e abrasadoras que seu amante não podia derramar enquanto

os golpes continuavam. Cada um dos leais irmãos Alpha deu um passo adiante e agarrou seu turno com o bastão enquanto Tony recebia golpe detrás golpe.

Andrew queria correr para seu amante, protegê-lo com seu próprio corpo como Tony o tinha protegido, mas várias brucas mãos o retinham. A alguns dos irmãos lhes notava que não queriam estar envoltos no castigo, porque uns poucos golpes tinham sido bastante pouco entusiastas. Mas havia muitos Alphas como Carter que pareciam muito ansiosos por descarregar sua ira com o bastão.

Andrew mais tarde pensou que tinha sido como um pesadelo que não terminaria nunca. Thwack... thwack... thwack... Os golpes seguiam e seguiam, cada irmão agarrou seu turno com o bastão até que as largas costas do Tony se converteu em uma massa de vermelhos vergões e sangue. Andrew tratou várias vezes de ir para seu amante, mas cada vez era levado de volta e mantido em seu lugar, obrigado a olhar enquanto a brutalidade continuava.

Ao final, cada irmão na sala tinha tido seu turno, todos exceto Wainwright. Claramente tinha estado esperando para dar ele mesmo o último golpe, desfrutando de da dor do Tony como de um bom vinho enquanto olhava a surra com olhos ávidos e gulosos. Quando ele finalmente se aproximou e agarrou o bastão, com suas brilhantes listras, agora salpicadas de sangue, suas mãos tremiam de entusiasmo.

— Espero que isto te tenha ensinado uma lição, Touro. E que seja uma lição também para todos vocês. — Jogou um olhar ao redor aos Alphas e agarrou com firmeza a ensangüentado parte de madeira. — Nunca, nunca traia aos seus irmãos. — Levantou o bastão e o baixou com força, como um jogador de beisebol tentando um grande slam. Thwack!

— Deixa-o em paz! É que não pode deixá-lo já em paz? — A voz do Andrew tremeu e sua visão se rabiscou com suas lágrimas enquanto olhava ao Tony receber o último golpe, com a cabeça ainda erguida e suas costas ensangüentada ainda direita. Deus, como podia agüentá-lo? Ele se sentia como se fora a vomitar, como se fora a enlouquecer se não lhe permitiam logo ir para seu amante. Só queria levar Tony a algum lugar e abraçá-lo, limpar suas feridas, lhe ajudar de qualquer forma que pudesse. Tirar-lhe a dor.

Mas Wainwright não tinha acabado ainda. — Agora não é tão perigoso, verdade, Touro? — mofou-se do Alpha que seguia de joelhos. — Já não é mais homem importante agora que tiveste seu castigo.

— Que... se... foda. — A profunda voz do Tony parecia mais o grunhido de um animal ferido que uma voz humana. O som arrepiou o curto cabelo da nuca do Andrew quando recordou a fúria que havia visto oculta nos olhos de seu amante. Uma lembrança repentina do Tony com seu amplo peito manchado com o sangue de algo ou alguém apareceu em sua memória.

Perguntou-se se Wainwright tinha alguma idéia do perigo no que estava nesse momento, e decidiu que provavelmente não.

— O que há dito? — A voz nasal do Wainwright se elevou com ira e apertou o bastão ensangüentado com mais força.

Tony lentamente se girou para ele e a violenta ferocidade de seu olhar era horrível de ver. — Hei dito que se foda, Wainwright. Que parte disso não entendeste?

— Você... Você... — A cara do presidente da seção era de um apagado vermelho tijolo, seus confundidos olhos brilhavam com ódio. Andrew quase pôde ler seus pensamentos só vendo sua cara. Como se atrevia Tony a ignorar sua ira? — Como se atrevia a receber a pior surra que Wainwright e os outros puderam lhe infligir e permanecer ensangüentado, mas erguido? — Lentamente, Wainwright levantou o bastão outra vez. Só que esta vez ia dirigido à cabeça do Tony.

— Não! — Andrew gritou quando o bastão ensangüentado assobiou através do ar. Mas era muito tarde e sabia. Tony ia receber a força do golpe diretamente em um lado da cabeça, e forte ou não, ninguém podia sobreviver a um golpe de tal ferocidade.

Mas antes que tivesse tempo de ficar tenso para o surdo e horrível som do bastão Alpha Psi entrando em contato com o crânio de seu amante, uma das mãos do Tony estava ali, lhe arrebatando o sangrento pau de madeira no ar.

— Acredito que não, Wainwright. — Tony se levantou lentamente, suas costas jorrando de sangue e os olhos brilhantes de fúria. De alguma forma parecia maior, como se tivesse crescido de pura ira. — Um golpe por homem, lembra? — Agarrando o fortificação por ambos os lados, rompeu-o com um surdo crack sobre um joelho, como se fora um ramo fino e seco. Então lançou os fragmentos aos pés do presidente da seção e se girou por volta dos dois irmãos que sujeitavam ao Andrew.

— Soltem-no. Agora.



Capítulo Quinze

Os irmãos que agarravam ao Drew não puderam soltá-lo o bastante rápido. Empurrando-o para o Tony, saíram correndo da sala comum seguidos pela maioria dos outros Alphas.

As costas do Tony se sentiam como se estivesse em chamas. Como se alcançasse a tocar a tremente carne nua de suas costas pudesse retirar a mão cheia de lava em lugar de sangue. Mas não eram só suas costas e seus ombros o que estava ardendo. A raiva tremia em suas veias, uma fúria tão profunda que não podia expressá-la com palavras.

— Tony? Está bem? — Drew claramente queria deter-se, valorar o dano das costas de seu amante, mas Tony o agarrou por um braço e o arrastou fora da casa. Por cima de suas cabeças, a lua estava tão cheia e brilhante que cada folha e fibra de erva parecia coberta de gelo por seu pálido reflexo.

— Estou bem agora, mas não o estarei durante muito tempo. — Tony obrigou às palavras a sair de sua boca. Parecia como se a lua o deslumbrasse. Sua pálida luz era como uma agulha de prata em seu cérebro, chamando-o, não o deixando em paz. A ira e a dor que o atravessavam eram muito, muito difícil para controlar. Não sabia quanto tempo poderia manter-se sem trocar.

E então estavam no estacionamento da casa da irmandade, não longe da segurança que proporcionava a fileira de árvores que rodeava a casa. Tony rebuscou freneticamente no bolso de seu jeans. Tirou as chaves de seu golpeado Camaro 84 e as pôs na mão do Andrew.

— O que é isto? O que está fazendo? — Andrew ficou olhando as chaves como um idiota, obviamente ainda atordoado pela visão da brutal surra.

— Escuta, Drew, — Tony lhe disse com tom de urgência, ignorando suas perguntas. — Necessito que vá daqui. Estou bastante seguro de que sou como uma bomba relógio. Poderá chegar a casa?

— Do que está falando? Não vou a casa. — Andrew tratou de lhe devolver as chaves. — Não vou a nenhum lugar até que lhe levemos ao hospital e lhe revisem as costas. É provável que necessite pontos, centenas de pontos.

— Esquece essa estupidez — Tony fechou firmemente a mão do Andrew sobre as chaves. — Tem que ir, Drew. Ir agora. Não sabe a que classe de perigo te enfrenta.

— De quem, dos irmãos? — Drew olhou para trás à iluminada casa da fraternidade. Não sou tão estúpido para voltar ali, Tony. Eu...

— Não dos irmãos. — Tony passou uma mão por seus olhos e fez várias inspirações profundas, tratando de acalmar-se. Tratando de lutar contra a lua. — De mim. O perigo sou eu. Não posso... não sei quanto tempo poderei dirigir... tudo isto. A dor e... — levantou a vista para o céu, olhando com os olhos entrecerrados os abrasadores raios que queriam dobrá-lo, trocá-lo. — A lua. A lua me exige sangue. — Podia ouvir como sua voz tinha descendido quase uma oitava, soando como um grunhido animal, e seus olhos ardiam. A familiar sensação só podia significar uma coisa, a profunda cor negra de seus olhos tinha sido substituído por um intenso dourado.

Drew o olhou assustado, mas não havia nada que Tony pudesse fazer. Nada salvo fugir antes que a lua o reclamasse totalmente e fosse obrigado a trocar.

— Tony do que está falando? Acredito que está delirando. Temos que te levar a um hospital. — Apesar de seu evidente medo, Drew o olhou decidido. Decidido a não abandoná-lo, a não ser a apoiá-lo sem importar o que acontecesse.

Tony sacudiu a cabeça. Uma emoção mais forte que a fúria se apoderou dele e agarrou ao Andrew, atirando dele para lhe dar um abraço esmagador.

Andrew se pressionou com força contra seu corpo, como se de algum jeito sentisse que aquilo era um adeus. — Amo-te aconteça o que acontecer, — sussurrou no pescoço do Tony. — Como nunca tinha amado a ninguém antes.

Tony se retirou. Podia sentir a quente ardência das lágrimas em seus olhos, mais doloroso inclusive que as pontadas em suas costas feridas. — Eu sinto o mesmo, Drew. Eu... tenho que ir. Eu...

— Né, maricas! — Aquela aguda voz nasal pertencia sem dúvida nenhuma ao Wainwright.

Tony se girou para enfrentar-se a ele, quem se aproximava de grandes pernadas através da erva gelada sob a luz da lua com um taco de beisebol de beisebol na mão. O terror subiu por seu espinho dorsal como uma fria serpente ao ver o desprezo e o aborrecimento na magra cara do Wainwright. Deus, pensou. Por favor, agora não, aqui não! Podia sentir à besta pulsando dentro dele — empurrando para liberar-se. Odiava ao Wainwright tanto como ele, inclusive mais. Se perdesse o controle agora... Controla suas emoções, disse-se a si mesmo com desespero. Um Were deve controlar suas emoções sempre perto dos humanos.

— Atrás! — Drew se colocou entre eles, estendendo uma mão para deter a violência. À luz da lua seu brilhante cabelo castanho parecia de prata. — Atrás, WAINWRIGHT, — repetiu, encarando-o e dando as costas ao Tony. — Tony não... não é ele mesmo neste momento.

— Ele me importa uma merda. — A cara do Wainwright mostrava uma retorcida careta de ódio quando olhou fixamente ao Drew. — Venho por ti. Tony era meu antes que você te apresentasse. É o motivo de tudo isto, e o único que deveria ter recebido esses golpes. Assim devo dar-te os agora, os quarenta e um, maricas. — Elevou o taco de beisebol sobre sua cabeça e avançou para o Drew.

A visão de seu amante sendo ameaçado foi muito. Tony se sentiu romper, sentiu algo rasgar-se dentro de seu peito quando a antiga e terrível mudança se abriu caminho através de seu corpo.

— E uma merda que vai dar, — resmungou, mas as palavras lhe saíram em um grunhido ininteligível e de repente seus olhos viam em tons de profundos azul e cinza. Podia cheirar o sangue no ar, seu próprio sangue, o qual o enfureceu ainda mais. E também o sangue do Wainwright. Um aroma denso e acobreado que despertou uma fome selvagem dentro dele.

Em algum lugar dentro dele uma voz gritava que aquilo estava mau, que poderia lamentá-lo depois. Controla suas emoções, deve controlar suas emoções! Mas era muito tarde e a lua em cima dele muito forte. Uma vez que a mudança o agarrava, não havia marcha atrás, a besta estava fora e não poderia ser aplacada com nada salvo com sangue.

A criatura que tinha sido Tony jogou a cabeça para trás e uivou.



Capítulo Dezesseis

Andrew sentiu um fôlego quente como um forno em seu pescoço e viu que os olhos do Wainwright se abriam como pratos pelo medo, mas ele não quis somar dois e dois até que ouviu o prolongado e solitário uivo detrás dele. Não, pensou, o pânico se abria passo em sua mente. Não, é minha imaginação. Se me der a volta, solo dar a volta e olhar, não será real. Só estará Tony de pé preparado para dar uma surra ao Wainwright com as mãos vazias por me ameaçar.

Apesar do discurso interior para levantar a moral, a última coisa no mundo que queria fazer era seguir seu próprio conselho, embora, de algum jeito, obrigou-se a si mesmo a fazê-lo. Sentindo-se apanhado em um sonho do que não podia despertar, girou-se como em câmara lenta, para encarar o que estava detrás dele.

Era a criatura do quarto de banho. Os brilhantes olhos dourados olhavam fixamente seu interior e o grande e cruel focinho mostrava os dentes em um grunhido silencioso. Era imenso, com mais de dois metros de altura, e permanecia de pé sobre uns grandes pés que terminavam em garras. Suas patas se inclinavam para trás, como as de um cão. Uma grossa pele de cabelo negro cobria seu alargado torso, que parecia ser meio homem, meio lobo. No chão junto às garras de seus pés, Andrew pôde ver os restos dos jeans que Tony tinha levado postos. Tinham sido triturados como se fossem papel velho em vez de grossos jeans. Esse foi realmente o último detalhe que o persuadiu, que realmente o convenceu do que era o que estava vendo. Por muito que não queria acreditá-lo, essa criatura, essa coisa era Tony.

Andrew inspirou profundamente. Assim que o monstro no banheiro aquela noite não tinha sido um produto de sua hiper-ativa imaginação nem um mau sonho. Justo como aconteceu aquela primeira noite que tinha visto a criatura no banheiro, Andrew ouviu o eco das palavras de seu amante em sua cabeça. *Todos têm segredos, Drew. Incluído eu.*

Os brilhantes olhos dourados olhavam fixamente sem pestanejar em seu interior, e Andrew sentiu que suas pernas se voltavam de manteiga. Este era o segredo que Tony tinha querido lhe contar? Ou possivelmente não era realmente tanto um segredo como algo ao que ele não tinha querido enfrentar-se. Não se tinha estado dizendo a si mesmo que as noites que Tony passava fora durante a lua cheia não eram nada importante, nada pelo que ficar nervoso? Não tinha evitado descobrir a verdade? Qual era aquela famosa frase?... Ah, sim, *a verdade lhes fará livres?* Bom, tinha toda a verdade que necessitava agora, justo de pé frente a ele, e, neste caso, parecia mais que a verdade poderia matá-lo.

— T — Tony? — gaguejou, inseguro do que estava dizendo. — Tony, se estiver aí, sou eu. Sou Drew. Não... não me faça mal, sim? — Aquela ameaçadora coisa sobre ele grunhiu em tom ameaçador, mas seus olhos já não se dirigiam ao Andrew. De fato, olhavam fixamente sobre seu ombro.

OH, demônios, pensou, sentindo-se aturdido. Wainwright vem detrás de mim com um taco de beisebol. Deu-se a volta outra vez, lentamente como em um sonho, e viu que o presidente da seção estava no mesmo lugar. Seus olhos estavam abertos como pratos e sua boca se movia sem pronunciar nenhum som. Mas ainda estava agarrando o taco de beisebol e

agora além com ambas as mãos, mais como uma barreira entre ele e o homem-lobo que como uma ameaça real.

A besta obviamente não o viu dessa maneira. Grunhiu baixo em sua garganta e passou ao Andrew, caminhando para o tremente presidente. Passou tão perto a seu lado que Andrew pôde sentir seu grosso cabelo deslizando-se sobre seu braço e o terrível calor de seu enorme corpo.

— Wainwright, — sussurrou com urgência. — Wainwright, solta o taco de beisebol. Isso... ele... pensa que o está ameaçando. Vamos, solta-o! —

— Maldita seja, estou-o ameaçando! — A aguda voz nasal do Wainwright estava cheia de falsa fanfarronice, embora suas ações contradiziam suas palavras quando deu um cauteloso passo para trás. — Note no tamanho desta coisa. Quero dizer, não há forma de que possa ser de verdade.

A criatura que tinha sido Tony grunhiu outra vez, mas Wainwright parecia ter tido uma idéia que gostava, e não quis deixá-lo.

— Exato, não é real, verdade? É algo que inventaram entre os dois para me assustar. Estiveram conspirando todo o ano para me voltar louco. — Franziu o cenho e moveu o taco de beisebol, provocando um zangado rugido de advertência da besta. Com nervosismo, retrocedeu lentamente outro passo de tal forma que chegou quase ao perímetro do bosque que rodeava a casa da fraternidade. — Bom, me deixe te dizer, Baines, que isto é justo outra infração mais para adicionar a sua lista. Uma razão mais pela qual merece esses quarenta e um golpes que te prometi. E tenho a intenção de procurar que os receba! Não me dão medo.

— Wainwright, não! — gritou Andrew. Mas o presidente já se pôs em movimento. Colheu com um firme puxão a grossa manga de madeira e deixou sair um grito quando carregou contra a furiosa criatura que tinha sido Tony.

Movendo-se muito rápido para que Andrew pudesse segui-lo com o olhar, a besta encontrou ao Wainwright no meio do campo, entre o estacionamento e o bosque, e lhe arrancou a cabeça.

À luz da lua, o sangue do Wainwright era um jorro de cor negra. Saiu como um fornecedor do corte irregular de seu pescoço, empapando o grosso cabelo da besta como se fora um manto de calor úmido. Andrew pôde sentir o acre aroma, quente e acobreado, no ar enquanto via o corpo decapitado do Wainwright retorcer-se na curta erva.

A besta jogou a cabeça para trás e rugiu, um som ensurdecedor que o fez tremer até os ossos. Não podia acreditar que não tivesse vindo nenhum irmão correndo da casa da fraternidade, situada sozinho a umas poucas centenas de metros. Mas dentro da casa, alguém tinha posto música, e muito alta, possivelmente procurando afogar as culpas que sentiam pelo que tinha passado.

Algo que fora, o rugido da besta pareceu tirar o Andrew de seu atordoamento. Com um ofego, começou a retroceder, sem atrever-se a dar a volta e pôs-se a correr abertamente por medo de que a besta o notasse e viesse detrás dele também. Ainda tinha as chaves do Tony agarradas com força em uma mão e começou às manusear. Tentava encontrar a maneira correta de atuar sem lhe tirar os olhos de cima a horrível visão do perigoso homem-lobo sobre o corpo morto do Wainwright quando as chaves lhe caíram da mão com um tinido.

O ruído pareceu atrair a atenção da criatura. Elevou seu focinho do açougue feito com o cadáver do Wainwright e o olhar de seus brilhantes olhos dourados ficou travado com a do Andrew.

—OH Deus. OH não. — Mantendo o olhar sobre a besta, Andrew se agachou no chão e procurou as chaves entre as geladas fibras de erva. Se pudesse as encontrar, sabia que o Camaro estava só a umas poucas jardas detrás dele. Possivelmente poderia escapar nele. Mentalmente repetiu os passos a seguir. Encontrar as chaves, escolher a correta, dar a volta, correr para o carro, colocá-la na fechadura, meter-se no carro, fechar a porta...

De repente, a peluda forma que estava diante dele começou a tremer, uma vibração tão rápida que os olhos do Andrew logo que puderam registrá-la. Desejou poder vê-lo em câmara lenta, porque tinha a impressão de que tinha ocorrido algo muito complicado, só que tinha passado tão rápido que seu aturdido cérebro era incapaz de processá-lo.

Antes que pudesse terminar seu desconexo pensamento, a besta tinha ido e Tony ficou em seu lugar. Permaneceu de pé sob a luz da lua, respirando com força e completamente nu com seu queixo e sua cara cobertas de sangue. O sangue do Wainwright, deu-se conta Andrew, porque tinha sido Tony quem o tinha matado. Tony na forma da enorme e peluda besta.

Tony piscou como se despertasse de um vívido pesadelo e sacudiu a cabeça. —Drew? — perguntou. Sua profunda voz soava rouca, mas quando deu um passo adiante, com uma mão estendida, Andrew retrocedeu. —Drew? — perguntou outra vez. —Não... não te machuquei, verdade?

Andrew moveu a cabeça lentamente de um lado a outro, mas quando tratou de responder, não pôde pronunciar nenhuma palavra. Passou a língua por seus lábios e o tentou de novo. —Não... não me machucou. Mas você... Wainwright, ele... — Sua voz se foi apagando enquanto assinalava o sangrento corpo decapitado.

Tony se girou para olhar a matança e quando se deu a volta, seus negros olhos tinham um olhar duro. — Agora já sabe, — disse, e deu outro passo para o Andrew.

Andrew já tinha encontrado as chaves, e tinha a correta para abrir o Camaro encerrada em seu punho. Desejaria atrever-se a dar a volta e encaixar a chave na fechadura, mas de qualquer forma, não podia apartar o olhar do aborrecimento que brilhava nos olhos de seu ex-amante. Deus, por favor, não lhe deixe trocar outra vez. Por favor, OH, por favor, não...

—Agora já sabe o que queria te dizer. Por que tinha medo de que me deixasse quando soubesse. Porque sou isto. — Tony se destacou a si mesmo, a seu corpo nu vestido sozinho com sangue. —E agora já sabe por que tampouco podia te fazer o amor, Drew. Porque se o fizer, poderia te converter. Converter-se no que eu sou. Isso é o que quer?

—N-não. — Sacudindo a cabeça aturdido, Andrew alargou a mão para trás, tratando de colocar a chave na fechadura sem olhar. A magra peça de metal se deslizou através do lateral do Camaro com um surdo chiado quando seus suarentos e paralisados dedos apertaram muito forte. Tony deu um passo adiante com a mão estendida e Andrew se sobressaltou, quase deixando cair as chaves outra vez.

—Cristo, Drew, o que te passa? — exigiu, dando outro passo para diante. —Que merda passa?

Ao fim a chave encontrou a fechadura. Ao mesmo tempo, Andrew encontrou sua voz. — Que me passa? Deus, Tony, só... só te vi arrancar a cabeça do Wainwright e comê-lo. Que diabos acha que me passa? É isto o que estiveste fazendo todas essas noites quando dizia que foi de caça? Matar às pessoas? Este é seu grande secreto?

— O que? Não, Drew, não tudo é assim. Não caço a humanos. Só... — Tony deu outro passo adiante, mas Andrew já tinha aberto a porta do carro e se deslizou dentro.

— Não te aproxime de mim, — disse com voz tremente. — Só... não te aproxime, Tony. Deixarei o carro onde possa encontrá-lo, mas tenho que partir daqui agora.

Tony se deteve onde estava, uma terrível dor enchia seus negros olhos. — Pensei que havia dito que me amava sem importar nada mais, Drew. Que queria que estivéssemos juntos para sempre.

Por um momento Andrew sentiu que seu coração se retorcia e quase saiu do Camaro para ir para seu amante. Então recordou a selvagem forma em que a besta tinha arrancado a cabeça de Wainwright e o negro jorro de sangue que seguiu a seguir. Amava ao Tony com todo seu coração e uma parte dele sempre o faria. Mas não podia superar essa imagem, não podia apagar o horripilante som de rasgão da cabeça do Wainwright ao separar-se de seu corpo ou o quente aroma de cobre de seu sangue que se vertia na erva iluminada pela lua.

— Sinto muito, Tony, — disse com uma voz tão baixa que logo que podia ouvir-se si mesmo. — Sinto muito, mas isto é muito. Não posso. Simplesmente não posso.

Girou a chave, fazendo que o motor voltasse para a vida e colocou uma marcha no carro. À medida que a figura do Tony se ia fazendo menor no espelho retrovisor, sentiu um nó na garganta e uma certeza crescendo em seu coração. Tinha terminado, terminado de verdade.

Deveria ser capaz de superar o que era seu amante, ao menos com o tempo. Mas não havia nenhuma maldita forma de que superasse o que fazia durante as noites de lua cheia.

Nunca voltou a ver o Tony outra vez.

Capítulo Dezessete

Hoje

Andrew não sabia por que seus pensamentos tinham retrocedido a aquela noite de tanto tempo atrás, a última vez que tinha visto o Tony. Depois de tudo, não era como se fosse vê-lo agora, não com uma pistola na boca e um dedo apertando o gatilho. Jogou um último olhar a seu redor ao dormitório mobiliado com bom gosto com sua enorme cama de mogno. Elizabeth tinha decorado a habitação principal em tons de canela que o faziam pensar em uma habitação de motel. Esperava que o desastre que ia fazer saísse com uma pequena limpeza em seco. Por outra parte, provavelmente se alegraria de ter a oportunidade de decorá-lo de novo.

Abaixo, os golpes na porta se fizeram mais fortes e Tony gritou seu nome. O canhão da Glock estava frio contra sua língua e uma mínima pressão poderia fazer que se disparasse. Não sabia por que não podia obrigar-se a si mesmo simplesmente a apertar o gatilho com rapidez, possivelmente não queria ouvir o ruído que faria a Glock quando disparasse. Mas o ouviria se a parte de trás de sua cabeça saísse voando ao mesmo tempo? Se um advogado se suicidava em sua residência urbana e ninguém o ouvia, realmente ele tinha existido? — *Há-há, Andrew, muito gracioso, mas este não é momento para questões filosóficas, — Só faça-o.*

Link ainda estava ladrando freneticamente escada abaixo, mas fora da casa se produziu um súbito silêncio. Tony tinha deixado de gritar seu nome e de exigir que lhe abrisse a porta. Bom, possivelmente seu velho amigo tinha perdido o interesse, Andrew sabia que ele certamente o tinha perdido. Tinha perdido interesse em continuar com a mentira que era sua vida. Seu dedo apertou o gatilho outra vez.

O som da madeira ao fazerem-se lascas abaixo o deteve. Realmente Tony tinha derrubado a porta? Pela segunda vez, Andrew tirou a pistola da boca. Houve umas fortes pisadas nas escadas e de repente a porta da habitação se abriu de repente.

— Baixa a pistola, Drew. Agora. — Tony deu um passo adiante, uma mão estendida como se queria agarrar a Glock da mão do Andrew.

— Tony? — Os dedos do Andrew se esticaram por reflito no frio metal. — Não...

Não teve oportunidade de terminar. Antes que pudesse fazê-lo, Tony o atacou, deu com a Glock no chão e os enviou a ambos à imaculada e enorme cama que havia detrás.

— Uf! — Todo o ar saiu dos pulmões do Andrew quando mais de cem quilogramas de sólido músculo aterrissaram sobre ele. Lutou para sentar-se, mas Tony o tinha imobilizado, com seus insondáveis olhos negros cheios de ira e preocupação.

Ao Andrew o assombrou que embora tivesse passado quase uma década, seu velho amigo parecia quase exatamente o mesmo. Seu grosso cabelo negro estava um pouco mais curto, possivelmente, e tinha umas poucas rugas nas esquinas da boca e dos olhos que não tinham estado ali na universidade, mas em sua maior parte, Tony estava como Andrew o recordava. E também seguia sendo tão dominante como antes.

— Tire-lhe tire isso-lhe-me de cima, — disse ofegando. — O que está fazendo aqui?

Tony franziu o cenho, mas não se moveu nenhuma polegada. — Escreve-me uma fodida nota de suicídio e vem me perguntar isso? O que acha que estou fazendo aqui? Estou-te salvando a pele.

— Bom, possivelmente não... não quero ser salvo. — Andrew se retorceu sob o sólido peso do outro homem, tratando de liberar-se. De repente, sentiu algo duro e quente roçar contra sua coxa, o pênis do Tony. Sentia-se igual, também. Para sua vergonha, sentiu que seu próprio pênis se endurecia em resposta. Tony deveu havê-lo sentido também, porque de repente seus olhos se entrecerraram.

— O que acontece, Drew? Ainda tem medo de mim? — murmurou, seu quente fôlego sobre a bochecha do Andrew.

— Nunca tive medo de ti. — Andrew deixou de lutar, deixou de lutar contra a sensação de ser dominado, de ser forçado a submeter-se. Recordava-lhe muito à primeira vez que se encontraram, à forma em que tinha sido forçado a chupar o grosso pênis que podia sentir pressionando contra sua coxa. Apesar de seu desassossego, estava tão duro que lhe doía.

— Correu como se tivesse medo. Correu e nunca voltou. — Tony o olhou zangado outra vez, seus negros olhos brilhando como o ouro durante um momento, lhe recordando ao Andrew à besta que levava dentro. Mas de algum jeito, a lembrança não o assustou, zangou-o.

— O que esperava que fizesse depois de ver sua conversão nessa... Nessa criatura e matar ao Wainwright? — exigiu, olhando ferozmente os olhos do Tony. — por que não me contou o que foi? Por que não me explicou isso? E por que teve que lhe matar, em primeiro lugar?

— Oficialmente, não o fiz. Um lobo selvagem o fez. — Tony sorriu abertamente, mostrando seus brancos dentes, ignorando deliberadamente as perguntas do Andrew.

— Sei. Todos os periódicos cobriram a notícia. Estive esperando que a polícia chamasse a minha porta, mas nunca vieram. — Andrew franziu o cenho e lutou contra o desejo de tentar levantar-se outra vez, obviamente Tony não ia deixar ir até que lhe parecesse.

— Eu também os esperei em minha porta. Mas nunca apareceram. Por que não me entregou? — perguntou, parecendo mais curioso que aborrecido.

— Te entregar? Fala-o a sério? — Andrew lhe dirigiu um incrédulo olhar. — Não poderia te fazer isso. Não poderia Tony. Por outra parte, o que lhe diria à polícia? Que meu am... quero dizer, meu companheiro de habitação se converteu em um gigantesco lobo e... e lhe tinha arrancado a cabeça ao presidente da seção Alpha Psi? —

— Poderia havê-lo feito. — Tony o olhou especulativamente. — Pôde ter ido à polícia ou inclusive fazer uma chamada anônima, mas não o fez. Foi porque tinha medo? Ou... porque ainda te interessava?

— Eu... — Andrew apartou o olhar, incapaz de enfrentar-se a do outro homem. — Acredito que te disse no correio eletrônico que te envieí que nunca... nunca tinha deixado de pensar em ti. Em nós.

— É disso do que se trata tudo isto? — Tony assinalou com a cabeça a Glock que se encontrava como um brinquedo descartado no chão ao lado da cama.

— Sim, não... possivelmente. Em parte. — Andrew se retorceu outra vez, incômodo. — Olhe, vais deixar que me levante?

— Não, acredito que não. — Tony lhe dirigiu um lento e preguiçoso sorriso. — passou muito tempo desde que não te tinha nesta posição. Acredito que te manterei assim um momento.

Andrew se exasperou. — Bom, poderia ao menos responder a alguma de minhas perguntas enquanto me prende à cama? — exigiu. — Como por que demônios te entregou aquela noite e fez o que fez?

— Acredito que a pessoa que envia uma nota de suicídio deve ser a que responda as perguntas, — assinalou Tony, mas depois se aplacou. — Sou um Were. O que Hollywood chama um homem-lobo, suponho, mas não nos consideramos assim. Mudamos quando a lua está cheia, caçamos e voltamos a trocar. E antes que me pergunte isso, não, não caço humanos. Apenas abri uma exceção no caso do Wainwright porque o miúdo maldito estava te ameaçando com um taco de beisebol.

— Mas... — A cabeça do Andrew lhe dava voltas com a nova informação. — Mas tinha que matá-lo?

Tony se encolheu de ombros, um movimento que pressionou seu pênis mais profundamente na coxa do Andrew. — Não pude evitá-lo. Não se raciocina tão bem em forma de lobo como o faria como um humano. Toda sua atenção está centrada em seus sentidos, não em seu cérebro. Meus sentidos me estavam dizendo que meu amante estava em perigo e a besta dentro de mim atuou em consequência. — encolheu-se de ombros outra vez. — Sayonara, Wainwright.

— Assim que... O matou por mim. De igual forma que recebeu minha surra aquela noite. Mas eu pensei... — Andrew sacudiu a cabeça, inseguro do que estava tratando de dizer.

— Pensou que me tinha convertido em um monstro peludo e assassino que matava às pessoas e que você seria o seguinte. Não o negue, vi-o em seus olhos. — Os próprios olhos do Tony estavam cheios de emoção agora, a ira e a tristeza lutavam em suas negras profundidades.

— Não sei o que pensei. Estava morto de medo, — admitiu. — Mas superei, com o tempo, sobre no que te tinha convertido, ao menos. Não sei se poderei superar tudo o que te vi fazer. Mas não te tenho medo agora. Quero dizer, não importa o que fez ao Wainwright, não me machucaria. Verdade? — Levantou a vista para seu velho amigo com indecisão.

— Não, é obvio que não, Drew. Não tenho o costume de rasgar em partes às pessoas que amo. Não fisicamente, ao menos. — Tony suspirou profundamente e ao final rodou de cima de Andrew. — Emocionalmente é outra história. Sinto não haver lhe contado isso antes, sinto que tivesse que descobrir o dessa maneira. Quis-lhe dizer isso essa noite, mas então foi quando tudo ocorreu. Adiei-o tanto tempo por que... Vi a expressão de sua cara aquela noite que voltava da caça e pensei... suponho que tinha medo de que te partisse se sabia.

— Não sei o que teria feito. — Andrew se incorporou até que pôde sentar-se com as costas sobre a esculpida cabeceira de mogno. Estava contente de falar sobre isso depois de tanto tempo. Contento e um pouco surpreso de que falar com o Tony fora tão fácil como sempre tinha sido. — Especialmente depois de tudo o que nos passou. Não só Wainwright, refiro a toda essa última noite. A forma em que nos arrastaram escada abaixo e... e... — Sacudiu a cabeça, tratando de não recordar a terrível imagem das musculosas costas do Tony, ensangüentada e machucada pelos golpes com o bastão.

— Não, Drew, está bem. — Tony pôs uma mão sobre seu joelho.

— Não, não o está. — Inspirou profundamente. — Há algo que sempre quis te perguntar sobre isso. Algo que me estive perguntando. Tem cicatrizes?

Tony franziu o cenho. — Que se tiver o que?

— Cicatrizes. Da... Da surra. —

— OH, bom... — Tony pareceu incômodo. — Não muitas, não. Só umas poucas linhas. Nada importante.

— Posso vê-las? — Andrew se incorporou um pouco mais perto de seu velho amigo, mas Tony sacudiu a cabeça.

— Não há nada que ver, já lhe disse isso.

— Bom, me mostra de todas as formas. — Andrew o alcançou e brandamente atirou da prega da ajustada camiseta negra que Tony levava. Tony suspirou e então, sem uma palavra, tirou-se de um puxão a camiseta e a lançou ao chão. Ficou de barriga para baixo, com a cabeça apoiada sobre os braços quando apartou o olhar do Andrew.

Andrew se inclinou sobre ele e deixou sair um comprido e assobio enquanto seus dedos seguiam as ásperas e brancas linhas de malha cicatrizada que atravessavam as largas e musculosas costas de seu ex-amante. Brandamente, quase com reverência, seguiu o mapa de dor com a gema dos dedos, olhando enquanto Tony se estremecia sob seu contato.

— Deveriam ter sido minhas. — Foi um sussurro, mais um pensamento que de algum jeito tinha escapado da boca do Andrew que uma declaração que tivesse querido dizer em voz alta.

— Não. — Ainda deitado sobre seu estômago, Tony girou a cabeça para o Andrew. — Não, Drew.

Andrew estendeu a mão sobre as largas costas do Tony. — por que recebeu minha surra aquela noite? Pensou que eu não poderia com ela?

Tony o olhou com seus negros olhos cheios de uma emoção sem expressar. — Não recebi a surra aquela noite porque pensasse que você não podia fazê-lo. Vi esse olhar em seus olhos, esse olhar, *que se fodam*, e soube que poderia com algo que aqueles malditos bastardos lhe infligissem.

— Então, por quê? — Andrew franziu o cenho.

— Por que... tinha medo de que pudéssemos terminar aquela noite, depois de que te dissesse... Mostrasse-te o que era. — A dor enchia os olhos do Tony enquanto falava em voz baixa. — Era a última coisa que podia fazer por ti. A única maneira que sabia de te mostrar como me sentia.

— E como... Como se sentia? — Andrew notou que seu coração golpeava contra suas costelas e sua boca estava quase muito seca para fazer a pergunta.

— Como me sentia? — Tony lhe respondeu, incorporando-se. — E o que tem feito você com sua vida estes últimos nove anos em vez de passá-los comigo? Quero dizer que me mantive a par de sua vida a distância, mas queria ouvi-lo de ti, se pensar que as coisas foram melhores do que teriam sido se tivéssemos seguido juntos. Se aquela noite nunca tivesse ocorrido.

Andrew suspirou. — Realmente não posso responder a isso, Tony. Suponho que fiz tudo o que minha família esperava de mim e segui os passos de meu pai. Agora consegui o que

todo mundo sonha conseguir, um trabalho perfeito, uma casa cara, um carro último modelo, uma formosa mulher que provém de uma família apropriada... — Se encolheu de ombros. — E aqui estou com uma pistola na boca. Por que não sou feliz?

— Porque esse não é você, não é seu sonho, — disse Tony. — Não do Drew que conhecia, em qualquer caso. Não queria ser um chupa-sangue corporativo, me perdoe, advogado, em primeiro lugar. Queria ser biólogo. E nunca parecia preocupado por onde vivia ou o que conduzia tampouco. Quero dizer, não foi aficionado às coisas. Não foi materialista.

— Sim, suponho que não. — Andrew baixou a vista para suas mãos.

— E não queria nenhum troféu branco para transar cada noite. — A profunda voz do Tony se fez mais grave, quase como um grunhido. — Se não recordar mal, você foi o único que queria ser tomado. Não é certo, Drew?

— Eu... Uh... — Andrew sentiu que as bochechas lhe punham quentes e de repente sua ereção havia tornado com toda sua força. Deus, quanto tempo tinha passado desde que se permitiu pensar sobre essa parte de si mesmo? Fantasiar sobre o que realmente queria? Não tinha visto o homem que estava sentado ao seu lado em quase uma década e ainda assim o tom autoritário do Tony ainda o fazia ficar dolorosamente duro.

— Hei dito não é certo, escravo? — Tony cavou sua bochecha com uma mão grande e calosa e girou a cara do Andrew para que não pudesse evitar olhar seus ardentes olhos negros. Andrew tragou saliva, ouvindo um seco clique em sua garganta.

— Sim... Sim, Senhor, — murmurou, ouvindo a submissão em sua própria voz.

— Recorda como estava acostumado a me rogar que lhe possuísse? — continuou com uma voz baixa e íntima. — Recorda como você gostava de me chupar o pênis e tragar meu sêmen?

— Deus, sim, — suspirou. Quase podia cheirar a quente e picante fragrância do grosso pênis de seu amante, quase podia sentir o salgado e amargo sabor de seu sêmen.

— Foi bom nisso também —, disse Tony. — O melhor. Estava acostumado a me encantar ver-te entre minhas pernas, tomando meu pênis até o fundo de sua garganta, me trabalhando até conseguir meu sêmen. Seus lábios sempre se sentiam tão suaves, tão quentes. — Inclinando-se para diante, tomou a boca do Andrew com uma quente intensidade que fez que o pênis do Andrew se sentisse como se estivesse a ponto de explorar.

Tony ainda tinha o mesmo sabor, picante e delicioso. Tinha passado tanto tempo desde que Andrew tinha beijado a outro homem que tinha esquecido como se sentia. A sensação da cálida e masculina mão que o sujeitava e a forma agressiva e faminta com a que Tony devorava sua boca o estavam levando ao seu limite. Justo quando sentiu que ia correr-se nas calças, Tony se incorporou e se retirou.

— Que...? — Andrew o olhou, aturdido pelo duro e insistente beijo. — Aonde vai?

— Não vou a nenhum lugar. — Tony começou a desabotoar o botão superior de suas calças. — Estou-me despidendo. Você também. Te dispa. Totalmente.

— Mas eu... Nós... — Inclusive embora tratasse de pensar em uma forma de protestar, Andrew já se estava tirando a camiseta que levava e já se estava desabotoando sua calça militar. E sua mente ficou em branco enquanto olhava como se revelava o duro corpo do Tony, pouco a pouco.

A pele do Tony ainda tinha o mesmo quente tom canela, e os músculos de seu peito e de seu abdômen se esticaram quando se tirou os jeans. Quando tirou os boxers de cor azul escura, Andrew viu que o grosso pênis que recordava tão bem já estava duro. Mantinha-se reto contra o ventre do Tony, com sua larga cabeça brilhando com seu pré-sêmen.

— Continua, — ordenou-lhe, e Andrew se deu conta de que tinha deixado de despir-se por olhar a seu amante.

— Sinto muito —, murmurou, se apressando a tirar as calças, sapatos e meias três-quartos. Tony se recostou de costas na cama e o olhou enquanto com uma de suas enormes mãos, acariciava a longitude de seu pênis em um gesto depravado de prazer.

— Eu adoro te olhar enquanto se despe. Deus, passou muito tempo da última vez que te vi, da última vez que te toquei, Drew —. Tony fez um gesto com a mão com a que não estava acariciando seu pênis. — Vêem aqui. Quero te abraçar outra vez, da forma em que estávamos acostumados a fazê-lo na casa da fraternidade.

Sentindo-se violento, impaciente e tímido de uma vez, Andrew se aproximou, indeciso de como proceder. Deveria estar fazendo isto outra vez depois de passado tanto tempo? Mas Tony não lhe deu ocasião de pensar nisso ou de ter uma segunda oportunidade. Estendeu a mão e de repente Andrew se encontrou a si mesmo dentro de um forte e nu abraço, com toda a longitude de seu corpo pressionando contra o do Tony.

— Sente-se bem? — Tony empurrou ao Andrew para cima até que ficou montado escarranchado sobre seu estreito e musculoso quadril e as longitudes de seus membros se esfregavam um contra o outro.

— Sabe que sim! — ofegou enquanto Tony prendia ambas as ereções em uma de suas enormes mãos e começava a bombear, criando uma intensa e deliciosa fricção entre elas.

— Me beije —, exigiu Tony. — Quero saborear sua boca enquanto esfrego seu pênis contra o meu, escravo.

Andrew se inclinou e plantou um úmido e quente beijo na boca de seu amante enquanto gozava da sensação do grosso pênis do Tony esfregando-se contra o seu. Os dedos do Tony eram quentes, fortes e suaves e o pré-sêmen que fluiu de ambos as atuou como um lubrificante enquanto Andrew se esfregava contra a mão de seu amante.

— Está bem, Drew... está bem. Eu adoro te sentir contra mim. Quero sentir que te corre, — grunhiu brandamente quando o beijo terminou.

— Deus, Tony! —, ofegou, tratando de manter o fôlego enquanto se moviam juntos. — Não posso acreditar que estejamos fazendo isto outra vez depois de todo este tempo.

— Vamos fazer muito mais em um minuto, — prometeu-lhe. — Faça-o com força, Drew. Quero sentir que te corre contra mim.

— Eu... eu também quero me correr. Mas não assim. — Andrew se apartou bruscamente do íntimo abraço e Tony o deixou ir com uma expressão preocupada em sua cara.

— O que significa isto? — perguntou. — Ainda não pode deixar atrás o passado? Ainda não pode me perdoar?

Andrew sorriu.

— Perdoei o que passou aquela última noite que estivemos juntos faz muito tempo. Mas não quero me correr assim por que... Porque quero fazer contigo dentro de mim. Tomando-me... Por fim, Tony.

Tony gemeu, um som que se parecia mais a um meio grunhido.

— Deus, Drew, não sabe o que me está fazendo neste momento! Não tem nem idéia de como eu gostaria de fazê-lo, separar suas pernas, entrar no seu apertado traseiro e te encher com meu sêmen. Mas não posso... não esta noite.

— Por quê? — Andrew podia sentir a progressiva frustração em sua própria voz, mas não lhe importava. Era justo como estar de volta na universidade, ele rogando ao Tony que consumasse sua relação e Tony dissuadindo-o. — Por que não? — disse outra vez. — Quero dizer, sei que não podemos estar juntos, o fato de que seja... ah, Were, faz impossível algo permanente, mas ao menos poderíamos...

Tony o interrompeu. — Não é isso, Drew, ou não tudo, ao menos. Declarei-me em estado de Lobo Solitário ao mesmo tempo em que falei com meu pai sobre nós. Significa que em certo modo... Separei-me da manada. Faço o que quero, vou onde quero. Transo com quem quero. — Dirigiu ao Andrew um eloqüente olhar que o desconcertou e o excitou de uma vez.

— Então por que...? — Andrew sacudiu a cabeça. — Deus, Tony, não sabe durante quanto tempo quis isto! O freqüentemente que sonhava com isso, inclusive depois de nos separar. — Olhou profundamente aos olhos de seu amante e murmurou, — Por que não vai fazê-lo?

Tony suspirou e passou uma mão por seu grosso cabelo negro. — Recorda que a última noite, depois de que troquei de novo, disse-te que não poderia porque poderia te converter no que eu era?

— Eu... honestamente, tinha tanto medo que não recordo tudo o que disse, — admitiu. — Mas... poderia fazê-lo de verdade? Quero dizer, isso poderia acontecer?

Tony assentiu com a cabeça gravemente. — Em uma noite de lua cheia como esta? Demônios, sim. Há dois tipos de licântropos. Genéticos, que significa que o herda de seus pais, que são ambos os Were, assim não podem evitar transmitir os gens. E também há licântropos contagiados. Do tipo no que te converteria se tiver relações sexuais com um Were.

— Mas... — Andrew moveu a cabeça. — Devo ter chupado seu pênis e tragado seu sêmen duas ou três vezes ao dia quando estávamos na universidade.

— O sexo oral não é um problema. O ácido de sua saliva neutraliza o vírus. — Tony o olhou com cara séria. — Mas se o tomo e me corro dentro de ti, há uma probabilidade significativa de que esteja uivando à lua comigo ao mês seguinte. Utilizar uma camisinha não o evita, tampouco. Ainda não se inventou a camisinha que não deixe passar o vírus Were — é muito minúsculo e virulento.

Andrew sentiu como se um cubo de água gelada tivesse sido derrubado na boca de seu estômago. Inclusive nove anos depois, a imagem mental da besta em que Tony se converteu estava vívida em sua imaginação. Não podia imaginar-se se convertendo em um monstro bebedor de sangue como aquele uma vez ao mês.

Uma comissura da boca do Tony descendeu com violência.

— Não é assim, Drew. Absolutamente é como o que está pensando.

Andrew cruzou os braços sobre seu peito defensivamente. — Como sabe o que estou pensando?

— Está escrito tudo em sua cara. — Tony sacudiu a cabeça. — Deus, desejaria que nunca me tivesse visto assim! Se ao menos tivesse mantido o controle sobre mim mesmo essa noite...

— Baixou o olhar para suas mãos fechadas em punhos apertados. — Sabe, Drew, quis te chamar centenas de vezes depois daquela noite. Pensei nisso, inclusive levantei o telefone e marquei seu número. Mas ao final nunca pude fazê-lo.

— Por que não? — Andrew se sentia como se tivesse o coração na garganta, e não pudesse baixar sem importar quanto traggasse.

— Por causa disto. — Tony se destacou a si mesmo. — Pela maneira em que me está olhando justo agora. Como se fora algum tipo de fodido monstro diabólico que poderia saltar sobre ti e te comer em uns minutos. E sei... sei... — levantou uma mão adiantando-se aos protestos do Andrew. — O que viu foi muito espantoso e não deve te culpar por pensar assim, Drew. Mas a verdade é que não caçamos nem matamos humanos. Perseguimos cervos e coelhos, algum jogo selvagem como isso. O que passou com o Wainwright... Só o soltei. A dor pela surra e a chamada da lua foi muito. E depois quando veio para ti com um taco de beisebol... — Sacudiu a cabeça. — Aquela noite fui contra tudo o que tinha aprendido, e o lamentei cada dia de minha vida após.

— Tony, eu... — Andrew sacudiu a cabeça com indecisão. — Não sei o que dizer. Não acredito que seja uma espécie de assassino em série que se transforma em um monstro e ataca gente cada lua cheia, mas o que vi é muito difícil de esquecer. Eu só... É que não sei se quero isso para mim.

— Compreendo. — Tony assentiu e um pequeno músculo se esticou em sua mandíbula. — Não te culpe, tampouco. Não temos que fazê-lo esta noite. Diabos, não temos que fazê-lo absolutamente. Deixarei-te voltar para sua vida. — Começou a deslizar-se fora da cama, mas Andrew pôs uma mão sobre seu braço.

— Espera, eu não tenho nenhuma vida. Nenhuma que queira, ao menos. Sou infeliz trabalhando na firma de advogados do meu pai, minha esposa troféu é uma loira oportunista caça-dotes e todo o resto, a casa, o carro, o navio,... tudo parece... vazio. — Apertou com força o braço do Tony. — Eu... Não havia sentido nenhuma esperança em muito tempo. Não até agora quando jogou a porta abaixo e me sujeitou na cama.

Tony sacudiu a cabeça.

— E o que quer que faça, Drew? Vou-lhe dizer isso, hei-te dito tudo. Nunca deixei de pensar em ti, tampouco. — inclinou-se para frente e cavou a bochecha do Andrew com uma mão. — Nunca deixei de esperar que voltasse a te pôr em contato comigo e me dizer que queria reatá-lo onde o tínhamos deixado.

— Queria fazê-lo. Só que tinha medo. Nem tanto do que tinha visto como de que me odiasse. — Andrew passou uma mão pela cara. — Sobre tudo depois da forma em que escapei de ti.

— Nunca poderia te odiar. — Tony se inclinou para ele e o beijou brandamente em um lado de seu pescoço, lhe provocando um formigamento quando seus quentes lábios tocaram a sensível pele de sua garganta. — Nós dois nos equivocamos. Estúpidos idiotas, atirando pela amurada o melhor que já aconteceu aos dois. — Pôs uma cálida mão na parte de atrás do pescoço do Andrew. — Mas podemos trocar isso agora mesmo, se quiser, Drew. Quer?

Andrew inspirou profundamente, tratando de concentrar-se apesar da quebra de onda de emoções que o suave toque de Tony tinha provocado em seu interior. — Me deixe verte — o digo a sério. Deixe-me ver-te trocar. Pode?

Tony franziu o cenho.

— Bom, sim, mas de verdade acha que...?

— Pode me machucar se trocar? — interrompeu-o. — Quero dizer, poderia? Diz que em forma de lobo não pensa assim... — Não estava seguro de como terminar a frase.

— Posso? — Tony se encolheu de ombros. — Claro. Mas o faria? Nunca. Interessa-me, Drew. Nunca poderia te fazer dano, de nenhuma forma se puder evitá-lo. Está a salvo comigo, não importa em que forma esteja.

— De acordo. — Andrew assentiu com a cabeça e cruzou os braços sobre o peito. — Muito bem, então me mostre. Só por um momento.

Tony o olhou indeciso. — Está seguro?

— Estou seguro. Estarei bem, é só... Que preciso vê-lo. — Andrew só esperava não estar cometendo um enorme engano.

Tony assentiu e se levantou da cama movendo-se com sua habitual graça animal. Olhou ao Andrew. — Aí vai.

Houve uma vibração ondulando no ar e de repente em lugar de um musculoso homem de quase dois metros de altura, havia uma enorme e peluda criatura de pé frente a ele. Com uma áspera pelagem negra e um comprido e estreito focinho cheio de dentes afiados e uma língua rosa pendurando. Estava de pé sobre suas patas traseiras como um homem, mas debaixo do animal, tudo estava bem detrás desses olhos dourados que olhavam ao Andrew sem pestanejar. Era o monstro que tinha visto vagamente no banheiro de sua habitação aquela noite. A criatura que tinha visto rasgando a cabeça do Wainwright.

— Merda! — Foi tudo o que Andrew pôde fazer para não sair da cama e escapar tão longe da besta como pudesse. Seu coração pulsava ao dobro de seu ritmo normal e fechou as mãos formando dois punhos. Tranquilo, disse-se a si mesmo. Tome o com calma, é Tony e me jurou que não me faria mal.

Andrew obrigou a si mesmo a regular sua respiração. Durante quase dez anos esse monstro tinha jogado um papel destacado em seus pesadelos, mas sabia que só havia uma forma de superá-lo. Tinha que entrar na guarida do leão e enfrentar-se a seu medo.

Movendo-se lentamente com movimentos não ameaçadores, levantou-se da cama e se aproximou da criatura. Seus olhos dourados o observaram tranqüilamente, e a besta em que se converteu Tony se manteve quieta, muito quieta enquanto Andrew levantava uma mão tentativa para acariciar sua áspera e negra pele. Era cálida e muito mais suave ao tato do que parecia, e pôde sentir o enorme peito ampliando-se e contraindo-se ao respirar. Andrew levantou o olhar para o monstro de mais de dois metros de altura que se elevava sobre ele, enquanto seu medo ia desaparecendo.

— É você realmente, Tony, verdade? — murmurou, sem esperar resposta. Produziu-se uma ondulação no ar ao redor da besta, e de repente seu amante estava ali de pé outra vez.

— Sim, — disse Tony quase rindo. — Sim, Drew, sou eu. — Sujeitou ao Andrew para lhe dar um comprido e quente beijo que Drew lhe devolveu, sorrindo. — Suponho que achou que fosse um animal de estimação para acariciar assim minha peluda pele.

Andrew lhe devolveu o sorriso.

— Não muito. Embora eu goste mais nesta forma.

Tony assentiu com a cabeça. — Isso está bem, já que esta é a forma que tenho o 99% do tempo. A questão é, quereria comprová-lo por ti mesmo, ser um Were, quero dizer?

— Bom, eu... — Andrew sacudiu a cabeça. — Não sei. Como se sente sobre ser um... Um Were?

Tony ficou quieto por um momento, obviamente considerando de verdade a pergunta. — Eu gostava quando era um menino, não troca até a puberdade, certamente, mas eu gostava da idéia. Pensava que era bom, como ser um nativo americano ou algo assim. Não pensei nisso quando era um adolescente, inclusive depois de começar a trocar e a caçar. — Suspirou. — Sabe, suponho que realmente nunca me preocupou ser um Were até que isso me impediu de estar contigo. Então me incomodou como o inferno, sobre tudo o fato de que se supunha que estava sendo treinado para liderar a manada algum dia quando eu só queria jogar raízes com um bonito menino. — Sorriu abertamente e aplaudiu ligeiramente a bochecha do Andrew. — Você.

— Basta já. — Andrew se tirou sua mão de cima com um sorriso e se acomodou na cama. — Assim que se sente bem com isso enquanto não interfira em sua vida social? Quero dizer, trocar a lobo e caçar outros animais não te perturba um pouco?

Tony se sentou a seu lado. — Bom, sabe, isto é o que sempre conheci, assim que me parecia normal. E tem muitos benefícios. Por exemplo, ter uma força sobre-humana e curar-se mais rápido. Embora ainda ficam cicatrizes, assim não te recomendaria realizar esportes extremos ou um pouco parecido. — riu. — A esperança de vida é possivelmente um pouco maior, assim que a percentagem de mortalidade infantil é um pouco mais elevado para os Weres, com o que fica compensado. E, Drew... — apertou o braço do Andrew enquanto uma luz feroz ardia em seus olhos. — É possível que não possa imaginar a adrenalina correndo por suas veias quando sai a caçar. O vento em seu cabelo e os doces aromas do bosque ao seu redor... É assombroso.

— Faz que soe maravilhoso —, disse Andrew brandamente.

— É — disse simplesmente Tony. — pode sê-lo, de qualquer forma. É o que eu sou, uma parte de mim da que não posso me desprender.

— Mas acreditei que havia dito que, ah, tinha-te separado da manada, — objetou Andrew.

Tony assentiu. — Sim, mas não devido ao que sou a não ser ao que não sou. Nunca estive feito para ser o líder da manada, O Lobo, da forma em que meu velho queria que fosse. O transmiti a minha irmã, Felicia. Ela é uma pequena coisinha, mas dura como o metal, e está fazendo um fodido melhor trabalho do que eu poderia ter feito, porque ela queria esse posto.

Andrew sorriu, recordando que Tony sempre lhe tinha tido carinho a sua irmã pequena.

— Eu gostaria de conhecê-la algum dia.

Tony assentiu. — Ela também quer te conhecer. E agora que é O Lobo, também poderia ter a oportunidade de conhecer resto da manada, já que ela está levando a cabo algumas mudanças, grandes mudanças. — Riu brandamente. — Deveria ter visto meu velho quando ganhou o desafio da manada. Esteve a ponto de ter um ataque do coração no lugar.

— Lembra que disse que não era muito, né, flexível, — comentou Andrew.

Tony o olhou pensativo. — Sim, também tem uns costumes profundamente arraigados. Nunca lhe ocorreu que a seu único filho pudesse lhe gostar de um menino ou que sua única filha pudesse ser um melhor líder para a manada. É obvio, ele não nos fala com nenhum dos dois. Só desejaria que estivesse mais aberto às mudanças.

— Aberto às mudanças, — repetiu Andrew com ar pensativo. Tinha aceitado o fato de que Tony tinha matado ao Wainwright e o tinha superado, mas ainda tinha algumas decisões que tomar. Queria estar com um homem que levava um lobo de mais de dois metros espreitando dentro dele? E mais importante, queria ter escondido dentro dele mesmo uma besta similar? Olhando a incerteza nos negros olhos do Tony, soube que não havia nenhuma dúvida absolutamente.

— Sim, — disse simplesmente, aproximando-se do Tony até que suas coxas se tocaram. O calor do corpo nu do Tony irradiava contra sua pele nua como se estivesse sentado perto de um forno.

— Sim, o que? — Tony franziu o cenho, obviamente confundido.

— Sim, quero isto, quero a ti. Necessito-te em minha vida porque sem ti não estou completo. — Andrew sorriu. — Sinto que me levasse tanto tempo vê-lo.

— Está seguro, Drew? — os olhos negros do Tony estavam sérios. — Quero dizer, não temos que fazê-lo esta noite. Se esperarmos até que a lua seja mais tênue, dentro de um par de noites, a probabilidade de que te converta em licântropo será quase nula.

Andrew moveu a cabeça. — Quero que me faça amor esta noite. Não me preocupam os riscos, assumirei-os com tal de te ter dentro de mim.

— Deus, Drew! — a ferocidade da resposta do Tony o surpreendeu. De repente se encontrou convexo de costas com seu amante em cima, assaltando sua boca com uma urgente intensidade que o deixou sem fôlego. Tony o esmagou contra o colchão, enquanto sua língua explorava os lábios do Andrew, sua boca, seu vulnerável pescoço. A grossa forma de seu pênis se apertava contra o seu com uma fricção que ameaçava prender fogo se não se aliviasse logo.

Andrew gemeu ao sentir o duro, sensual e nu corpo de seu amante pressionando contra o seu, com a quente sensação de seu pênis que se esfregava contra o do Tony outra vez depois de tantos anos. Como por instinto, separou as pernas, as abrindo para dar as boas-vindas a seu amante em um gesto de submissão tão velho como o tempo.

— Deus, Drew, — murmurou Tony, pressionando seus quadris para cima para esfregar-se contra seu amante. — quis isto durante tanto tempo. Nós os Weres têm isto... o chamamos o impulso de emparelhamento. Vem-te quando encontraste à pessoa correta, a outra metade de seu coração. Estive-me consumindo por ti, precisando te reclamar como meu desde... Deus, parece que sempre.

Andrew lhe sorriu. — Isso eu gosto. A idéia de que me reclame. Fazer-me teu.

— Isso, escravo, — grunhiu Tony, mordendo brandamente um lado de seu pescoço, utilizando o nome que acendia a paixão do Andrew.

— Tentei... tentei tanto ser o que não era, — ofegou enquanto Tony começava a lamber seguindo um lento e delicado caminho que descidia por seu peito.

— Eu também. — Tony elevou o olhar por um momento, com seus olhos negros brilhando. — Pensei em encontrar outro Lobo Solitário para me emparelhar depois de perder a esperança de que voltaríamos a estar juntos. Mas, de algum jeito, não pude. — Franziu o

cenho. — Menos mal que não o fiz, não existe o divórcio entre os Weres. Tem que lutar para resolver uma relação.

— Bom, nunca te vais liberar desta, — disse Andrew antes de pensar sobre isso. Então o assaltaram umas dúvidas repentinas. — Quer dizer, quero dizer, se quiser uma relação, — acrescentou indeciso.

— Chuparia seu pênis se não quisesse uma relação? — exigiu Tony, elevando a vista para ele. Sem esperar uma resposta, inclinou-se para baixo e tomou a ereção do Andrew em sua boca, tão profundamente como pôde.

— Deus! —, Andrew arqueou as costas e exclamou em voz alta pelo repentino calor úmido que o envolveu. Tentativamente alargou as mãos e as enterrou nos grossos cachos negros do Tony, sentindo a sedosa textura entre seus dedos enquanto se movia depressa dentro da boca de seu amante. Era justo como recordava da faculdade. A escorregadia fricção da boca do Tony, em combinação com as lambidas de sua língua fazia que Andrew se sentisse como se pudesse deprimir-se de prazer. E estava a sensação de que Tony estava fazendo algo que adorava, algo que tinha desejado e com o que tinha sonhado durante anos. Em seu toque se refletia a soma de noites sem dormir e dias inquietos, de sonhos há tempos postergados. E de um amor feroz e inextinguível.

Todas estas emoções se uniram ao intenso prazer da melhor chupada que lhe tinham feito na vida, e que estava levando ao Andrew ao limite em menos tempo de que sonhou que seria possível.

— OH, Deus... OH, Tony, não posso... tem que parar! — gemeu, puxando os negros cachos de Tony com desespero. — Se não parar me vou correr. Não poderei evitá-lo!

Tony não se deteve, exceto para elevar a vista durante um momento e dizer, — Adiante e te corra, Drew. Quero tragar seu sêmen e depois vou foder-te. Vou montá-lo durante toda a noite e a me correr dentro de ti tão profundo que possa notá-lo. Entende?

— Deus, sim! — gemeu Andrew enquanto a talentosa boca do Tony voltava para trabalho. Podia sentir a língua de seu amante, dando voltas expertamente ao redor de seu membro e então uma forte e deliberada sucção, como se Tony realmente tentasse extrair o sêmen de seu interior. Andrew só esperava que soubesse o que estava fazendo. Recordando os dias na universidade, Andrew tinha tragado muitas vezes o sêmen de seu amante, mas Tony nunca o tinha chupado até o final. Mas quando alcançou o orgasmo, estremecendo-se da base de sua espinha dorsal e estendendo-se como um barril de pólvora até a base de seu pênis, não pôde pensar em nada salvo no bem que se sentia em deixar ir, permitir a si mesmo correr-se dentro da cálida e disposta boca de seu amante.

Tony não vacilou nem um momento. De fato, empurrou-se para diante, tomando inclusive mais do pênis do Andrew até sua garganta enquanto tragava cada gota. Quando terminou, Andrew se sentiu totalmente esgotado, como um trapo escorrido que tivesse sido retorcido para que soltasse até o último pinga de prazer. Tornou-se ofegando sobre a cama, esperando que Tony separasse suas pernas em qualquer momento e empurrasse bruscamente entre elas. Havia sentido o calor do pênis de seu amante pressionando contra sua coxa enquanto Tony o chupava, e sabia que o enorme Alpha devia estar quase preparado para explodir pela tensão.

Mas em lugar disso, Tony se acomodou a seu lado na cama e se inclinou sobre ele para um comprido e delicioso beijo. Andrew gemeu em sua boca enquanto provava sua própria essência na língua de seu amante. Não foi até que Tony não teve explorado a consciência sua boca que ele não se recostou e ficou olhando fixamente ao Andrew.

— E bem? — Andrew elevou o olhar para ele com espera. — Vai tomar-me? — só dizer as palavras proibidas fez que seu pênis despertasse, inclusive embora tivesse acabado de correr-se tão forte que tinha visto as estrelas.

Tony deixou sair um ruído grave e gutural do fundo de sua garganta. — Deus, quando me fala assim, sinto-me como se fosse explodir.

Andrew lhe ofereceu um lento sorriso. — Entretanto, posso fazê-lo melhor, — murmurou, arqueando as costas para pressionar seu corpo nu contra o musculoso corpo que tinha em cima. — Quer que te rogue, da forma em que me fazia fazê-lo em nossa habitação da casa da fraternidade? Quer que diga, — Por favor, Amo, quero muitíssimo seu pênis dentro de mim. Por favor, me monte duro e me encha com seu sêmen — Sorriu abertamente. — Isso é o que quer que diga?

— Já há dito suficiente, — grunhiu Tony. Cobriu o corpo do Andrew com o seu para um intenso beijo mais, e então seus agudos olhos negros começaram a procurar pela habitação. — O que tem por aqui para usar como lubrificante? Se não recordar mal, está tão apertado como uma virgem em sua noite de bodas. Não quero te machucar.

Andrew alcançou da mesinha de luz ao lado da cama, e agarrou a loção para as mãos a base de mel e madeira de sândalo que Elizabeth lhe tinha presenteado uns meses antes. Suspeitava que unicamente o tivesse comprado para assim poder lhe dar um presente enquanto lhe anunciava como tirando importância, que tinha gasto quinhentos dólares em cosméticos para ela. Mas nesses momentos sua irritante noiva era o último no que pensava, primeiro estava satisfazer a fantasia que tinha tido durante os últimos nove anos.

— Toma, — passou a loção ao Tony, indeciso do que ia passar a seguir.

— Bem. Agora estende as coxas para mim e me deixe entrar. — Tony estava de joelhos agora, inclinado sobre o Andrew e esperando que este obedecesse as suas ordens. Sem vacilar, Andrew o fez, expondo seu corpo embora sua mente estivesse totalmente confusa.

Tudo no que podia pensar era em que nunca tinha feito isto antes, e não estava seguro de se Tony sim. Só esperava que a paixão que sentiam não dominasse o bom julgamento de ambos. O pênis do Tony parecia mais largo e grosso que nunca, e o pensamento de tê-lo dentro dele era intimidador, por não dizer outra coisa.

Então todos seus preocupados e dispersos pensamentos desapareceram de sua cabeça quando o doce e ligeiramente almiscarado aroma da loção encheu o ar e sentiu dois grandes e largos dedos pressionando contra a entrada de seu corpo. Andrew ofegou e separou mais as pernas por instinto enquanto Tony murmurava suaves palavras de ânimo ao mesmo tempo em que trabalhava para chegar mais e mais fundo na apertada entrada do Andrew.

— Isso, Drew, te abra para mim, — suspirou enquanto seus dedos se deslizavam dentro outra polegada. — Só te abra e me deixe entrar, me deixe te preparar para mim. Preciso te ter cômodo e aberto para poder te montar forte.

Quase sem saber o que fazia, Andrew separou mais suas coxas enquanto seu amante trabalhava mais profundamente dentro de seu corpo. Deus, tinha esquecido quão largos eram

os dedos do Tony e aquilo era sozinho seus dedos. Como diabos iria tomar seu enorme pênis dentro dele quando chegasse o momento?

Então Tony moveu seus dedos em um ângulo diferente e roçou uma área sensível no interior de seu corpo que quase o faz perder o controle. De repente em lugar de sentir-se espremido, estava outra vez semi-ereto enquanto seu amante seguia roçando esse lugar uma e outra vez, pondo-o mais duro com cada carícia.

— Deus, Tony, que...? — mal pôde terminar a pergunta, de tão grande que era o prazer.

Tony sorriu abertamente. — A próstata. Justo como quando vai ao médico para sua revisão anual, né?

— A... apenas, — gaguejou Andrew. Não podia acreditar o prazer que estava obtendo só dos dois dedos do Tony, e de repente estava impaciente de tentá-lo com seu pênis.

— Bem, Drew, acredito que está quase preparado. — Para sua desilusão, Tony retirou os dedos. Mas então caminhou de joelhos sobre a cama e se acomodou de tal forma que seu grosso pênis estava justo na cara do Andrew, tão perto que pôde ver as gotas peroladas do pré-sêmen acumuladas na ponta. Incapaz de evitá-lo, Andrew se inclinou para diante e lambeu as salgadas e amargas gotas, faminto pelo delicioso sabor que recordava tão bem.

Tony tomou fôlego. — Isso, Drew, faz que me ponha bem molhado. Chupa meu pênis e me prepare para montá-lo.

Andrew elevou a vista para ele.

— Sim, Amo, — murmurou, e então, agarrando a grosso pênis com uma mão, tomou a verga do Tony com entusiasmo dentro de sua boca, molhando-a tanto como pôde, saboreando o sabor único e almiscarado de seu amante.

— Deus, Drew! Isso, chupa meu pênis. Toma-o profundamente nessa formosa garganta. Não posso esperar a te ter. Não posso esperar a te encher com meu sêmen.

Andrew chupou, lambeu e beijou carinhosamente a grossa verga que se penetrava sua boca. Deus, tinha sentido falta disto. Chupar um pênis, lambe o salgado pré-sêmen da ponta da larga cabeça com forma de cogumelo, a sensação de outro homem possuindo sua boca, obrigando-o a submeter-se.

Finalmente, quando pôde sentir que a enorme ereção palpitava dentro de sua boca, Tony a tirou. Andrew seguiu o pênis com sua língua, querendo mais, não querendo que a experiência terminasse. Mas antes que pudesse protestar, Tony o fez rodar sobre seu estômago com as pernas estendidas e suas nádegas levantadas.

— Acredito que agora está preparado, Drew, — grunhiu, soando mais animal que humano. — Eu sim sei que o estou. Preciso colocar meu pênis dentro de ti. Preciso-te desesperadamente.

A boca do Andrew se secou de repente pela vulnerável posição em que se encontrava, mas não havia nada que pudesse fazer agora. Fazendo uma profunda inspiração, enterrou a cara no travesseiro e agarrou a macia e suave colcha com seus punhos, tratando de estar preparado para o assalto de seu amante.

A cálida e úmida exploração do pênis do Tony foi exatamente como recordava de fazia anos, da primeira vez em que ele e seu amante tinham compartilhado uma cama. Vividamente Andrew recordou lhe pedir ao Tony que o transasse, recordou a forma em que Tony tinha

pressionado justo um pouco, abrindo-o, lhe deixando saber que poderia estar dentro se o enorme Alpha aceitasse seu oferecimento.

Esta vez, a larga cabeça do pênis do Tony fez algo mais que abri-lo, entrou dentro dele, pressionando até passar o tenso anel de músculos que protegiam a entrada a seu corpo, abrindo brecha em suas últimas defesas. A loção de madeira de sândalo ajudou algo a facilitar o caminho, mas ainda assim não pôde evitar afogar um grito quando o grosso pênis começou a entrar em seu corpo, polegada a inevitável polegada.

— Tranquilo, Drew, — pôde escutar que Tony murmurava, e então a cálida e enorme mão de seu amante acariciou suas costas com largas e tranquilizadoras carícias. — Tranquilo agora. Só agüenta, dentro de um momento estarei totalmente dentro e então o pior já teria passado.

— Deus... Deus! — gemeu Andrew, apertando a colcha dentro de seus punhos e tratando de acostumar-se à sensação de estiramento, à sensação de ser penetrado, cheio e possuído por outro homem. Teve um total e novo respeito pelas mulheres, como o faziam? Como podiam permitir a alguém entrar e utilizar seus corpos? Enchê-los, abri-los completamente de tal forma que possivelmente nenhum secreto podia ser guardado?

Justo quando acreditava que não poderia tomar nada mais, sentiu que os estreitos quadris do Tony se encontravam ao mesmo nível de seu próprio, e soube que seu amante estava finalmente todo dentro. Deus, tão freqüentemente como tinha imaginado este momento, mas isso não tinha nada que ver com as sensações reais de abrir-se a si mesmo ou deixar que outro homem o enchesse com seu pênis.

Tony se manteve totalmente imóvel dentro do corpo do Andrew, mas ao pouco momento começou a realizar pequenos e curtos movimentos de impulso, como se comprovasse o ambiente para ver se Andrew estava de acordo. Ao princípio Andrew não estava seguro, mas então sentiu a larga cabeça do pênis de seu amante roçar a sensível área dentro de seu corpo uma vez mais. A pequena ação foi seguida por um cegador flash de prazer e de repente se encontrou empurrando para trás.

— Isso, Drew, vamos, pode tomá-la, — disse Tony entre dentes, pressionando mais forte, mais profundo, empurrando de forma mais prolongada dentro e fora do corpo do Andrew enquanto seus ritmos se emparelhavam. — Te abra para mim, me deixe enchê-lo, — grunhiu com seus grossos dedos afundados nos quadris do Andrew enquanto ambos se moviam juntos.

— Deus, Tony, não posso acreditar... — logo que podia terminar seu pensamento enquanto a grosso pênis se deslizava dentro e fora dele, abrindo-o mais com cada impulso. — Não posso acreditar que finalmente o estejamos fazendo, — gemeu ao fim. — Quis-te... durante tanto tempo. E agora...

— E agora vou montar seu ânus até que me corra, — terminou Tony por ele. — E você vai correr-te também, Drew.

Andrew começou a protestar que não havia maneira de que pudesse correr-se outra vez tão logo, mas então sentiu uma cálida e enorme mão debaixo dele cavando seu membro e então Tony começou de verdade a se chocar contra ele, a esmurrá-lo, a montá-lo forte tal e como lhe tinha prometido.

Enquanto a enorme mão o acariciava da base de seu pênis até a ponta, o enorme pênis de seu amante o brocava por dentro até que o fôlego na garganta do Andrew se rasgou como o papel e seu peito subia e baixava com os constantes impulsos do corpo do Tony dentro do dele. Parecia que ia seguir para sempre, o grosso pênis golpeando em seu interior, montando-o, possuindo o da forma em que sempre tinha querido que Tony o possuísse. Em seu interior o prazer crescia, ameaçando formando uma espiral fora de controle com cada duro impulso. Então, justo quando acreditou que não poderia tomar nada mais, Tony começou a gemer em seu ouvido enquanto o montava.

— Drew, vou correr agora. Vou encher-te com meu sêmen. Está preparado? Está preparado para te correr comigo?

— Deus, sim! — disse Andrew com um gemido, e se encontrou de maneira que era verdade. Sentiu ao Tony empurrar tão profundamente dentro dele como era possível, e então uma quente corrente o encheu quando seu amante se correu em seu aberto e submisso corpo pela primeira vez. A sensação do Tony correndo-se em seu interior, marcando-o como dele, fez que Andrew se encontrasse a si mesmo perdendo o controle outra vez. Arrojou jorros sem poder conter-se sobre a cálida mão que o bombeava, liberando-se com alívio quando o prazer dentro dele o atravessou antes de afundar-se no colchão com o considerável peso do Tony em cima dele.

A respiração de ambos foi áspera e irregular durante uns momentos, mas ao final se recuperaram. Com um suave e sensual deslizamento, Tony se retirou de seu corpo e envolveu ao Andrew com seus braços.

— Mmm, Drew, foi incrível. Me recorde que não espere nove anos para tomá-lo outra vez, não? — murmurou brandamente ao ouvido do Andrew.

Andrew lhe ofereceu uma risada sonolenta. Havendo-se deslocado duas vezes na última hora, estava completamente exausto. — Sim, tentarei. Deus, foi tudo o que pensei que seria e mais. — estirou-se e bocejou. — É assombroso, Tony. Admito que ao princípio estava um pouco assustado, mas a forma em que tomou seu tempo...

— Não foi fácil, — Tony admitiu com uma breve risada. — estive esperando para montar seu traseiro durante quase uma década. É tempo suficiente para ficar com as bolas azuis

— Está me dizendo isso. — Andrew sorriu e se apertou contra seu amante, esfregando a bochecha contra o largo peito do Tony, inalando o escuro e animal almíscar que tanto adorava. Tinha a sensação de que ia estar um pouco dolorido durante um tempo, mas nem muito menos tanto como tinha temido. E não o suficiente para deter o Tony se queria fazê-lo outra vez. De algum jeito, pela forma em que seu amante se envolvia com braços e pernas ao redor de Andrew e beijava seu pescoço, pensou que provavelmente seria logo. Mas possivelmente havia tempo para um rápido cochilo antes que começasse o segundo assalto.

— Amo-te, Tony, — murmurou enquanto suas pálpebras se fechavam e se empurrava para trás contra o calor de seu amante sobre suas costas.

— Eu também te amo, Drew. Sempre te amei. E sempre te amarei, — a profunda voz de Tony retumbou em seu ouvido.

— Recorda... — Andrew soltou um enorme bocejo. — Recorda o lema do Alpha Psi, Tony?

— Qual? — Tony bocejou também. — Qual era? Algo assim como, corações juntos, ou algo parecido?

— Não, era: *Nossos corações estão unidos*. — Andrew lhe sorriu. — Estava pensando sobre isso porque se não me tivesse feito membro do Alpha Psi, você e eu, em primeiro lugar, nunca nos teríamos conhecido.

— Sim, e nos teríamos evitado quase dez anos de frustração. — Tony suspirou. — Mas sabe, não o lamento.

— Eu tampouco. — Andrew enlaçou seus dedos com os do Tony e beijou o seu amante brandamente nos lábios. — *Nossos corações estão unidos* —, murmurou outra vez. Seus pensamentos voltaram para a última noite da Semana Infernal, quando era um novo membro e como seu tempo com o Tony tinha trocado sua vida. E agora parecia que ia haver inclusive mais mudanças, para melhor, esperava.

Já tinha decidido que teria que romper com a Elizabeth, ela poderia chorar e lhe montar um espetáculo ao princípio, mas Andrew confiava em que quando lhe dissesse que poderia conservar a casa da cidade e o Jaguar que tanto adorava conduzir, veria a luz e o deixaria partir sem montar um escândalo. E quanto a seu trabalho, também o deixaria, poderia talvez fazer uma ruptura limpa. Nunca poria os pés outra vez no escritório de advogados de seu pai. Tinha ativos financeiros em abundância, suficiente para voltar para a faculdade e estudar esta vez o que quisesse. Podia entrar em biologia ou medicina, ou qualquer outra carreira que lhe interessasse.

A decisão de começar de novo outra vez ia ser definitivamente impopular entre sua família, mas com o Tony ao seu lado para apoiá-lo, Andrew sabia que podia fazê-lo. Ao final poderia despertar cada manhã sem a sensação de que sua vida era uma mentira, sem ter o desejo de colocar uma pistola na boca ou colocar um garfo na torradeira. Só de pensar nisso, em viver sua vida em seus próprios términos com o Tony como seu amante, o fazia sentir totalmente feliz.

É obvio que havia uma pergunta sobre o futuro que não podia responder, teria o desejo de uivar à lua cheia, no próximo mês, como lhe havia dito Tony? Sentiria o chamado da lua para trocar, caçar e alimentar-se? Ao sentir por fim os fortes braços de seu amante rodeando-o, a paz e a satisfação que enchiam seu coração pela primeira vez em anos, Andrew decidiu que não lhe importava. Assim que Tony e ele estivessem juntos, tudo ia estar bem porque nunca tentaria escapar outra vez do homem que amava.

FIM